

A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA

JORNAIS

TERÇA-FEIRA

2 DE MARÇO DE 2004

GRATUITO

ANO XIII

EDIÇÃO N.º 109

AÇORES E MADEIRA JÁ TÊM MEDICINA

Estudantes de Coimbra podem
fazer os dois primeiros anos da
licenciatura nos Açores

O protocolo assinado entre a Universidade dos Açores e a Universidade de Coimbra prevê a abertura de 20 vagas nos Açores já para o próximo ano lectivo. Contudo, a responsabilidade pedagógica e a regência das cadeiras fica a cargo de docentes de Coimbra. De forma semelhante, a Universidade da Madeira terá 35 vagas para os que entrem no curso de Medicina da Universidade de Lisboa. Metade destes lugares estão destinados aos candidatos abrangidos pelo contingente regional. Uma hipótese também em cima da mesa, embora ainda sem data prevista, é a de o estágio poder ser feito nas ilhas. Os estudantes que optem por concluir a licenciatura nos Açores ou na Madeira terão direito a uma bolsa especial. O objectivo do Governo é incentivar a fixação de médicos nas regiões autónomas. Isto num altura em que também as privadas querem entrar na corrida aos cursos de Medicina, tendo-se já candidatado seis instituições à autorização para abrir a licenciatura. **PÁG. 6**

Reportagem

Nova lei para o cinema português altera apoios

O universo do cinema nacional, apesar de integrar películas de enorme valor artístico e documental, continua em termos de produção reduzido e hostilizado. A CABRA projectou a bobina da nova lei do cinema e tentou perceber que alterações esta pode trazer.

PÁGS. 12 E 13

Camané

"O fado é uma música para toda a vida"

Após duas décadas de carreira, o fadista Camané lança o seu primeiro álbum ao vivo, um trabalho que reúne alguns dos seus principais temas. Em entrevista ao Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA, o artista fala da sua relação com esta forma de expressão musical.

PÁG. 19



UNIVERSIDADE ABRE PORTAS À CIÊNCIA

Arrancou ontem a sexta edição da Semana Cultural da Universidade de Coimbra. Pela primeira vez, o evento é subordinado a um tema: "Ciência e Sociedade - A Cultura Científica em Portugal e no Mundo" dá o mote para seis dias das mais diversas iniciativas. Depois do "Dia Aberto" de ontem e do lançamento de uma nova série da centenária revista "Via Latina", chega amanhã ao palco do Teatro Académico de Gil Vicente o musical "O Último Tango de Fermat", que promete ser um dos pontos altos do evento. **PÁGS. 2 E 3**



O dia a dia
da informação
em www.acabra.net

SUMÁRIO

Destaque	2	Reportagem	12
Opinião	4	Ciência	14
Academia	5	Desporto	15
Universidade	6	Cultura	17
Cidade	8	Artes Feitas	20
Nacional	9	Agenda	22
Internacional	10	Vinte&três	23

VI Semana Cultural aproxima universidade e ciência

Universidade de Coimbra promove cultura científica até sábado



O pró-reitor para a Cultura, João Gouveia Monteiro, principal responsável pela organização da VI Semana Cultural da UC, acredita no êxito da iniciativa

O programa da VI Semana Cultural da Universidade de Coimbra (UC) conta com a colaboração de todas as faculdades e museus universitários, bem como de diversos centros de investigação e ainda secções culturais da Associação Académica de Coimbra

João Pedro Campos
Rita Delille

A VI Semana Cultural da UC, organizada pela reitoria, começou ontem, estando pela primeira vez subjugada a um tema específico: "Ciência e Sociedade - A Cultura Científica em Portugal e no Mundo". Entre debates, colóquios, exposições e outras formas menos usuais de dar a conhecer a cultura científica, são seis dias em que a UC procura contribuir para um conhecimento científico capaz de influenciar positivamente a sociedade.

de.

Esta é já a sexta edição de um projecto que começou em 1999, durante o reitorado de Fernando Rebelo, pela mão da então pró-reitora para a Cultura, Maria de Fátima Silva. Segundo esta responsável, o objectivo da mostra era, à altura, "valorizar tudo aquilo que, no quotidiano universitário, se faz para além do ensino e da investigação científica especificamente".

Seis anos depois, o evento evoluiu, e as ambições são outras, como refere a própria organização. Assim, a VI Semana Cultural pretende ser, como explica João Gouveia Monteiro, actual pró-reitor para a Cultura e principal responsável pela organização da iniciativa, "uma tentativa de reverter o facto de ser dada pouca importância à cultura científica na nossa sociedade".

O responsável considera crucial o facto de, pela primeira vez, se ter concedido a esta iniciativa um tema. "Esta é a primeira verdadeira semana cultural", afirma. "Deixou de se chamar mostra, por ter agora um tema específico e assim ser mais dirigida e ter maior homogeneidade", refere Gouveia Monteiro. Assim, "houve uma tentativa de

evitar absorver coisas que já estavam programadas para ter uma coisa mais construída, mais coerente, mais encomendada" explica.

De resto, Gouveia Monteiro afirma que o modelo de escolha de um tema específico é para continuar nos próximos anos, havendo já a perspectiva, para 2005, de uma VII Semana Cultural, cujo tema deve ser "Abraço Lusófono". Segundo o pró-reitor para a Cultura, a escolha do tema surge como um prolongamento natural de um congresso luso-afro-brasileiro, organizado pelo Centro de Estudos Sociais, que decorre em Setembro deste ano.

Por fim, para Gouveia Monteiro, neste ano é também de salientar a forte aposta na divulgação, através de brochuras e cartazes alusivos à semana e aos próprios eventos.

"Dia Aberto" marca início

A VI Semana Cultural da UC teve início ontem de manhã, com um "Dia Aberto" na maioria das faculdades (ver caixa). À tarde, o auditório da reitoria foi palco da sessão solene comemorativa do 714º aniversário da UC, que marcou a abertura oficial da semana cultural. Neste certame destacou-se a entrega do "Prémio Universidade de

Coimbra" a Fernando Lopes da Silva, conceituado neurocientista. Durante a cerimónia, decorreu ainda o lançamento do primeiro número da sexta série da revista "Via Latina" (ver artigo). Por fim, à noite, houve um concerto da Orquestra Filarmónica das Beiras, no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV), a fechar em alta o primeiro dia de uma semana de "progra-

mação muito rica em espectáculos", segundo Gouveia Monteiro.

Entretanto, um dos pontos altos desta mostra, "O Último Tango de Fermat", vai subir ao palco do TAGV já amanhã (ver artigo). Para além deste musical, destaca-se ainda o espectáculo "Além as Estrelas são a nossa Casa", da Escola da Noite, a decorrer no Museu de Física, (que encerra a semana cultural) e a apresentação do novo disco e espectáculo dos Wray Gunn, organizado pela Rádio Universidade de Coimbra (RUC).

Outra das notas de destaque é a colaboração e disponibilidade demonstrada por todas as faculdades, o que deixou Gouveia Monteiro "muito satisfeito". Assim, para além do colóquio principal organizado pela reitoria (ver artigo), acontecem vários colóquios promovidos pelas diversas faculdades ao longo de toda a semana, além de recitais e exposições. Ao todo, são 18 eventos promovidos pelas oito faculdades da UC, e entre os quais se destacam as jornadas científicas dedicadas aos "1900 anos sobre a morte de Marcial", poeta do quotidiano da Roma do século I DC.

Outras iniciativas

Hoje, amanhã e quinta-feira decorre um ciclo de cinema científico no Museu Nacional da Ciência e da Técnica. Ao todo, são seis filmes, apresentados em sessões diárias de dois filmes cada, subordinadas aos temas "A Genética e Nós", "Novas Tecnologias" e "Alterações Climáticas". Noutro âmbito, ao longo da semana, os museus Mineralógico e Geológico, de Zoologia e de Física acolhem várias iniciativas interactivas destinadas a um público mais jovem.

Outras iniciativas prementes são o workshop da RUC, intitulado "Vem Ver Como a RUC Faz Rádio", e a exposição de uma réplica de uma câmara obscura, no pátio da UC, permitindo ao público desenharem a torre da universidade durante quase toda a semana.

"Dia Aberto" em todas as faculdades

Uma das novidades desta semana cultural é a abertura de todas as faculdades aos alunos do ensino básico e secundário. Assim, ontem, dia comemorativo do 714º aniversário da Universidade de Coimbra (UC), todas as faculdades tiveram as suas portas abertas, com excepção da faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física e da faculdade de Psicologia e Ciências de Educação, que o fazem quinta e sexta-feira, respectivamente.

Esta iniciativa serviu para diversas actividades, como mostras das instalações, laboratórios, apresentação de planos de curso, informação sobre saídas profissionais e programas como o Erasmus. A organização esteve a cargo dos conselhos directivos de cada faculdade.

O pró-reitor para a Cultura, João Gouveia Monteiro, justifica este "Dia Aberto" como uma forma de "os jovens que estão próximos de fazer uma escolha profissional e terem uma ideia prática do que os espera, uma vez que se há cursos em que se sabe a sua configuração, outros há em que a escolha é feita 'às cegas'".

Este "Dia Aberto" veio abrir um precedente: pela primeira vez desde que há memória, os funcionários não tiveram tolerância de ponto no dia do aniversário da universidade.



Colóquio "Ciência e Sociedade" pretende meditar sobre o papel da ciência na actualidade

“Ciência e Sociedade” marca semana cultural

Colóquio sobre ciência e sociedade traz a Coimbra personalidades nacionais e internacionais

Um dos pontos altos desta VI Semana Cultural é o colóquio “Ciência e Sociedade”, na quinta e sexta-feira, a ter lugar no Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra (UC). O colóquio, organizado pela reitoria da UC, conta com duas intervenções de convidados espanhóis e três mesas redondas onde a discussão ronda o papel fulcral da ciência no futuro da sociedade, bem como alguns riscos inerentes ao seu desenvolvimento.

A este respeito o pró-reitor para a Cultura, João Gouveia Monteiro, explica que “a escolha do tema, que é simultaneamente o do colóquio e o da semana cultural em geral, é uma tentativa de reverter o facto de ser dada pouca importância à cultura científica na nossa sociedade”.

Desta forma, o primeiro dia abre com uma conferência que vai versar a religião, a ciência e ideologias. Esta primeira ordem de trabalhos está a cargo de Juan Masiá Clavel, um jesuíta que se divide entre Madrid e Tóquio. “É um homem que tem uma reflexão muito rica sobre o diálogo inter-religioso e inter-cultural e sobre o compromisso entre ciência e religião”, sublinha o pró-reitor. Juan Masiá apresenta em Portugal, também durante esta semana, um novo livro sobre as temáticas abordadas na sua intervenção, intitulado “A Sabedoria do Oriente. Do Sofrimento à

Felicidade”.

À tarde, há uma mesa redonda dedicada ao debate sobre a importância da cultura científica na sociedade actual. Gouveia Monteiro explica que esta mesa abre “a discussão central sobre a importância da existência de uma cultura científica na nossa sociedade”. O responsável afirma ainda que este primeiro debate, moderado pelo biólogo Paulo Gama Mota, pretende demonstrar como “a construção de um futuro harmonioso e fecundo depende da existência de um conhecimento científico na nossa sociedade que permita tomar decisões acertadas nas coisas mais importantes das nossas vidas”. Da mesa fazem também parte Ana Leonor Pereira, da área da Filosofia, João Arriscado Nunes, sociólogo, João Rui Pita, de Farmácia e Jorge Dias Deus, físico do Instituto Superior Técnico. “São quatro olhares de quatro áreas distintas do saber, da área das humanidades, mas também da área das ciências ditas duras”, defende o pró-reitor para a Cultura.

Uma nova mesa redonda abre o segundo dia do colóquio. Moderada pelo professor de Filosofia e director do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV), João Maria André, esta é “uma mesa mais virada para o risco inerente ao processo do desenvolvimento do conhecimento científico”, explica Gouveia Monteiro. O debate centra-se na “ética e restrições sociais à investigação científica” e foi pensado em torno de temas como “a clonagem, os transgénicos, as armas de destruição maciça”, diz o pró-reitor. E completa: “Percebemos que há uma avaliação que tem que ser feita dos problemas que podem resultar da utilização socialmente indevida

do conhecimento científico”. Estarão presentes o médico Fernando Regateiro, o professor da faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e ex-assessor do primeiro-ministro para as questões do ambiente, Humberto Rosa, o físico e director do serviço de Ciência da Fundação Calouste Gulbenkian, João Caraça, e o jurista da UC, José Faria e Costa.

À tarde, há uma outra mesa redonda. Para Gouveia Monteiro, “depois de ter sido discutido o que é a ciência e os problemas a ela inerentes”, esta terceira mesa procura “inevitavelmente descobrir como se põe a questão da divulgação correcta da ciência e da formação de novos públicos nesta área”.

A mesa é moderada pelo físico Carlos Fiolhais e a discussão conta com a presença de Guilherme Valente, editor da Gradiva, “que é a editora que mais tem feito pela divulgação do conhecimento científico”, Nuno Crato, jornalista de ciência do Expresso, Ana Moutinho, cronista de livros de ciência no Jornal de Letras, Artes e Ideias, António Grando, ex-professor de Jornalismo na FLUC, actualmente a trabalhar na Universidade de Leeds, e uma socióloga da ciência, a leccionar no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), Maria Eduarda Gonçalves.

O programa do colóquio termina com mais um convidado espanhol, Pedro Echenique, professor da Universidade de San Sebastian e físico galardoado com numerosos prémios internacionais. Segue-se a cerimónia de encerramento, que conta com a presença do secretário de Estado-adjunto da Ciência e do Ensino Superior, Jorge Moreira da Silva.

“Via Latina” relançada ontem

Nova série de título centenário da Universidade de Coimbra vem novamente a público, após ausência prolongada

A revista “Via Latina” foi relançada ontem, no âmbito do VI Semana Cultural, 13 anos depois da saída do último número, dedicado a Macau. Este lançamento marcou o início de uma nova série, com um primeiro número de 250 páginas. Subjugado ao tema “Globalizações no Plural”, abrange áreas tão distintas como as artes, a economia, a política e o ambiente.

Neste relançamento de um título com mais de cem anos na história da academia de Coimbra, tentou-se conjugar a força de nomes consagrados da sociedade portuguesa com outros menos conhecidos. De resto, isto aconteceu também em números passados, onde Manuel Alegre publicou o seu primeiro poema.

“Houve uma tentativa de conjugar em perfeita sintonia a fotografia e a escrita, ao mesmo tempo que se pretendeu ser mais irreverente a nível gráfico”, explica o director Mário Guerreiro. Por outro lado, acrescenta que se “mantém uma vinculação gráfica às anteriores séries no que diz respeito à formatação de texto e numeração de páginas”. O director finaliza: “O objectivo foi honrar de uma forma visível o legado deixado pelas anteriores publicações”.

Este número conta, entre outras, com colaborações de Francisco Louçã, Rui Bebiano, Maria Celeste

Cardona e vários secretários de Estado. Há ainda a participação de alguns estudantes universitários que responderam aos anúncios publicados pela direcção da revista.

Durante as décadas de 60 e 70, a “Via Latina” foi “um poderoso instrumento da luta do movimento estudantil contra o fascismo e contra a guerra colonial, reconhecida pelo conjunto do movimento associativo estudantil como o jornal de todos os estudantes portugueses”, como lembra Avelãs Nunes, ex-director da revista durante o início da década de 60.

“A ‘Via Latina’ foi o órgão oficial da Associação Académica de Coimbra (AAC) e também a porta-voz das aspirações, desejos e problemas dos estudantes”, diz José Carlos Vasconcelos, chefe de redacção da revista nos anos de 1961 e 1962. A respeito do relançamento da publicação, o actual director do “Jornal de Letras, Artes e Ideias” considera que se trata de “um regresso que há muito se impunha”. O ex-chefe de redacção espera que “progressivamente a ‘Via Latina’ vá encontrando um campo específico, um olhar próprio sobre as coisas que lhe permita também uma maior autonomia”.

A revista é editada pela Secção de Jornalismo da AAC. Tem periodicidade anual, pretendendo-se que saia para as bancas durante o mês de Março. Assim, a partir da próxima quinta-feira vão ser vendidos mil números, em conjunto com o “Diário de Coimbra”, a um preço de 12,5 euros. Quanto aos temas dos números seguintes, serão indexados aos das próximas edições da Semana Cultural da Universidade de Coimbra. Para a edição de 2005, prevê-se, assim, uma temática relacionada com as culturas lusófonas.

Última dança de Fermat em Coimbra

Teatro da Trindade leva ao TAGV aliança entre ciência e cultura

Amanhã e quinta-feira, “O Último Tango de Fermat” traz aos palcos do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) um dos momentos altos da agenda de espectáculos para esta VI Semana Cultural.

Esta obra, um musical que combina ciência e arte, conta a história de Andrew Wiles, o matemático que em 1993 solucionou o teorema do francês Pierre de Fermat, elaborado em 1637. A história é caracterizada por um triângulo amoroso entre o protagonista, a sua mulher e a matemática, e envolve vários estilos musicais, tais como a opereta, blues, pop e tango.

Para o pró-reitor para a Cultura, João Gouveia Monteiro, que se mostra “satisfeito em trazer o espectáculo para Coimbra”, este promete ser um momento diferente de união entre cultura

e ciência. Recorde-se que este musical foi oferecido à Reitoria da Universidade de Coimbra pelo Grupo Amorim e pela Câmara Municipal de Coimbra.

O espectáculo, organizado pelo Teatro da Trindade, insere-se num novo ciclo promovido pela companhia, denominado “ciclo da inteligência”, no qual se considera que o défice das sociedades actuais é o da criação de novas soluções para os múltiplos problemas.

Um original de Joshua Rosenblum e Joanne Sydney Lessner, “O Último Tango de Fermat” estreou na Off Broadway em Novembro de 2000 e ganhou um Emmy. A versão portuguesa é de César Viana. A encenação está a cargo de Cláudio Hochman e tem como actores/cantores Mário Redondo, Joana Manuel, Rui Baeta, Pedro Pernas, Madalena Boléo, Rita Crespo e Jaime Bacharel. A direcção musical é feita por Francisco Cardoso e a coreografia é da responsabilidade de Bruno Cochat.

EDITORIAL

Depois do champanhe, o deserto

Numa altura em que toda a academia está em festa - além dos 714 anos da Universidade de Coimbra (UC), a Rádio Universidade de Coimbra atinge a maioria e a Estudantina Universitária de Coimbra comemora os seus 20 anos -, é importante pensar na vida cultural após a festa. Se, ainda na ressaca da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003, a universidade e várias das instituições a ela associadas têm tentado manter viva a chama cultural da cidade, o certo é que, lentamente, o marasmo volta a tomar a Lusa Atenas e a academia.

Esse marasmo, assente num sebastianismo idiota, perdido na memória perdida de um tempo que não volta atrás, parece, de resto, ser já uma fatalidade da academia conimbricense pós-25 de Abril. Falta a inovação, faltam os líderes, faltam, sobretudo, os ideais e as ideias, o sonho e a luta. Faltam os Eças, os Anteros, os Herculanos, os Torgas, os Quintelas... Faltam as referências inquestionáveis.

Embora a VI Semana Cultural da UC represente, de alguma forma, uma pedrada no charco, o certo é que a academia coimbrã perdeu, há

largos anos, a sua mais-valia de criação no campo da cultura. Longe vão os tempos em que, de forma espontânea e completamente utópica, cresciam revistas, publicações e outras manifestações que demonstravam o espírito inconformista e inconformado dos estudantes e professores de Coimbra.

Hoje, o panorama é completamente diferente: fora dos circuitos institucionalizados, fora da política "subsidiarista", fora do "establishment" pouco surge. A cultura produzida aparece toda ela canalizada num "mainstream" cinzento, com poucos rasgos de individualidade e segundo uma agenda que, ano após ano, se repete - é a Coimbra dos festivais, a Lusa Atenas dos encontros, a cidade dos ciclos temáticos. As ideias originais, se é que existem, perdem-se em mentes fechadas, que não entendem o seu percurso universitário como uma formação múltipla, em paralelo e multifacetada.

A agravar este problema surge a própria política cultural da cidade: ausente. Apesar da profusão de instituições e organismos, tudo parece, no fim, reduzir-se à uni-

versidade. Coimbra, além do Centro de Artes Visuais/Encontros de Fotografia, pouco oferece de novo. Assim, a cidade da indústria das fotocópias parece levar à justa esse epíteto e, tanto na cultura como num sem número de outros campos, parece contentar-se em espelhar uma cópia triste, crua e sem brilho daquilo que vai crescendo noutras paragens.

No entanto, este é um problema que, mais do que estar ligado às instituições, parece estar sobretudo associado às pessoas. Isto porque, numa academia que tanto abre as portas à inovação como à produção cultural, só a falta de vontade parece justificar o baixo índice de novidade que a aterroriza. Um baixo índice que, embora associado aos estudantes, se estende a toda a comunidade universitária.

No caso dos professores, essa lacuna é flagrante. Fora das suas cátedras, a maioria dos docentes universitários rende-se a ser mero figurante de uma cena que, longe de ser a sua, simplesmente não lhe interessa. Assim, prosseguem e prossegue a própria universidade, num triste passeio de turista, rindo e glorificando a obra dos outros, mas incapaz de criar património próprio.

A porta de mais um momento grande do calendário da mais antiga instituição de ensino superior de Portugal, estas questões voltam a ganhar premência. Até quando os eventos da UC vão continuar a viver de nomes alheios, de participações estrangeiras, de ideias exteriores apenas veneradas mas que não criam movimentos interiores? Até quando a academia de Coimbra vai continuar a ser a academia do passado, a academia mumificada? Porém, mais triste ainda, até quando é que Coimbra, apesar de todos os males, vai continuar a ser, de longe, a única academia no país com "movida" cultural própria?...

**Embora a VI
Semana Cultural
da UC represente,
de alguma forma,
uma pedrada no
charco, o certo é
que a academia
coimbrã perdeu,
há largos anos,
a sua mais-valia de
criação no campo
da cultura**

Histórias de Vida!

Paulo Jorge Vieira *

Crime? Pois é, em Portugal, na terrinha dos brandos costumes - a mitologia salazarenta - as mulheres são presas pelo crime de aborto! E nós como ficamos... que fazemos? Ficamo-nos a estudar pois a época de exames está à porta!

Sempre que a temática do aborto é discutida em Portugal este país enlouquece: a sociedade torna-se dicotómica, entre "defensores do aborto" e "defensores da vida" num registo discursivo que raia a loucura fundamentalista. Mas quem são este dois mundos e que significam eles para as pessoas que circulam, calmamente, no dia-a-dia da nossa academia?

Ninguém é defensor do aborto!

Será que alguém em sua plena consciência defende o aborto? Não! Ele não é um método contraceptivo, mas a maternidade, tal como a paternidade, deve ser fruto de um desejo real e consciente da mulher. A escritora Lídia Jorge afirmava em 1998: "Porquê pretender impor o parâmetro do primado da concepção biológica, sobre a concepção sentimental e volitiva da vida? Porquê manter a ideia da esgravatura do ciclo do corpo? Porquê a aceitação incondicional e dramática do desencontro do corpo?". Mas a criminalização do aborto em Portugal, que durante muito tempo não foi "levada a sério" pela justiça, parece agora desperta e o processo de Aveiro, tal como em 2001 o da Maia, demonstra que a aplicação da lei atinge as mulheres mais fracas, mais desprotegidas e com maiores dificuldade financeiras, que não se podem deslocar aos "estabelecimentos de tratamento de gravidez" de Badajoz ou Salamanca.

Já agora, as estatísticas dos países onde o aborto não é crime e é legal demonstram uma diminuição dos abortos clandestinos, tal como dos legais. E porquê? Porque estas sociedades investiram fortemente na educação sexual, responsável e aberta das suas gerações mais novas, e têm sistemas de planeamento familiar e contracepção adequados e funcionais ao contrário do nosso "portugalzito". Por mim, apetece relembrar que alguns dos governantes com responsabilidades neste governo defenderam, em 1998, a necessidade do país investir nestas áreas, mas o que vemos é a proliferação de um discurso conservador da sexualidade humana a invadir as escolas...

Todos somos defensores da vida!

Ao contrário do que as palavras indiciam, os "movimentos pró-vida" deveriam ser chamados de "anti-escolha". Porquê? Primeiro porque são contra a escolha

da maternidade, feita conscientemente, querida e amada pela mulher... primeira detentora dessa decisão. Segundo, porque a defesa, incondicional e igualitária, da vida é uma questão importante para todos... e não de grupos fundamentalistas que se esquecem, num processo de memória selectiva, da história!

Mas a lei continua a "marcar" as mulheres como criminosas e a "defesa da vida" ganha à "defesa da dignidade da vida" e à "defesa da igualdade". A penalista e constitucionalista Teresa Beleza defende claramente que a actual lei que criminaliza as mulheres por abortarem pode ter laivos de dúbia constitucionalidade, e se dúvidas existissem, o projecto de revisão constitucional do PP demonstra a necessidade de acautelar uma outra leitura da actual Constituição. Defende Teresa Beleza que, se fossem questões como a dignidade da

pessoa humana ou a obrigação estadual de promover activamente uma maternidade consciente colocadas na mesa, o Estado ver-se-ia obrigado a terminar com estas leis criminalizadoras. Mas esta professora da Universidade Nova de Lisboa vai mais longe ao afirmar que a "incriminação da interrupção da gravidez é contrária frontalmente ao princípio da igualdade, não só na forma evidente de desequilíbrio entre ricos e pobres, mas de uma maneira mais ínvia e invisível: entre as mulheres que concebem e os homens que participam nessa concepção".

É por isso que defender a vida é cada vez mais defender a dignidade da mesma, a possibilidade de a vida que vem de uma gravidez ser desejada, ser querida, ser amada, e fruto da decisão e da escolha consciente da mulher!

E aqui por Coimbra?

Aqui por Coimbra, e apesar de as histórias de jovens estudantes universitárias que abortaram - algumas em "clínicas de vão-de-escada", outras em viagens por terras espanholas - serem muitas, e de todos conhecidas, pouco se faz e menos ainda se fala sobre o assunto. Esse silêncio promove antes de tudo o desconhecimento, as falsas his-

tórias e o discurso desinformado que tantas vezes caracteriza a população estudantil de Coimbra.

Por mim, não defendo apenas o fim da criminalização do aborto, mas também a promoção de um verdadeiro serviço de saúde reprodutiva e planeamento familiar em Portugal, bem como a necessidade de uma educação sexual responsável e aberta nos jovens.

*Jornalista e membro da associação "não te prives - Grupo de Defesa dos Direitos Sexuais"

Carta ao Director:

Orgulhosa de viver em Soure

Venho por este meio fazer uma chamada de atenção ao autor do artigo "SO(URE) para contrariar". Suponho que para se escrever um artigo que possa ser lido pelo público seja necessário conhecer tanto ao nível social como ao nível geográfico aquilo de que falamos. Na perspectiva de residente no concelho re-

ferido [Soure], penso que a imagem dada pelo senhor José Camacho estará um pouco deturpada, já que não falamos de uma vila com uma população tão envelhecida e pouco dotada de infra-estruturas de lazer, como é referido no texto. Falamos, sim, de uma pequena vila que se desenvolve de dia para dia, contrariando a imagem dada pelo artigo. Exemplo disso é a construção da nova escola secundária. Por isso, na minha opinião e na de muitos, o ex-

-lêbrs de Soure não é certamente "João Chula - o rei dos azulejos"!

Carla Freitas

A CABRA errou: No artigo "Instituições passam a escolher candidatos", da edição nº 108, onde se lê "cursos de Administração Pública", deveria-se ler "custos de administração". Aos envolvidos e aos leitores, as nossas desculpas.

Lusófonas podem voltar

Suspensão da secção cultural já dura há três anos



Cultura desenvolvida nos países lusófonos pode novamente voltar a animar os corredores da Associação Académica de Coimbra

Foi criada uma comissão para a reactivação da Secção de Culturas Lusófonas. Acompanhar a lusofonia em Coimbra é o principal objectivo

Tiago Azevedo

Reactivar a Secção de Culturas Lusófonas é o objectivo da comissão criada por alguns sócios que pretendem desenvolver um novo processo eleitoral. A secção encontra-se suspensa há três anos devido a divergências que aconteceram no último acto eleitoral. De acordo com Bento Monteiro, membro da comissão de gestão da Secção de Culturas Lusófonas, a

“secção faz falta à academia porque a direcção-geral não consegue cobrir todos os problemas e satisfazer as necessidades das comunidades lusófonas”.

Bento Monteiro refere que foi apresentado um pedido de suspensão da secção ao Conselho Fiscal (CF), mas que este “nunca tomou uma posição”. Acrescenta que, como “a secção não foi extinta, nem foi suspensa, está legal e estatutariamente em funcionamento”. Quanto ao facto de não existir nenhuma decisão, avança que esta é uma situação preocupante, “porque não aconteceu apenas com esta secção mas também com outras secções da associação académica”. Em relação ao CF, Bento Monteiro espera que a nova equipa “tome a iniciativa no sentido de resolver essas situações”, porque considera que o que aconteceu “foi falta de interesse”.

O presidente do CF, Hélder Batista, salienta que é preciso cumprir algumas formalidades para continuar o processo. Entre algumas das medidas ressalva que é necessário “rever o regulamento interno e proceder a novas eleições para que o processo seja transparente”.

Reactivar a Secção de Culturas Lusófonas torna-se importante, nas palavras de Bento Monteiro, porque é necessário “acompanhar as comunidades” e para tal já estão definidas algumas áreas de intervenção. O principal objectivo é a integração de jovens lusófonos no meio da universidade e da academia. Bento Monteiro refere que se estes jovens não tiverem quem os receba “vão criar uma ideia de que ninguém faz nada por eles”. Outra área de intervenção, visto que existem muitas crianças cujos pais são estudantes, consiste na criação de um

projecto, junto de outras entidades, que pudesse “arranjar um espaço para ocupar os tempos livres das crianças, quando os pais estão nas aulas”. Outro ponto já definido tem que ver com a questão cultural. Sendo a comunidade lusófona composta por sete países, com culturas diferentes, “gostaríamos de passar mais cultura destes países na vertente académica, seja através da Queima das Fitas, da Latada ou de outras actividades culturais onde nos poderíamos envolver, de forma a enriquecer a própria academia”.

De acordo com a comissão de reactivação, o primeiro prazo era apontado para Março, mas como as coisas “não correram como previsto, é preciso reunir com a direcção-geral e com o CF para resolver alguns problemas burocráticos e dar continuidade ao processo”.

Contestação é tema de Magna

No dia 4 de Março realiza-se, na Cantina dos Grelhados, uma Assembleia Magna (AM) para discutir o actual estado do ensino superior e procurar definir estratégias de contestação. A nível nacional está já decidida uma semana de luta descentralizada, entre os dias 8 e 12 de Março, e uma manifestação em Lisboa no dia 24 de Março, Dia do Estudante.

Na próxima AM vão definir-se as formas de contestação que serão levadas a cabo pelos estudantes de Coimbra. De acordo com o presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, Miguel Duarte, o principal motivo é “apresentar informação e definir formas de sensibilização dos estudantes para a próxima manifestação nacional”.

Em relação a isto teve início na semana passada uma campanha nacional de informação que procura informar a sociedade para além dos estudantes. Com o tema “Está na tua mão”, esta campanha apresenta uma imagem simples, que foca o problema das prescrições e do número de estudantes nos órgãos de gestão. Miguel Duarte refere que é necessário “sensibilizar para alguns pontos do actual pacote legislativo”, mas também garantir informação sobre outras leis que dizem respeito à vida dos estudantes.

Mondeguinas organizam “Sons da Primavera”

“Canto para ti...” é o tema de “Sons da Primavera”, iniciativa organizada pelas Mondeguinas, a Tuna Feminina da Universidade de Coimbra (UC). No evento, que se realiza pela quinta vez, vão participar o Grupo de Fados do TAUC e o Coro Misto da UC, sob a direcção artística de César Nogueira.

Carla Martins, Mondeguina, salienta que este evento serve para “dar a conhecer a tuna, bem como outros grupos musicais”. Mas também importante é dar a conhecer “o nosso trabalho que não é só ligado à academia, mas ligado também à cultura e ao intercâmbio entre os grupos musicais”.

De acordo com a organização, este é um espectáculo que agrega diferentes perspectivas da música conforme o tema que se escolhe. Na iniciativa deste ano pretende-se “valorizar o mais antigo e subjectivo instrumento, que é a voz”. Segundo Carla Martins, a voz é o principal “instrumento comunicador”.

O espectáculo realiza-se no dia 7 de Março, no Salão Polivalente da Casa Municipal da Cultura, em Coimbra.

ENDA prepara manifestação nacional

Estudantes aprovaram uma greve geral no dia 1 de Abril

Tiago Azevedo

Uma greve geral no dia 1 de Abril e um Plenário Nacional em Coimbra no dia 16 de Março foram as principais medidas aprovadas no Encontro Nacional de Direcções Associativas (ENDA), que decorreu neste fim-de-semana, no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa. Outra

medida aprovada na moção da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) foi a solicitação de uma audiência com a Comissão Parlamentar da Educação e com o Presidente Jorge Sampaio, para se transmitir as preocupações dos estudantes.

De acordo com Associação de Estudantes do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (AEISCSP), este Encontro Nacional de Direcções Associativas promoveu a “reflexão sobre o quadro da contestação estudantil que marcou o início do ano lectivo, analisou e decidiu novas formas de discussão e manifestação dos inter-

esses dos estudantes e cidadãos de Portugal”. A organização considera o diálogo como sendo a “única via legítima para a concretização de um sistema democrático onde diferentes actores desenvolvem o seu papel”. No entanto, não deixa de salientar que é importante a “alteração de postura exercida pela tutela, que tem pautado o seu mandato por uma actuação silenciosa, optando por governar sozinha, descurando as intervenções dos parceiros educativos”.

De acordo com Miguel Duarte, presidente da DG/AAC, o “balanço foi positivo uma vez que a proposta da direcção-geral reuniu consenso en-

tre os presentes”.

Entre os diversos painéis que estiveram em debate - e que abrangeram temas como a “Qualidade de Ensino” ou a “Acção Social do Ensino Superior” -, destaca-se a discussão sobre a internacionalização, que demonstra que o Processo de Bolonha ainda está na agenda dos estudantes.

A AEISCSP, antes da realização do encontro nacional, endereçou à ministra da Ciência e do Ensino Superior, Maria da Graça Carvalho, um convite para participar na reunião, de forma a poder dialogar com os estudantes. Contudo, a ministra não se fez representar na reunião.

6 UNIVERSIDADE

Ilhas recebem alunos de Medicina

Estudantes da Universidade de Coimbra podem fazer anos preparatórios nos Açores

O Governo quer apostar na formação de médicos nas regiões autónomas. Por agora, a licenciatura tem que ser concluída no continente, mas está em estudo a hipótese de o último ano ser feito nos Açores ou Madeira

Filipa Oliveira
João Pereira

Os estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra (UC) podem, já a partir do próximo ano lectivo, fazer os dois primeiros anos do curso na Universidade dos Açores (UAc). Trata-se do resultado de um protocolo estabelecido entre as duas instituições e que vem pôr fim a um processo que se arrastava há três anos.

Ao abrigo deste acordo, a Universidade dos Açores vai abrir 20 vagas para estudantes que tenham entrado no curso de Medicina de Coimbra. Metade dos lugares está destinada a candidatos abrangidos pela cláusula de contingente regional.

A responsabilidade pedagógica destes dois anos está a cargo da Faculdade de Medicina da UC (FMUC), que deve mesmo deslocar docentes para os Açores. Apesar de algumas disciplinas serem leccionadas por docentes açorianos, o vice-reitor da UAc, Jorge Medeiros, sublinha que “a regência é sempre de professores de Coimbra”.

Um acordo semelhante foi assinado entre a Universidade da Madeira e a Universidade de Lisboa, estando prevista a abertura de 35 vagas na região autónoma. Neste âmbito, foi ainda estabelecido um protocolo com o Centro Hospitalar do Funchal, com vista à possibilidade de realização na região do 6º ano, que constitui o ano de estágio.

De acordo com o anúncio feito no

mês passado pela ministra da Ciência e do Ensino Superior, Maria da Graça Carvalho, a possibilidade de realização do último ano do curso nas duas regiões autónomas é uma questão que está a ser estudada. Com o objectivo de fixar médicos nas ilhas, os alunos que optassem por fazer o 6º ano do curso nos Açores ou na Madeira beneficiariam de bolsas de estudo. Como contrapartida, os primeiros anos da profissão teriam que ser exercidos no local.

A este respeito, o presidente do conselho directivo da FMUC, José Cunha Vaz, diz que se trata de um assunto “ainda em discussão”. Afirma que o último ano do curso apenas poderá ser feito na Universidade dos Açores quando “houver condições para assegurar o estágio”.

Privadas querem Medicina

O aumento das escolhas na área da Medicina pode também passar pelo sector privado. Várias instituições apresentaram propostas de criação do curso de Medicina, apesar de ainda não terem obtido qualquer tipo de resposta por parte da comissão responsável. Em Coimbra, são duas as instituições candidatas: a Escola Universitária Vasco da Gama e o Instituto Superior Bissaya Barreto.

Segundo o presidente da Federação Nacional das Associações dos Estudantes do Ensino Superior Privado (FNAESP), José Alberto Rodrigues, a concretização da proposta “tem tudo de positivo”. Das seis faculdades que pretendem integrar o curso de Medicina no seu leque de licenciaturas, José Alberto Rodrigues mostra-se convicto de que pelo menos duas venham a ser aprovadas. Isto porque, sublinha, “qualquer uma das seis reúne as condições necessárias para leccionar nesta área”.

O presidente da FNAESP reconhece que “Portugal atravessa uma crise por falta de médicos e que a competitividade é fundamental”. Desta forma, a abertura da Medicina ao ensino superior privado pode colmatar a falta de médicos, assim co-



Vai ser possível estudar Medicina nos Açores através da Universidade de Coimbra

mo favorecer o alargamento do serviço de saúde no país. Sustenta ainda a ideia de que “o sector privado, a nível de saúde, tem melhorado”, pois a gestão é mais eficaz, com uma clara aposta nas infra-estruturas e equipamentos. No que diz respeito a desvantagens, indica apenas o valor elevado que as propinas podem atingir.

Também o presidente do conselho directivo da FMUC considera a abertura destes cursos “útil e desejável, para que as pessoas possam ter opções”. Contudo, é uma medida que vê com alguma preocupação: “Um curso de Medicina implica a existência de docentes com uma formação demorada e será difícil conseguir esses docentes a curto prazo”, alerta Cunha Vaz.

Por outro lado, a Ordem dos Mé-

dicos tem demonstrado uma certa reticência face a esta possibilidade, o que, na opinião de José Rodrigues,

“não faz sentido, porque está a proteger unicamente os que já são profissionais”.

Algarve fica de fora

A Universidade do Algarve (UALg) era uma das candidatas à abertura de um curso de Medicina. Contudo, esta possibilidade parece estar de fora dos planos do Governo.

O reitor da UALg, Adriano Pimpão, defende que uma faculdade de Medicina a sul do Tejo poderia ser criada em ligação com um grupo privado, de forma a contornar os problemas de financiamento. Apesar da parceria, a componente pedagógica ficaria a cargo da universidade. A construção de uma unidade hospitalar no Algarve é mais uma das razões apontadas por Adriano Pimpão para a necessidade de formar profissionais de medicina na região. A nova faculdade poderia ainda trabalhar com as unidades de investigação na área de saúde da universidade.

Para tentar resolver o problema da falta de médicos no país, o executivo de Durão Barroso preferiu considerar a saúde uma das áreas prioritárias do ensino superior e apostar no aumento de vagas das licenciaturas já existentes.

Vagas no ensino superior mantêm-se

O número de vagas para o próximo ano lectivo vai ser igual às de 2003.

A medida foi anunciada pelo ministério no mês passado mas não é consensual

Olga Telo Cordeiro
Sandra Pereira

A ministra da Ciência e do Ensino Superior, Maria da Graça Carvalho, anunciou que vai manter no próximo ano lectivo o mesmo número de vagas fixadas em 2003, ou seja, 46 408. A medida, avançada na As-

sembleia da República no passado dia 13, propõe, por outro lado, o aumento em 15 por cento dos lugares em licenciaturas de áreas consideradas prioritárias, nomeadamente em cursos de saúde, ciência, tecnologia e arte. Esta decisão obriga, assim, cada instituição a proceder a uma nova distribuição das vagas pelos cursos. No entanto, esta redistribuição é apenas uma sugestão do Governo, que terá ainda de ser discutida pelo Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP).

Maria da Graça Carvalho realçou que a manutenção do número de vagas representa, na prática, um aumento devido à diminuição da procura. A ministra pretende ainda encerrar os cursos que, durante os últimos três anos, tenham tido uma procura reduzida,

afirmando também a intenção de os cursos passarem a ter um número mínimo de vagas para poderem funcionar.

Na opinião de Miguel Duarte, presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), a medida vem “colocar barreiras no acesso ao ensino superior”, razão pela qual não concorda com ela. O presidente da direcção-geral afirma que “são precisos licenciados, o que, ao mesmo tempo, é um paradoxo porque Portugal tem a maior percentagem de desempregados licenciados”. Assim, Miguel Duarte considera que a solução passaria por “explicar às pessoas qual é a realidade do mercado de trabalho e, ao mesmo tempo, não reduzir as vagas”. O presidente da DG/AAC só consegue entender a necessidade de redução de

vagas nalguns cursos do “ponto de vista orçamental”, ou então como uma forma “do Governo querer conduzir as pessoas ao ensino privado”.

A proposta recebeu igualmente reacções negativas por parte da Associação Nacional de Estudantes de Medicina (ANEM), que não concorda com a abertura de novas vagas neste curso. Pedro Lopes, membro da direcção da ANEM, disse mesmo, em declarações à agência Lusa, que não há falta de médicos em Portugal. Na sua opinião, as insuficiências do sistema de saúde prendem-se, antes, com a desigual distribuição dos médicos existentes. Esta tomada de posição surge devido à recente discussão em torno da abertura de novas licenciaturas na área de medicina.

“Uma transição na vida e não a vida numa transição”

A chegada ao novo mundo que é a universidade é um período de grandes mudanças.

Para muitos, é uma altura de euforia, para outros é marcada pelo sentimento de solidão.

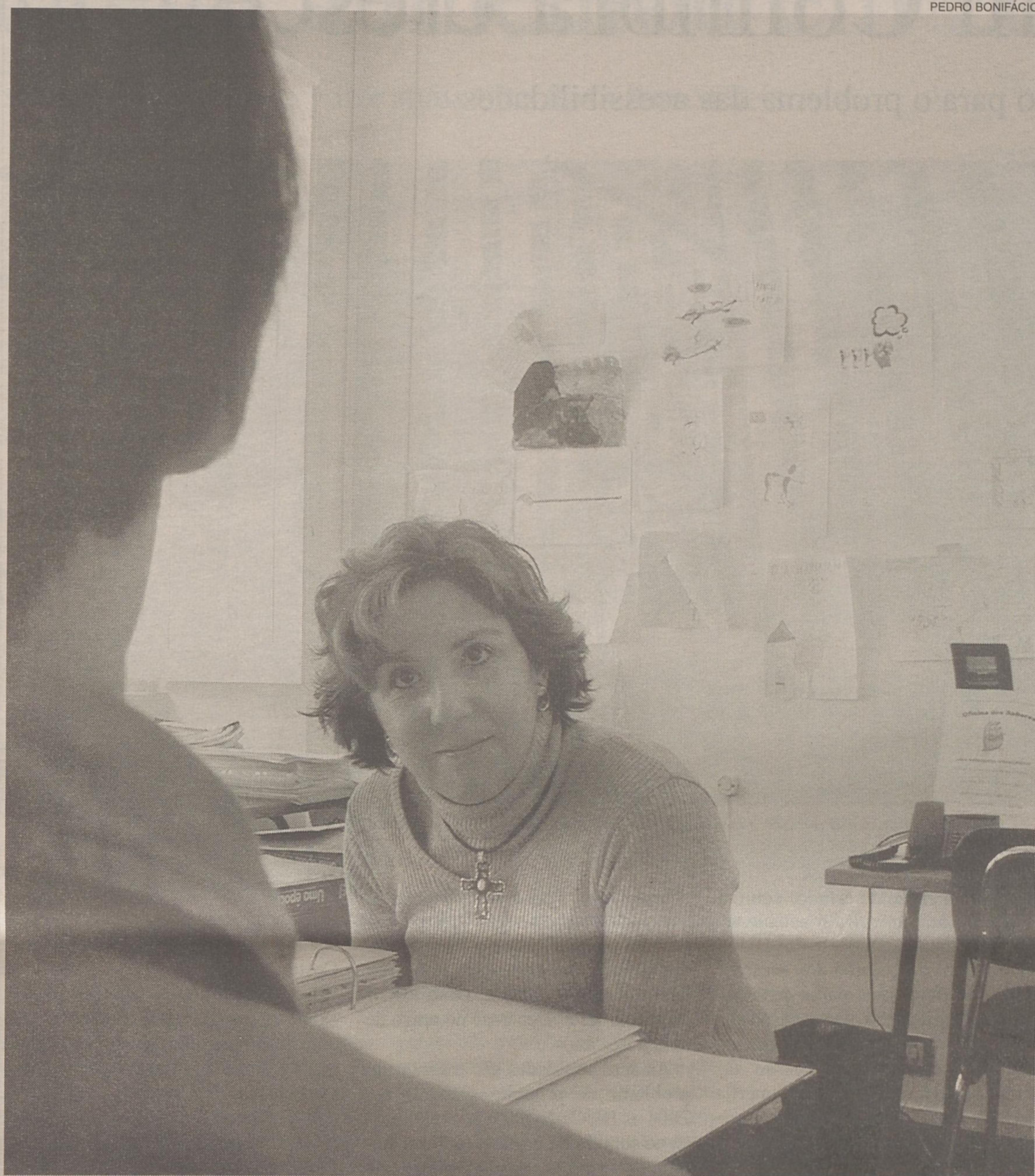
O tema é agora abordado em formato de tese

Pedro Santos

Maria do Rosário Moura Pinheiro, docente e investigadora da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (FPCE) da Universidade de Coimbra, é a mais recente doutorada em Ciências da Educação. Esta psicóloga, que enveredou pelas Ciências da Educação (CE), defendeu o mês passado uma investigação sobre aquela que considera uma “época especial”: a da “transição e adaptação ao ensino superior”.

“Primeiro festejei com toda a gente... depois é que foram elas... as saudades! Sobretudo enquanto não fizer novos conhecimentos... Geralmente venho na terça de madrugada para Coimbra e vou embora na quinta-feira”. Este é um depoimento de uma aluna do primeiro ano da Universidade de Coimbra, que pode ser lido na capa da tese de doutoramento de Rosário Pinheiro. A autora caracteriza este período como “uma mudança de rotinas, de papéis sociais, das relações interpessoais”. No entanto, este momento pode viver-se de diferentes formas. A investigação mostrou à docente “estudantes que vivem esta época com muita euforia e satisfação”. São os indivíduos que passam a adorar fazer as suas compras, cozinhar as suas refeições, que passam a deitar-se à hora que querem. Mas também existe o reverso da medalha. Nas palavras da investigadora, há estudantes que “vivem esse processo com ansiedade e até alguma solidão”. São as saudades da família e dos amigos, das pessoas com quem partilhava as actividades extracurriculares, dos espaços onde vivia. Daí a necessidade de um suporte social que, segundo Rosário Pinheiro, “deveria vir das instituições que acolhem os alunos”. Para a autora “é crucial que estes percebam que não têm que romper com o apoio da família e amigos, basta que reorganizem essa rede de apoio”.

Quando questionada sobre a existência de algum momento crucial onde se deverá centrar a intervenção, a docente não tem dúvidas. “O primeiro ano é referenciado como sendo



Rosário Pinheiro é a autora de uma investigação sobre o período de adaptação dos estudantes à vida universitária

fundamental”. Uma das justificações é o número de estudantes que abandonam precocemente as licenciaturas. Para a docente da FPCE, “se o estudante tivesse acesso institucional a mecanismos de apoio psicológico, social e cultural, conseguia-se impedir que tantos alunos abandonassem o ensino superior no primeiro ano”. E vai mais longe, afirmando que os resultados também seriam positivos em relação ao próprio insucesso escolar. Até se conseguia “que os estudantes explorassem mais as oportunidades que o ensino superior lhes pode dar, antes de tomarem essas decisões”, conclui a especialista.

Para Rosário Pinheiro, os serviços de apoio ao estudante podem ter diversas valências. Desde acções pontuais de acolhimento e de orientação dos alunos, até aos gabinetes de apoio e de consulta psicológica, passando inevitavelmente pela informação. Classifica esta última como

“uma boa forma de intervenção sócio-educativa e psicológica”, inclusive se for fornecida por outros estudantes. Recordando uma afirmação da literatura que diz que “o melhor professor para um aluno, é outro aluno”, a educóloga afirma que “o melhor motor de desenvolvimento do bem estar para o estudante, é outro estudante”.

Outro factor importante para o processo de adaptação ao ensino superior é a participação em actividades extracurriculares. Os dados desta investigação mostram que esta participação, entre quem participa e quem não o faz, “é uma condição diferenciadora quer do suporte social, quer das vivências académicas adaptativas”. O estudo mostra ainda que essa participação “revela-se muito importante ao nível da integração social dos estudantes”.

Assim, para Rosário Pinheiro, o estudante bem sucedido no seu pro-

cesso de transição é aquele que tem consciência do impacto que as mudanças têm sobre si, no momento de ingresso no ensino superior. E reforça afirmando que “é o indivíduo que conhece os seus recursos pessoais e relacionais e que sabe que, quando estes se esgotam, pode recorrer a outros, institucionais”. Para exemplificar, a investigadora das CE aponta o estudante “que sabe ter acesso aos diferentes serviços, que conhece a legislação que o protege e que o obriga a cumprir determinados deveres”.

Rosário Pinheiro afirma ter percebido ao longo da investigação que os estudantes têm muito presente que aquilo que estão a viver vai durar para sempre. Por isso, lembra mais uma afirmação da literatura: “Hoje, não é para sempre”. É fundamental que os estudantes tenham bem presente que “têm que viver aquela transição de vida e não viver toda a vida naquela transição”.

Encontro debate conceito de modernidade

Lurdes Lagarto

“A modernidade é sempre imaginada”. Foi esta a principal conclusão do encontro internacional que decorreu nos passados dias 26, 27 e 28 no Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra (UC).

Subordinado ao tema Modernidades Imaginadas - Literatura de Viagem, Ilustração e o Estado-Nação na Ásia e nas Américas, o encontro reuniu profissionais ligados à História, à História de Arte, à fotografia e à Antropologia. Assim, estiveram presentes no evento estudiosos de várias nacionalidades, como Clare Harris, de Inglaterra, ou Toshio Watanabe, do Japão, entre outros. O objectivo foi olhar para a visão transmitida dos países americanos e asiáticos, através das imagens trazidas por aqueles que viajaram até esses países e pelo que escreveram sobre eles. Pretendeu-se também fazer a ponte entre a modernidade e o Estado-Nação, partindo da perspectiva de que a criação do último pressupõe uma imagem de desenvolvimento tecnológico que remete para a primeira.

As conferências relacionaram-se com países específicos e alguns dos trabalhos apresentados foram desenvolvidos propositadamente para o encontro. Foi o caso de Estella Weiss-Kreji, que fez um estudo sobre a comunidade alemã no Brasil. No entanto, a maior parte dos oradores apresentaram estudos nas áreas em que são especialistas.

Dos três dias, distinguiu-se a intervenção de Mauricio Tenorio, pela crítica e auto-reflexão. A conferência denominava-se “Estes gringos que nos deram a pátria” e questionou os estereótipos existentes sobre os mexicanos. Segundo o estudioso, todas as imagens que existem do povo mexicano são referentes a camponeses, daí a imagem do homem que usa “sombbrero”. Mauricio Tenorio é mexicano, mas trabalha actualmente na Universidade do Texas, EUA. Destacou-se também a apresentação de John Tran pelo facto de se tratar de um profissional de fotografia, que utilizou o seu trabalho para reflectir sobre uma região japonesa.

O grupo de oradores trabalha habitualmente em conjunto, promovendo conferências e encontros em diversos países. A vinda a Coimbra foi possível através do convite de Anthony Shelton, do Centro de Investigação de Antropologia da UC, que organizou o encontro juntamente com o Núcleo de Estudantes da Antropologia da Associação Académica de Coimbra. Os estudantes foram responsáveis pela parte logística. A presidente do núcleo, Ana Luísa Micaelo, salienta “a postura informal dos oradores”, que se apresentaram “abertos ao diálogo com os estudantes”.

PUBLICIDADE

As Mondeguinas

Sons da Primavera
"Canto para ti..."

Casa da Cultura
7 de Março 21h30

8 CIDADE

Saúde em Coimbra cresce

Metro pode ser a solução para o problema das acessibilidades

Maior parque de saúde da Europa junta Universidade de Coimbra e Hospitais da Universidade num estudo em torno das acessibilidades

Diana Ramos

Cerca de 50 mil metros quadrados concentram num mesmo espaço várias unidades hospitalares voltadas para a formação e investigação na área da saúde. Com a construção do Pólo III da universidade, que compreende as faculdades de Medicina e Farmácia, o Instituto Nacional de Medicina Legal e o Centro de Tecnologias Nucleares, e do novo Hospital Pediátrico, a zona dos Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC) torna-se o maior parque de saúde europeu.

Com esta transformação, levanta-se a questão das acessibilidades, uma vez que, de futuro, este vai passar a ser um espaço onde se podem vir a mover diariamente cerca de 42 mil pessoas, entre professores, alunos, investigadores e demais utentes que vão aceder ao também apelidado "Pólo da Saúde". Um valor que aumenta drasticamente face às 30 mil deslocações que já se contabilizam.

Para contornar esta situação, a Universidade de Coimbra (UC) e os HUC aliaram esforços através da assinatura de um protocolo de cooperação mediante o qual se pretendem encontrar soluções técnicas capazes de responder às necessidades do futuro parque. Uma iniciativa que pas-



Coimbra vai passar a possuir a maior área de saúde da Europa após a assinatura do protocolo entre a UC e os HUC

sa pela realização de estudos sobre a circulação automóvel e o estacionamento na zona circundante dos HUC.

Para além da questão dos acessos, outro dos objectivos passa pelo incentivo à utilização dos transportes públicos. Neste domínio, ambas as instituições foram unânimes ao salientar que o metro ligeiro de superfície é "a solução correcta para a mobilidade na cidade de Coimbra", como afirmou o reitor da UC, Seabra Santos. Nas contas do reitor, "é previsível que o Pólo das Ciências da Saúde comece antes de o metro estar concluído, mas também é possível que o pólo não acabe antes do metro estar feito", pelo que "os prazos são

compatíveis". Para Seabra Santos, "o que pode demorar mais tempo é a decisão política" sobre o lançamento das obras e dos concursos, uma vez que a obra em si pode, no entender do reitor, "estabelecer-se no prazo de dois a três anos".

As acessibilidades são mesmo um problema de primeiro grau. Já em 2004 os HUC vão dar o primeiro passo no sentido de o resolver. Uma medida que passa, segundo o presidente do conselho de administração dos hospitais, Nascimento Costa, por "regularizar e regular o estacionamento de superfície" naquela unidade. Desta forma, está já previsto o pagamento de estacionamento, ficando isentos

desta decisão "uma tipologia de utilizadores e prestadores de serviços assistenciais", assegura Nascimento Costa.

Em consequência do protocolo existe a possibilidade de vir a ser construído um parque de estacionamento único partilhado pelas duas instituições. Por sua vez, os HUC têm projectada a construção de um "Hotel Residencial", destinado aos familiares de doentes, bem como uma estrutura de apoio aos serviços hospitalares. Quanto ao futuro Pólo III, está previsto que as obras da biblioteca, da faculdade de Farmácia, da cantina e da residência estudantil se iniciem ainda este ano.

Assembleia pede melhoria dos Covões

Mário Guerreiro

A Assembleia Municipal de Coimbra (AMC) aprovou uma moção para uma rápida concretização do plano de melhoria do Hospital dos Covões.

Na moção aprovada durante a reunião de quinta-feira passada da AMC, apresentada pelo deputado do PS Armando Gonçalves, pede-se a construção de um novo edifício de internamento como forma de concretizar a terceira e quarta fases do Plano Director do Hospital Geral do Centro Hospitalar de Coimbra, que data já de 1999. Com a concretização do plano, o hospital (actualmente com 350 camas) ficaria com mais 100.

A AMC também pediu a remodelação do actual edifício, para a criação de áreas que possam funcionar como hospitais de dia e exames especiais. Um espaço para o funcionamento da administração e a construção de um novo sector do hospital foram também reclamados.

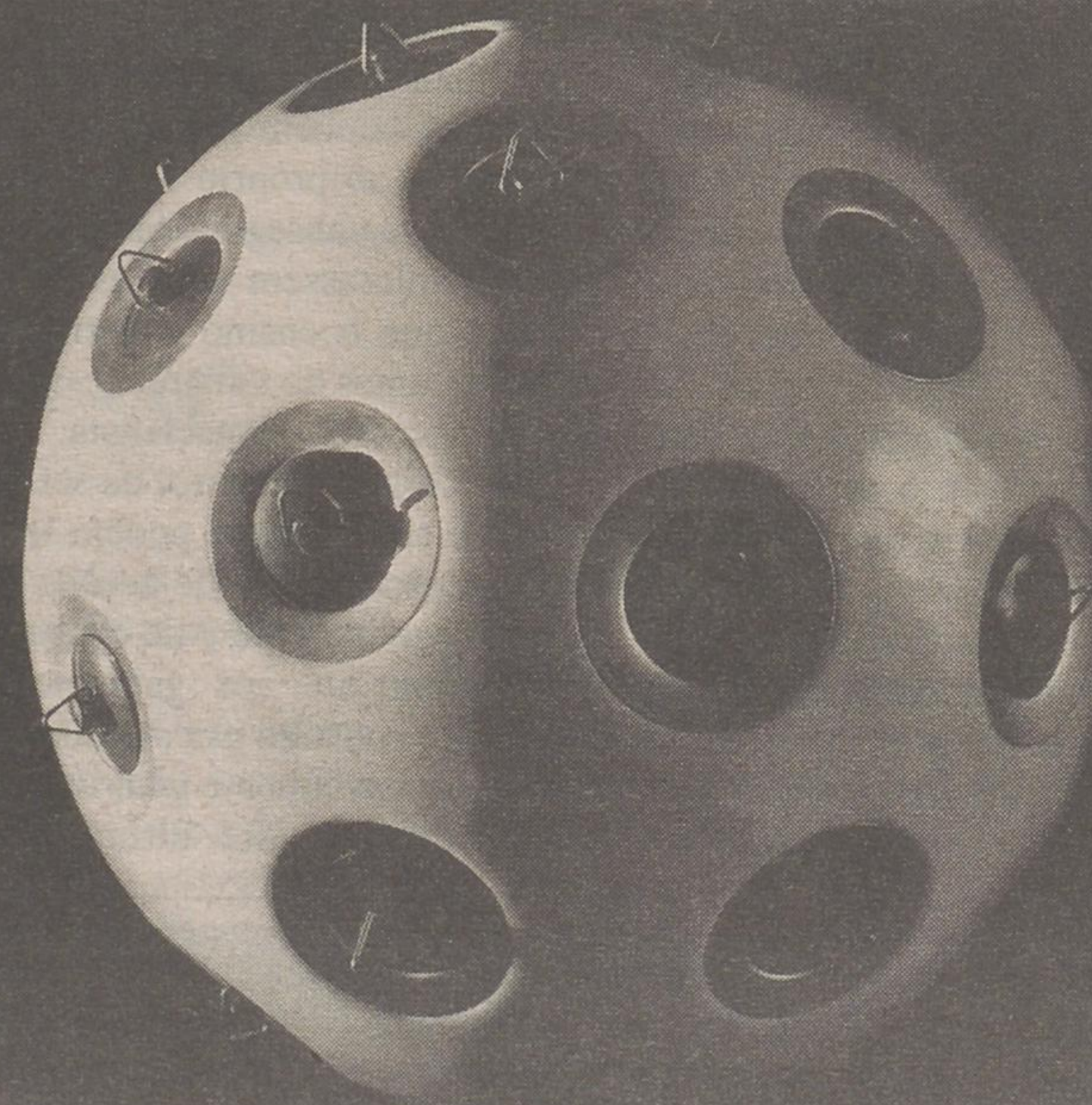
Na reunião, que teve lugar nos Paços do Concelho, foi igualmente aprovada uma moção, apresentada pela CDU relativa à Ponte Europa. O documento pede à Câmara Municipal de Coimbra que inquiria a Procuradoria-Geral da República e o Conselho Geral das Obras Públicas em relação às conclusões da Inspeção Geral das Obras Públicas e Transportes sobre a ponte.

A AMC aprovou ainda o Sistema Multimunicipal de Abastecimento de Água e de Saneamento do Baixo Mondego e o regulamento dos Mercados Municipais do concelho.

PUBLICIDADE

Via Latina Ad Libitum

Francisco Louçã
Maria Celeste Cardona
Fundação de Serralves
Rui Bebião
Jorge Moreira da Silva
Isaque
José Eduardo Martins
André Cepeda e muitos outros



] globalizações no plural [

13 anos depois a centenária Via Latina regressa. 5ª-feira nas bancas com o Diário de Coimbra por 12.5€

Desemprego aumentou em 2003

Número de pessoas sem trabalho atinge valor mais alto dos últimos seis anos

O Instituto Nacional de Estatística (INE) constata que a taxa de desemprego em Portugal aumentou em 1,3 por cento nos dois últimos anos

Patrícia Lourenço
Marta Poiars

O Inquérito ao Emprego do INE revela que em 2003 a taxa de actividade foi de 51,8 por cento, idêntica à do ano anterior, mas a taxa de desemprego aumentou de 5,1 por cento em 2002 para 6,4 por cento em 2003.

No total da população desempregada, foram os homens os que mais sofreram o aumento do desemprego, passando de 122 mil desempregados (2002) para 161,8 mil (2003). No entanto, é entre as mulheres que se verifica o maior valor: 182,7 mil estavam sem trabalho no final de 2003.

Quanto à idade da população sem emprego, é o grupo etário dos 25 aos 34 anos que se destaca, aumentando de 77,7 mil para 105,4 mil em 2003. Aqui verifica-se a mesma situação: são os homens que registam um maior aumento de desempregados, passando dos 30,9 mil para os 46,4 mil. No entanto, o certo é que as mulheres mantêm a liderança neste âmbito, com 59 mil desempregadas em 2003.

Em 2003, o número de desempregados chegou aos 344,5 mil indivíduos, significando mais 26,5 por cento do que no ano anterior. O número de desempregados relativos ao último trimestre do ano represen-



Desemprego no grupo etário dos 25 aos 34 anos foi o que mais aumentou durante o ano passado

tam uma variação homóloga de 7,4 por cento.

Verifica-se que na situação dos desempregados, entre "procura de primeiro emprego" e "procura de novo emprego", é o primeiro caso que regista um maior crescimento. Contudo, na comparação anual é relevante o acréscimo nos indivíduos à procura de novo emprego. Mais de metade destes provém do sector dos serviços.

Em Dezembro de 2003, verificaram-se variações negativas nas remunerações, empregos e horas de

trabalho nos serviços. Comparado com o mesmo mês de 2002, o emprego nos serviços diminuiu 2,9 por cento e 0,6 por cento relativamente ao mês anterior. Já as remunerações desceram 1,7 por cento em Dezembro, mas aumentaram 8 por cento em relação ao mês anterior. Este facto deve-se principalmente ao pagamento de subsídios de Natal. Quanto às horas trabalhadas, verifica-se que, em comparação com Dezembro de 2002, o volume de trabalho nos serviços diminuiu 4,5 por cento.

Ainda em relação às actividades, o

número de empregados no sector "Indústria, Construção, Energia, Água" desceu.

Num contexto regional, o Alentejo e Lisboa e Vale do Tejo têm as taxas de desemprego mais elevadas do país - 9,6 por cento e 7,5 por cento, respectivamente. As regiões com menos desemprego são os Açores (3,4 por cento) e a Madeira (3,6 por cento). Todas as regiões, excepto o Alentejo e Lisboa e Vale do Tejo, viram as suas taxas de desemprego aumentar. O Alentejo observa a subida mais acentuada (1,6 por cento) e o

Algarve o maior decréscimo (1,7 por cento).

Relativamente à formação dos indivíduos, a maior parte da população desempregada (258,3 mil) possui apenas o grau do ensino básico. De acordo com o INE houve um aumento, em relação a 2002, de 23,8 mil desempregados com formação ao nível dos ensinos secundário e superior: 86,2 mil desempregados no total. Registou-se também uma subida em relação ao desemprego de longa duração: a procura entre os sete e os onze meses passou para os 59,4 mil, isto é, mais 23,5 mil do que em 2002. Enquanto 113,9 mil pessoas sem emprego não recebem qualquer ajuda monetária, apenas 104,7 mil desempregados recebem subsídio de desemprego.

António Moreira, membro da União dos Sindicatos de Coimbra, afecta à CGTP-IN, critica os estudos efectuados pelo INE, afirmando que não englobam um quadro de trabalhadores específicos, os que estão inscritos no centro de desemprego, que iriam certamente engrossar os números apresentados. Segundo o sindicalista, o desemprego é não só uma consequência das sociedades modernas mas também da entrada de Portugal para a União Europeia, já que com a abertura dos mercados e a livre circulação de produtos e pessoas Portugal sofreu "transtornos terríveis" na sua economia, encarándo uma concorrência bastante agressiva por parte dos outros países. António Moreira defende, assim, uma acção de maior intervenção dos ministérios que tutelam a área do trabalho, a concessão de mais apoios e, para finalizar, uma análise profunda e cuidada dos problemas empresariais, "aceitando o desafio com frontalidade".

Governo pretende multar quem não separa o lixo

Com o novo regime dos resíduos, em fase de preparação, reciclar vai constituir obrigação, passível de multa no caso de incumprimento

Maria João Lopes
Ana Elisa Varelas

O Governo pretende estabelecer multas para os cidadãos que não separarem o lixo. O secretário de Estado do Ambiente, José Eduardo Martins, defende uma maior responsabilização dos cidadãos. O presidente da Quercus, Hélder Spínola, alerta para a necessidade do Governo privilegiar a recolha selectiva do lixo antes de impor qualquer medida coerciva.

O novo regime dos resíduos, ainda em preparação, prevê multas, que podem ir até aos 100 euros, para os cidadãos que não separem o lixo. A ideia defendida pelo secretário de

Estado do Ambiente é a de responsabilizar não só entidades públicas, mas também cidadãos no que respeita ao processo de triagem e reciclagem. A medida pretende obrigar a comunidade civil em geral a fazer a triagem dos resíduos e a depositá-los nos ecopontos.

Hélder Spínola concorda com a participação dos cidadãos, mas entende que "para essa participação acontecer é preciso garantir algumas condições básicas antes de avançar com multas". O presidente da Quercus refere que "existem ainda diversas situações em que não há condições adequadas para que as pessoas possam ter uma maior participação na recolha selectiva". "No nosso país, quem não faz a separação dos lixos é beneficiado com a recolha desses resíduos ao domicílio e quem faz a separação dos resíduos é penalizado com o incómodo de se deslocar ao ecoponto", explica. Para Hélder Spínola, "há aqui uma actuação das entidades públicas que desvirtua a participação".

O presidente da Quercus acredita que "a medida apresentada sofre de uma certa incoerência face à prática das próprias entidades

públicas, uma vez que são essas mesmas entidades que investem mais noutras medidas que não a reciclagem". E cita como exemplo "a intenção de construir mais uma incineradora na zona Centro". Para Hélder Spínola, em primeiro lugar "é necessário existir um conjunto de condições imprescindíveis para que se consiga mais participação das pessoas". Nesse sentido, entende como essencial a "educação e sensibilização ambiental", porque "acima de tudo o Governo não pode exigir às pessoas um determinado comportamento, com ameaças coercivas, quando o próprio Governo não elege essas metodologias como prioridade, apostando muitas vezes na incineração e na recolha indiferenciada dos resíduos".

Reciclagem tem de aumentar em Portugal

Portugal tem que reciclar mais para conseguir cumprir as metas fixadas pela União Europeia. De acordo com uma nova directiva aprovada pela União Europeia, em 2011 a proporção de resíduos de embalagem para re-

ciclar terá de atingir os 55 por cento.

Contudo, a obrigação de cumprir as metas já se impõe e, por isso, nos próximos dois anos, Portugal necessita de, pelo menos, duplicar o crescimento da reciclagem de embalagens.

De acordo com dados apresentados pela Sociedade Ponto Verde (SPV), em 2003 a percentagem de embalagens recicladas foi de 17 por cento, taxa que, no próximo ano, tem que subir para os 25.

A SPV pretende, neste momento, introduzir uma inovação na licença que está a renegociar com o Ministério das Cidades, do Ordenamento do Território e do Ambiente. A novidade a introduzir passa por diferenciar os preços que a empresa paga aos sistemas de gestão de lixo multi-municipais por uma tonelada de embalagens. Ou seja, quanto maiores forem as dificuldades dos sistemas na recolha selectiva, mais elevado será também o montante que recebem da empresa. As dificuldades a ter em conta passam pela dispersão da população ou pela falta de ecopontos, pelo que se terá de proceder à actualização destes valores.

10 INTERNACIONAL

“Super terça-feira” decisiva para democratas

Corrida eleitoral nos Estados Unidos decide hoje principal opositor de Bush

John Kerry, senador do Massachusetts, afigura-se como o mais provável oponente democrata de George W. Bush, tendo conquistado até ao momento 18 dos 20 estados onde já se realizaram eleições primárias

Helder João Pinto
Rui Simões

Realizam-se hoje em dez estados norte-americanos (de entre os quais os populosos Ohio, Califórnia e Nova Iorque) eleições primárias que podem decidir o candidato democrata às presidenciais.

Para José Manuel Pureza, docente na licenciatura de Relações Internacionais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, embora os resultados das eleições de hoje “não sejam matematicamente irreversíveis”, John Kerry, com vitórias em 18 das 20 eleições primárias já realizadas, é o mais provável adversário democrata de George W. Bush nas presidenciais de Novembro próximo. Entre as vitórias de Kerry contam-se vários estados através do sistema de “caucaso”. Esta não é a votação tradicional, pois consiste em reuniões de células do partido em questão, onde são discutidos os principais pontos da campanha.

O factor Nader

Nas últimas presidenciais, muitos apoiantes do novemente candidato d'“Os Verdes” Ralph Nader disseram que teriam votado em Al Gore, no caso de uma corrida apenas entre democratas e republicanos.



Estados onde Nader obteve 5 por cento dos votos ou mais:

Alasca	10%
Colorado	5%
Columbia	5%
Havai	6%
Maine	6%
Massachusetts	6%
Minnesota	5%
Montana	6%
Oregon	5%
Rhode Island	6%
Utah	5%
Vermont	5%

Fonte: Associated Press © GRAPHIC NEWS

na, por vezes durante largas horas. No final, vota-se de braço no ar, o que em termos práticos dá a vitória ao candidato que mais apoiantes conseguir mobilizar para os debates. Este processo é também mais moroso do que a eleição tradicional de um candidato. Entre os estados ganhos por Kerry estão os de Washington DC, Maine, Nevada e Novo México.

Entretanto, surge como terceira opção Ralph Nader. Este anunciou a semana passada a sua candidatura como independente depois de, no último escrutínio, em 2000, ter concorrido pelos Verdes, tendo sido acusado de “roubar” os votos que seriam necessários à vitória de Al Gore.

Após a desistência de Howard Dean - até há pouco tempo o favorito dos democratas - apenas John Edwards poderá fazer frente a Kerry, mas tudo indica que a “super terça-feira” de hoje apenas venha confirmar a supremacia do senador do Massachusetts.

Esta supremacia é tal que Kerry já abandonou as batalhas com os seus adversários de partido, iniciando uma guerra verbal com Bush.

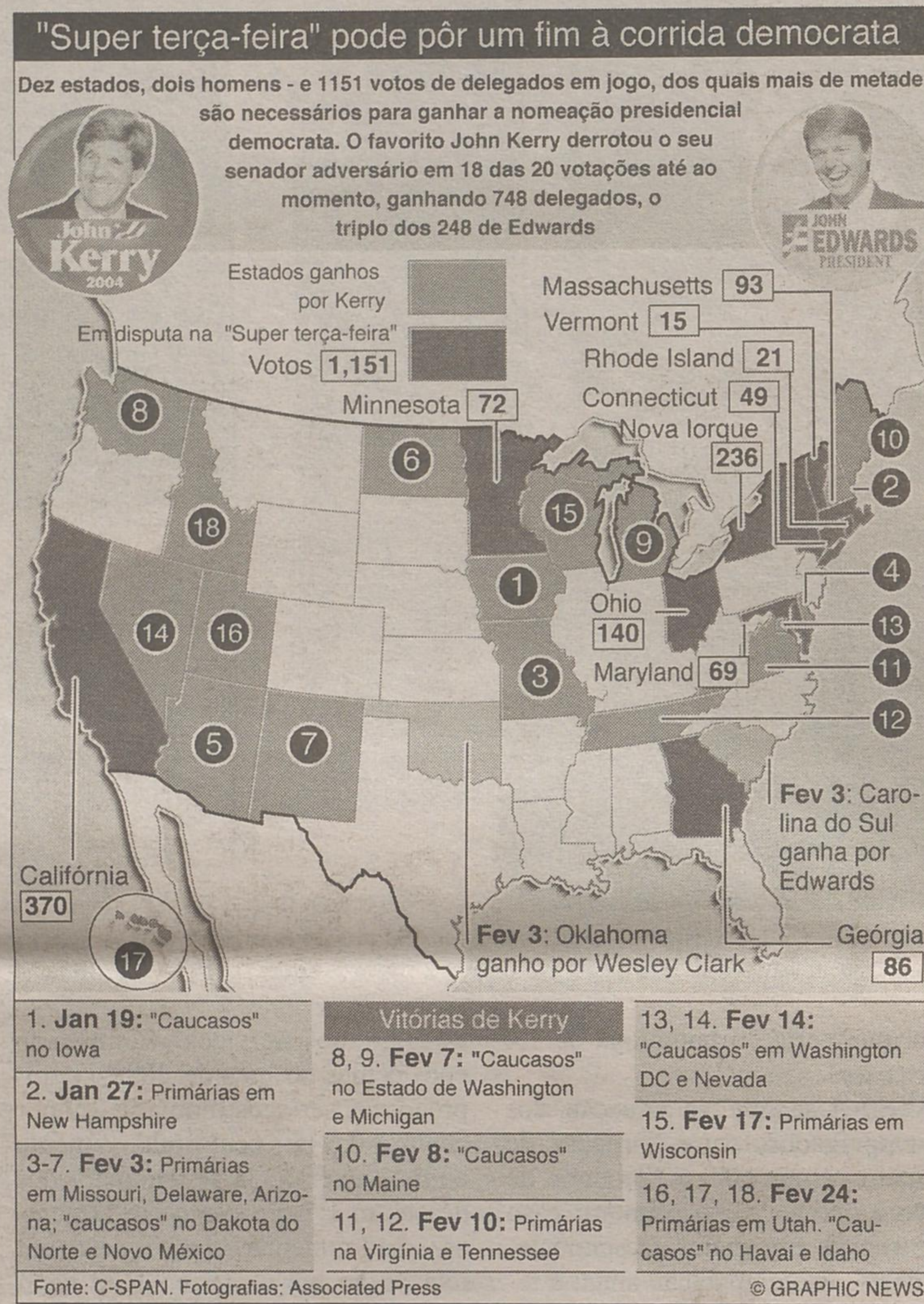
No centro do confronto entre Bush e Kerry têm estado polémicas como a legitimidade da guerra no Iraque, a suposta fuga do actual presidente americano à tropa e, mais recentemente, a proposta de Bush de proibir casamentos entre homossexuais.

José Manuel Pureza considera natural o surgir destas polémicas, afirmando que “a disputa presidencial nos Estados Unidos anda, muitas vezes, mais à volta de traços de personalidade do que de questões ideológicas” e que, “ainda que não importe realmente saber se Bush foi ou não à tropa, e se Kerry teve ou não um ‘af-fair’, isso interessa ao eleitorado, pois este estabelece uma relação pessoal com o candidato.”

Pureza continua, explicando que “Bush vem enfrentando dificuldades do ponto de vista de uma reeleição que seria fácil. Essas têm a ver com diversos factores: credibilidade perdida com a guerra no Iraque e questões internas, nomeadamente dificuldades económicas”. Já em relação ao partido democrata, o docente da faculdade de Economia explica que “a vitória de Bush nas últimas eleições foi traumática, pois esta não era esperada e que a questão agora é saber se Kerry conseguirá unir à sua volta sectores mais centristas e que façam a ponte entre leitores indecisos, mobilizando ao mesmo tempo os sectores mais tradicionais do seu partido”.

Nader outra vez

Quanto a Ralph Nader, Pureza considera que “uma franja da população vai-se situar ao lado do candidato independente por questões de convicção e coerência.” Sendo praticamente impossível a vitória de Nader, esta candidatura assume espe-



Consumidores europeus mais confiantes

Sara Cardoso

Com o aumento de confiança dos consumidores, o índice de sentimento económico na Zona Euro encontra-se estável, permanecendo nos 96 pontos em Fevereiro, valor igual ao registado em Janeiro. Em Dezembro o indicador interrompeu a tendência de melhoria verificada desde o Verão de 2002.

A melhoria de confiança dos consumidores, que recupera para 14 pontos negativos, veio, assim, suprimir os agravamentos da confiança da construção, para 21 pontos negativos, e da confiança dos retalhistas, para 11 pontos negativos. Também o segmento da confiança dos industriais se manteve praticamente estabilizado em relação a Janeiro, segundo os dados divulgados pela Comissão Europeia.

De igual modo, no conjunto da União Europeia, o sentimento económico estabilizou nos 96,7 pontos, com a quebra da confiança da construção a ser compensada pela melhoria na confiança dos consumidores e retalhistas.

Já no que toca ao clima de negócios da Zona Euro, verificou-se, no mês de Fevereiro, uma quebra ligeira deste indicador. De acordo com a Comissão Europeia, o índice, obtido através das opiniões dos industriais dos Doze sobre a sua actividade, atingiu os 0,01 pontos, contra os 0,04 registados em Janeiro. A descida de quase todos os componentes do índice, em particular da produção, das encomendas e das exportações são as razões enunciadas para a quebra do indicador de clima de negócios da Zona Euro.

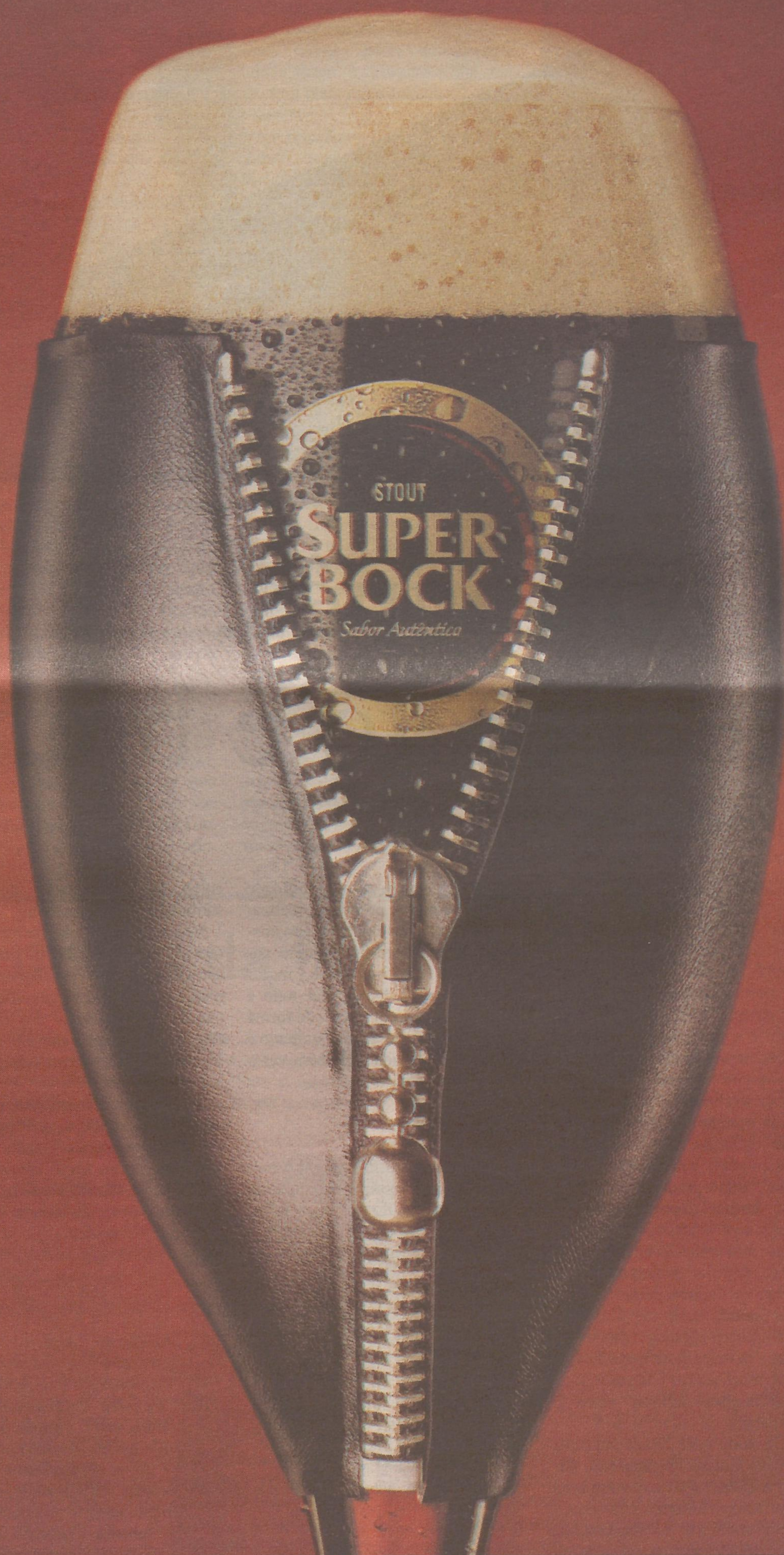
Inflação na Zona Euro cai

Sara Cardoso

A inflação na Zona Euro atingiu, em Fevereiro, o valor mais baixo nos últimos cinco anos. De acordo com a estimativa do Eurostat, a taxa de inflação desceu aos 1,6 por cento, um valor que se situa abaixo dos dois por cento estabelecido pelo Banco Central Europeu (BCE).

Já no mês de Janeiro, a inflação chegou a 1,9 por cento, contrariamente à apreciação inicial que apontava para os dois por cento. Com estes valores reforça-se a possibilidade de o BCE reduzir as taxas da juro na reunião de quinta-feira, como forma de estimular e fomentar a recuperação da economia na Zona Euro. Ainda na semana passada, o primeiro-ministro francês, Jean-Pierre Raffarin, e o chanceler alemão, Gerhard Schröder, apelaram a um corte nas taxas de juro como travão à forte subida do euro. Nicholas Garganas, membro do BCE, em entrevista ao jornal “Financial Times”, pôs imediatamente de lado a necessidade de levar a cabo uma nova redução das taxas de juro, que, actualmente, se encontram no mínimo histórico de dois por cento.

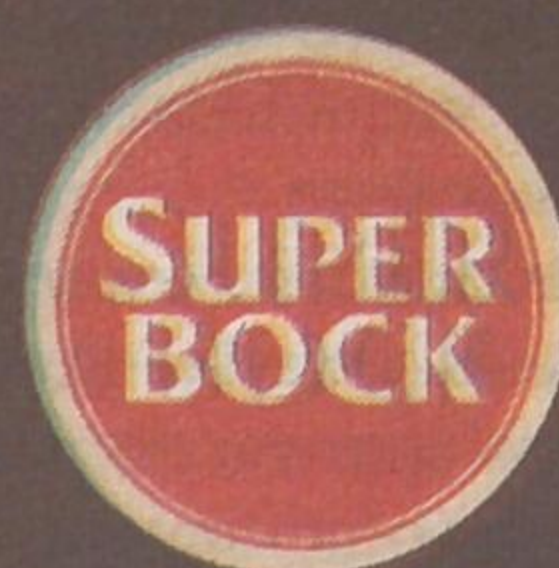
Fetiche.



Seja responsável. Beba com moderação.

www.superbock.pt

Super Bock Stout.
O outro lado da Super Bock.





Os filmes nacionais praticamente não têm lugar nas telas dos cinemas portugueses

Cinema português, um filme a preto e branco

A realidade actual está em vias de ser alterada

O cinema nacional, embora permaneça nas prateleiras ou nos sonhos de muitos realizadores, pode, com a nova lei, ver o seu papel redimensionado

**Jorge Mendes
Gustavo Sampaio
Paula Velho**

À semelhança do que acontece com as linhas de comboio, em Portugal, o caminho que o cinema português tem percorrido não é propriamente herdeiro da velocidade e industrialização que caracterizam o TGV. Comporta-se mais como uma locomotiva, que vai “cuspindo” lentamente o carvão que a faz mover, não deixando, por isso, de ostentar o seu porte e estatuto, que poucos têm a oportunidade de ver.

Neste sentido, em Portugal, o cinema é como o filme “Branca de Neve”. Ou seja, o público criou uma imagem negativa, “negra”, limitando-se a ouvir falar dele, na maior parte dos casos quando os ecos dos aplausos adquiridos no estrangeiro soam mais forte.

No entanto, o Governo pretende alterar esta situação. O Conselho de Ministros aprovou no passado dia 4 de Fevereiro um projecto de lei que visa dinamizar o sector, permitindo o

investimento de privados (ver caixa).

Na perspectiva do professor de História do Cinema Português na Universidade de Coimbra, Fausto Cruchinho, “o estado do cinema português, neste momento, é de indefinição”, dado que “a lei actual não é satisfatória e a nova, apesar das boas intenções, como ainda não está em vigor, é um projecto cujos resultados não foram avaliados”.

Na sua opinião, “a nova lei é um ‘remake’ da lei de 1973”, na medida em que coloca a actividade cinematográfica “como produção de filmes e como formação profissional”. O ponto que tem sido mais evidenciado, e que já é aplicado noutras áreas artísticas, é o dos projectos plurianuais que poderiam mudar com a mesma periodicidade do Governo, “permitindo aos agentes culturais ter segurança de trabalho e estabilidade, tornando a actividade cinematográfica um processo contínuo” refere o especialista.

Esta ideia de estabilidade já estava prevista no Centro Português de Cinema (criado em 1970), que era uma cooperativa de cineastas, cujo financiamento vinha da Fundação Gulbenkian, a qual previa que de três em três anos se apresentassem filmes e um relatório dos gastos, permitindo a produção de filmes e, simultaneamente, estabilidade profissional. Todavia, a intervenção da Gulbenkian deixou de ser necessária com a revolução de Abril, passando a tutela para o Estado.

Deste modo, apesar do Estado ter

simultaneamente a responsabilidade do financiamento, produção, realização, distribuição e exibição, não possui capital para investir. Contudo, para Fausto Cruchinho, a maior calamidade é “o Estado dar tudo e não receber nada em troca”, de forma a garantir o retorno do investimento e que todos os cidadãos possam ver o filme novamente.

Pouca oferta e pouca procura

“Os portugueses não só não vêem filmes nacionais porque não querem, chegando ao cúmulo de filmes portugueses estrearem primeiro no estrangeiro, mas também porque não têm

como. As oportunidades são raras”, sublinha Fausto Cruchinho.

Assim, a partir do momento em que o filme estreia, nunca mais pode ser visto; só na televisão ou DVD, mas nada disso está garantido, pois não há depósito legal dos filmes e, deste modo, as películas não são preservadas e não estão acessíveis. Mesmo estando garantida a conservação, a nova visualização implica um novo dispêndio de dinheiro, quer para o espectador, quer para o Estado.

A maioria dos filmes que estreiam em Portugal são estrangeiros. Tendo em conta o preço do bilhete, sublinha o docente, “é evidente que se prefere ver o filme de que se fala, trocando

de imediato um filme português pelo ‘Senhor dos Anéis’”.

Com efeito, verifica-se que existe uma grande escassez de oferta. A nível de outros países onde existe uma indústria cinematográfica (como a França, Itália, Alemanha e Brasil), tentou-se inverter esta tendência, obrigando a que, de entre os filmes produzidos, uma quota significativa tivesse que ser exibida.

Em Portugal, esta política foi uma aposta do Governo anterior, mas era necessária uma contrapartida: “Como é possível impor uma quota de ecrã aos filmes portugueses, quando não há um número de filmes que garanta mais do que um mês de exibi-

Nova lei para cinema e audiovisual português

Em Conselho de Ministros foi aprovado o projecto de lei que prevê a criação de um Fundo de Investimento para o Fomento e Desenvolvimento das Artes Cinematográficas e do Audiovisual. Segundo o ministro da Cultura, Pedro Roseta, “a nova legislação deverá entrar em vigor ainda este ano e já estão previstos 25 milhões de euros” para investir no sector.

Deste modo, este fundo vai contar com receitas de cinco por cento dos resultados líquidos dos operadores e distribuidores de televisão de acesso condicionado, bem como dois por cento dos distribuidores de cinema e ainda com a participação de outras entidades com as quais serão estabelecidos protocolos de investimento.

O secretário de Estado da Cultura, José Amaral Lopes, afirmou, em entrevista à revista “Visão”, que já existem propostas concretas para fomentar uma “indústria cinematográfica”, nomeadamente através de planos plurianuais, prevendo-se que 60 por cento das obras produzidas sejam exibidas e distribuídas nas salas de cine-

ma”.

O presidente da Associação de Realizadores de Cinema e Audiovisuais (ARCA), António Pedro Vasconcelos, em declarações à agência Lusa, refere que “a nova lei permite tirar o sector do marasmo, pois o cinema não existe nem cá dentro nem lá fora. É tão conhecido como o cinema esquimó, tendo atingido o grau zero da popularidade, não tem espectadores, bateu fundo”, termina.

Deste modo, garante que o facto de o ICAM deixar de gerir as verbas do Estado, vai permitir a “multiplicação das fontes de financiamento e de decisão, na medida em que irá envolver as diversas entidades ligadas ao cinema (produtoras, clubes de vídeo, publicidade, televisão por cabo).

Todavia, o presidente da Associação Portuguesa de Realizadores, João Mário Grilo, teme a industrialização, uma perspectiva economicista do sector. Isto é, “peço uma lei que saia do ministério da Cultura e não do Comércio e da Indústria”, afirma.

ção?” Porém, a legislação vai no sentido oposto, pois toda a aposta é feita no financiamento da produção negligenciando fases (como a exibição), que têm de ser novamente financiadas para poderem ser levadas a cabo.

Outro problema, nas palavras de Fausto Cruchinho, passa pela pequenez do mercado: “Em dez milhões de pessoas, há cinco milhões de espectadores. Tendo em conta que uma pessoa vê, em média, um filme

O caminho do cinema português

Apesar de iniciativas como as curtas de Vila do Conde, o Festival da Figueira da Foz, o Fantasporto, o Festival de Évora e o da Covilhã, Vítor Ferreira, membro da organização d’“Os Caminhos do Cinema Português”, é peremptório em declarar que este evento (realizado desde 1988) é o único festival que existe só sobre cinema português. Por isso, sente “muito orgulho por estar em Coimbra, ou seja, ser descentralizado, funcionando como uma mostra do que se faz em Portugal”.

No entender de Vítor Ferreira, “a falta de apoios ao cinema português reflecte-se neste festival”. Apesar das mudanças (este ano, com um júri independente, o ICAM atribuiu 35 mil euros a “Os Caminhos”), até ao ano passado, o festival contava apenas com quatro mil euros do ICAM e algumas verbas da Câmara Municipal de Coimbra, da Queima das Fitas e de privados.

Na opinião de Fausto Crochinho, este é um mal que se estende às revistas especializadas e aos jornais que abordam o cinema português. “Estes sofrem do mesmo mal do cinema”, isto é, “não existe público e são dispendiosas, sendo preferível fazer o investimento num bilhete e ir ver um filme”, afirma.

português por ano, este nunca será pago, por maior que seja o êxito”, encerra.

A excepção faz a regra

No que concerne aos êxitos de bilheteira como “Zona J”, “Tentação”, “Adão e Eva”, Jorge Vaz Nande, vencedor de um concurso europeu de argumentos para curta-metragens, afirma que são produtos de marketing e publicidade televisiva bem equacionada que passava, a horas estratégicas, excertos de imagens dos filmes que contavam com actores conhecidos. Isto fez com que se pensasse que “está descoberto o filão para fazer filmes para o público, mas a última vez que isso se tentou foi um ‘flop’ monumental, com o ‘Inferno’ de Joaquim Leitão”. Portanto, “não há estratégia de mercado que vença”, garante.

Assim, “não é por receitas que não há cinema português”, é também porque “o público é heterogéneo” e não reage sempre da mesma maneira. Assim, sustenta, “a contradição é que, ao mesmo tempo que temos tão poucos filmes e tão pouco público, temos alguns dos melhores cineastas do mundo, que permanecem em Portugal”.

Na perspectiva de Jorge Vaz Nande, “o defeito do cinema português é ser uma espécie de ‘ghetto’”. Ou seja, um espaço que está confinado a um grupo específico de pessoas. Neste sentido, os filmes portugueses não são apelativos para o público, porque “subsiste o compadrio entre produtores e realizadores, não permitindo desenvolver uma perspectiva comercial, o que não significa que o cinema deva ser escravo do gosto do público”.

Neste contexto, permanece a ideia do cinema ser um esforço comunicativo, o que, na verdade, “acaba por ser uma fraude”, pois não se comunica, visto desejar “fazer-se algo sem querer chegar a ninguém”. Para Vaz Nande, esta situação “é um nicho um pouco narcisista de muitos criados

res”.

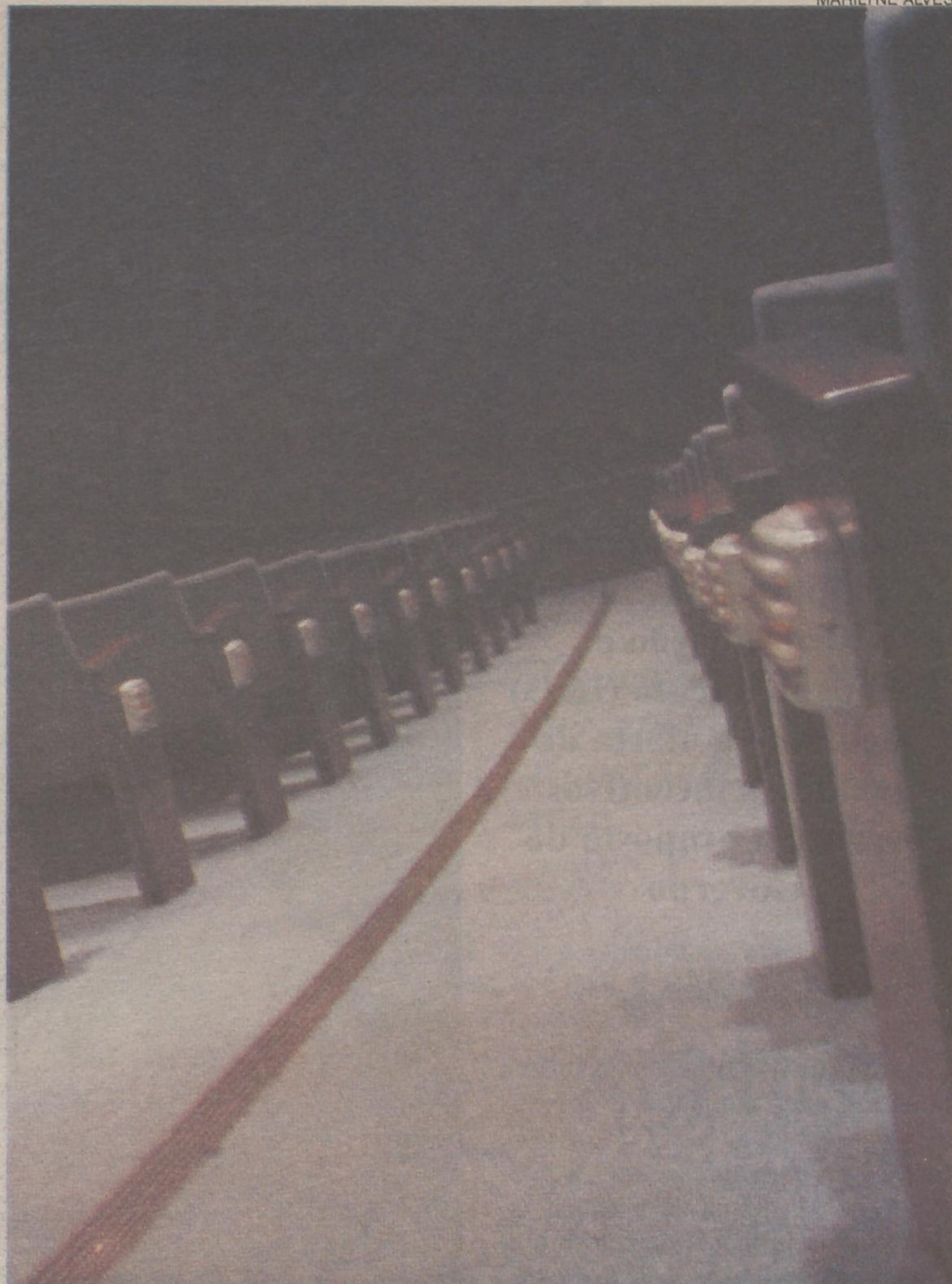
Em Portugal, para atribuir verbas à produção de um filme, avalia-se o argumento. Por conseguinte, para evitar que sejam sempre os mesmos a ser contemplados, o melhor modelo, na óptica de Fausto Cruchinho, é o semelhante ao utilizado em 1970, bem como o de “obrigar todos os realizadores a fazer de tudo um pouco: telefilmes, filmes, curtas e longas metragens, para não haver uma especialização, diluindo-se o velho e falso conflito entre cinema de autor e cinema comercial”. Deste modo, dá-se a oportunidade aos realizadores mais novos, pois, actualmente, “ainda fazem o primeiro filme, mas não têm mais oportunidades”, critica o docente.

Em relação ao ICAM, Fausto Cruchinho insiste que o “instituto é do cinema e do audiovisual e, como tal, por que não tratar o cinema como um todo, que se serve de novas tecnologias (e não em partes), funcionando como um estímulo a novos conteúdos e formatos, bem como à constituição de empresas?”

Dois pesos e duas medidas

Na óptica do especialista em cinema, em Portugal existem fundamentalmente dois modelos. O primeiro é o cinema de Manoel de Oliveira, que é um caso único em todo o mundo, pois aos 95 anos ainda filma e prima pela assiduidade com que grava (estrea um filme por ano no festival de Cannes ou no de Veneza).

O segundo caso, “que é o de todos os outros realizadores”, integra dois momentos: o primeiro que é herdeiro do chamado “Cinema Novo”, nascido nos anos 60, e o segundo, que é uma geração escolarizada, produto de uma escola de cinema, e que começa a trabalhar nos anos 90. Esta última, é herdeira da televisão, das realidades que esta retrata, negando o aspecto literário. “Parece uma geração espontânea que nasceu como os cogumelos, a seguir a uma boa chuva”, conclui Fausto Crochinho.



Nova lei pretende criar uma verdadeira indústria cinematográfica

Um cinema que faz o próprio funeral

Em relação ao filme polémico de João César Monteiro, “Branca de Neve”, Fausto Cruchinho considera que foi uma fase do processo criativo que pretendeu chocar e agredir o público. Pelo facto de não ter imagens, não é considerado cinema. Na sua opinião, o realizador tem consciência de que quando ele nasceu para o cinema, o cinema já tinha morrido. Consciência que, sublinha, “Manoel Oliveira não tem, porque é do tempo em que o cinema nasceu e, como tal, para ele, ainda está vivo”. Para Fausto Cruchinho, o cinema de João César Monteiro é uma espécie de “grande cerimónia de óbito do cinema. O cinema não serve para nada, é um suporte para os actores dizerem um texto, que é acompanhado por música e, se o espectador concorda ou não, isso é problema dele.”

As mãos por detrás da luz branca

A profissão de projeccionista de filmes é frequentemente esquecida e menosprezada, mesmo pelos frequentadores mais assíduos das salas de cinema

A ideia generalizada, e francamente errada, tende a ser a de que os filmes se exibem automaticamente, como quem introduz uma cassette de um filme no interior de um leitor preparado para o reproduzir automaticamente na tela, através de um sofisticado e mecanizado projector. Mas a realidade é bastante diferente. A mão humana continua a ser essencial para a projecção dos filmes, apesar dos profundos avanços tecnológicos introduzidos nesta área.

Afinal, o brilho e a magia do cinema retratados num dos mais belos filmes de sempre, “Cinema Paraíso” (1988, escrito e realizado por Giuseppe Tornatore), continuam bem vivos, e a função do projeccionista ainda é preponderante. Filmado na aldeia natal do realizador-argumentista (Bagheria, nos arredores de Palermo, na Sicília), com uma banda-sonora da autoria de Ennio Morricone, o filme narra a história de uma mítica sala de cinema (o Cinema Paraíso) e a amizade que se gera entre o projeccionista e o miúdo que lhe serve de assistente. Numa época ainda sem televisão, o cinema fascinava as pessoas como nunca,

mesmo sem qualquer cena de beijos, todas elas cortadas pela mão pesada da censura. Um filme arrebatador que mitificou o papel do projeccionista, ligando-o de forma incontornável à magia própria da arte cinematográfica.

Um trabalho manual

Quando se entra numa sala de projecção, surge de imediato uma sensação de poder, o olhar de cima para os espectadores, lá em baixo, sentados na plateia da sala de cinema. Pelas paredes amontoam-se cartazes de filmes antigos, por entre outros de filmes mais recentes. O barulho do projector, mecânico, constante, torna inaudível qualquer outro ruído, como uma forma de insonorização. De um ambiente relativamente sombrio, ressalta uma luz forte e intensa projectada através de um vidro muito espesso para o interior da sala de cinema, incidindo sobre a tela branca perfilada lá ao fundo, onde ganham vida os protagonis-



tas do filme. Pedro trabalha há mais de oito anos como projeccionista nos cinemas do Centro Comercial “Girassol”. Não só pela necessidade de trabalhar, mas também “por gosto”. Extremamente conciso, explica que o seu trabalho consiste simplesmente na “ projecção dos filmes”. Mas não se trata de um trabalho automatizado, não basta colocar o filme na máquina e deixar correr. “Temos que ver se está tudo a correr bem, as afinações de som e isso tudo, passa tudo pela pessoa”, sublinha. “Não há nada automático, é tudo manual, nós é que temos de fazer tudo”, acrescenta.

Questionado sobre se poderá surgir algum dia uma máquina capaz de tornar obsoleto o trabalho do projeccionista, Pedro é novamente lacónico: “Já existe, em alguns cinemas”. “Mas aquilo não é cinema, o cinema é isto”, adverte. E apesar de a máquina poder fazer “tudo sozinha”, “é sem-

pre precisa uma mão humana para ir lá pôr a fita”, salienta o projeccionista.

Som e imagem

Nenhum filme chega à sala de projecção em bobines. Pedro explica que “os filmes vêm em caixas pequenas e é aqui que é colocado nas bobines”. “É aqui que ponho e disponho dos filmes, é aqui que ponho o intervalo, é aqui que ponho as apresentações”, refere. O filme chega na sua versão original e é o próprio projeccionista que lhe acrescenta, ou “cola”, os restantes elementos. Mas apesar desta função de produção, o projeccionista não pode cortar nenhuma parte do filme. “Não podemos cortar nada, principalmente no filme, pois é proibido”, afirma Pedro. “Nós temos que nos cingir ao que já vem delimitado pela Direcção Geral dos Espectáculos”, conclui.

Um elemento fundamental dos filmes, para além da imagem, é o som. E o projeccionista também tem uma função importante ao nível da sonoridade de cada filme. “O som é o que vem nas fitas e nós limitamo-nos a reproduzi-lo o melhor possível, através do nosso melhor sistema de som”, explica Pedro. “Temos vários sistemas de som, o melhor que temos é o digital”, acrescenta. Cada filme tem o seu próprio formato de som e é a partir daí que o projeccionista escolhe a modalidade a adoptar. “Nós vemos qual é o som que vem nos filmes e, consoante o que lá esteja, pomos na modalidade em que os nossos aparelhos captam melhor”, finaliza o projeccionista.

CIÊNCIA

Governo aposta no mecenato

Ministra propõe que mecenato passe a estar sujeito a credenciação

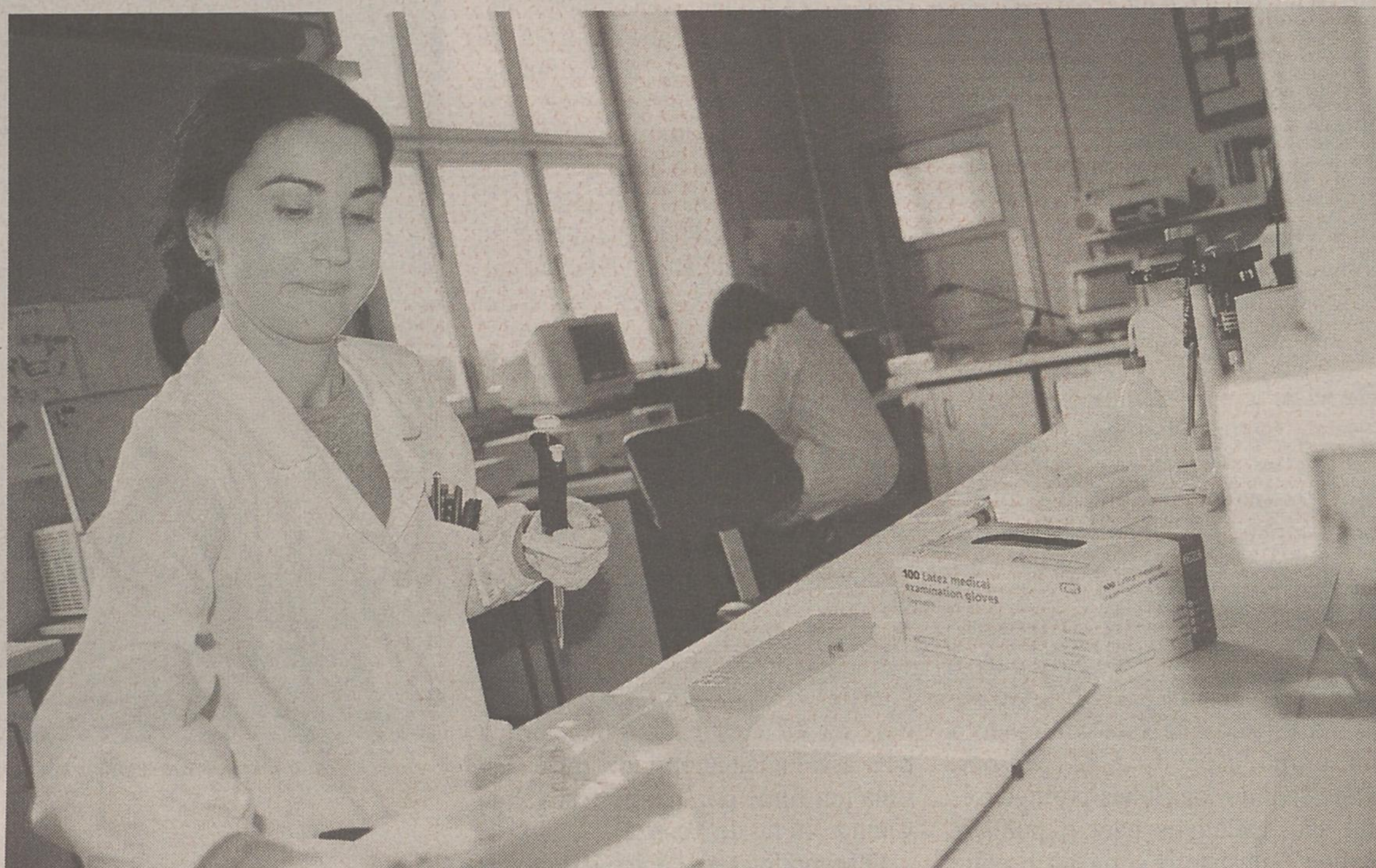
Tentar aproximar os investidores privados da Investigação e Desenvolvimento (I&D) mediante a oferta de melhores incentivos fiscais é a proposta do Governo

Emanuel Graça

A ministra da Ciência e do Ensino Superior quer aumentar o investimento privado na I&D. Para isso, Graça Carvalho apresentou recentemente na Academia de Ciências de Lisboa uma proposta de reformulação do Estatuto do Mecenato Científico. Com esta proposta de lei, que a ministra quer ver em vigor já em Janeiro de 2005, o Governo pretende individualizar o mecenato científico e estimular o investimento privado.

Entre as principais novidades em relação à lei em vigor (datada de 1999 e que engloba vários tipos de mecenato além do científico), encontram-se os valores referentes aos incentivos fiscais para os mecenas. Se a lei estipula que os donativos atribuídos sejam considerados em valor correspondente a 120 por cento para efeitos do IRC ou da categoria B do IRS, com a proposta governamental esse valor sobe para os 130 por cento. Os proveitos são ainda maiores caso se tratem de contratos plurianuais: nestes casos, os benefícios fiscais sobem para os 140 por cento, contra os 130 por cento actuais.

Mas quem pode beneficiar destes incentivos fiscais ao investimento na I&D? No que toca aos mecenas,



Proposta governamental prevê a instituição de uma Rede Nacional de Mecenato Científico

tanto pessoas singulares como colectivas. No que toca às instituições beneficiárias, todas as entidades públicas ou privadas que tenham uma actividade científica reconhecida pelo Estado (incluindo órgãos de comunicação - caso do mecenato de divulgação).

No entanto, esse usufruto passa a estar dependente de acreditação - o "Certificado Ciência 2010". Este documento é atribuído a cada donativo por uma entidade acreditadora a designar pelo Ministério da Ciência e do Ensino Superior (a hipótese mais provável é a Agência de Inovação), e reconhece a natureza científica da actividade a que se destina o donativo.

Mecenato em diferentes vertentes

Por outro lado, é a primeira vez que se propõe fazer uma distinção entre várias modalidades de mecenato científico. Assim, segundo esta proposta, passa-se a efectuar diferenciação entre o "mecenato de projecto de investigação", referente ao apoio ao desenvolvimento de um projecto de investigação científica, o "mecenato de equipamento científico", relativo à aquisição de equipamento, e ainda o "mecenato de recursos humanos", referente à cedência de investigadores de uma entidade para outra para o desenvolvimento, em exclusividade, de um projecto de investigação. Ainda no

âmbito desta divisão, surge o "mecenato para a divulgação", que pretende apoiar instituições e actividades de divulgação científica, e o "mecenato de inovação ou aplicação industrial", destinado a apoiar a demonstração, em ambiente industrial, de resultados de investigação e desenvolvimento tecnológico, desde que assumam carácter inovador.

Por fim, a proposta governamental prevê ainda a criação de uma Rede Nacional de Mecenato Científico, com o objectivo de promover e divulgar este tipo de instrumento, e a criação dos Prémios Mecenas, destinado a premiar as entidades que mais se tenham destacado no âmbito do mecenato científico.

Mineralógico propõe novas visões sobre ciência

Diana Duarte
Adalgisa Leitão

A mais recente galeria de exposições do Museu Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra foi inaugurada na semana passada. O espaço mostra fósseis originários de várias regiões do mundo, constituindo testemunhos vivos de "momentos em que foi arrasada toda a fauna e a flora e isso fica gravado nas rochas. Estão aqui representados mundos desaparecidos anteriores ao homem", explica a directora do museu, Maria Helena Henriques.

A exposição patente nesta ala é um olhar sobre a evolução das espécies desde formas ancestrais até à actualidade. Répteis marinhos com mais de 70 milhões de anos ou uma carapaça de tartaruga que terá entre 65 e 96 milhões de anos são exemplos de fósseis recuperados.

O museu associou-se à VI Semana Cultural da Universidade de Coimbra, pelo que na próxima quinta-feira decorrerá, pelas 15 horas, um ateliê, integrando experiências sensoriais com minerais, destinado a crianças entre os três e os cinco anos. Pelas 21h30, realiza-se um Recital de Música Clássica, com a participação de Marcelo Cantimelo, Francisco Baio e Ana Duarte. O museu está também a preparar uma nova galeria dedicada à Cartografia.

No museu é ainda possível visitar a exposição "Portugal de Pedra e Cal", iniciativa que se insere no projecto "Patrimónios Matrimónios Pandemónios" e que está integrada na programação da "Coimbra 2003 - Capital Nacional da Cultura", constituindo uma mostra da geologia do continente e das regiões autónomas. A exposição encontra-se na galeria de Minerais e Rochas e dá a conhecer ao público os diferentes tipos de rochas, que se encontram ao longo do território nacional, procurando mostrar "a aplicação da pedra nos objectos de uso quotidiano, aproximando o mundo da ciência ao mundo do cidadão", diz Maria Helena Henriques. A utilização das areias no fabrico do vidro ou da argila na indústria dos cosméticos são exemplos disso. Ainda nesta galeria podem encontrar-se expostas todas as formas mineralógicas de todo o mundo, incluindo pedras preciosas.

Relativamente a esta área foi lançado recentemente o livro "Litologias", da autoria de Maria Helena Henriques e do presidente do Departamento de Ciências da Terra, Rui Pena dos Reis, com fotografia de João Cosme. A publicação "procura ser uma ajuda aos viajantes, que, em linguagem simples, gostem de interpretar lugares", afirma a autora. Os fundos conseguidos com a venda do livro revertem a favor do Museu Mineralógico e Geológico.

Robótica progride em Coimbra

O Instituto de Sistemas e Robótica (ISR) da Universidade de Coimbra faz estudos na área da navegação olfactiva de robots

Tiago Pimentel
Bruno Vicente

Um dos projectos a que o ISR actualmente dedica mais tempo consiste na criação de um nariz electrónico, com quatro sensores de gás diferentes. Os circuitos, já desenvolvidos, permitem extrair informação dos sensores, a fim de discriminar os diferentes factores presentes num dado espaço, como a concentração de poluentes numa cidade.

Por outro lado, trabalha-se num robot de desminagem, com algoritmos

de navegação olfactiva. Com essa capacidade, será possível a detecção de minas anti-pessoais. Lino Marques, investigador do instituto, considera que "em termos de conceito é válida a combinação do nariz electrónico com o robot de desminagem".

Dos vários estudos levados a cabo pelo ISR, destacam-se também os que estão ligados à saúde. Os alunos Pedro Passão e Renato Coimbra desenvolveram um projecto denominado hipovigilância. Os estudantes pretendem que os condutores de veículos sejam supervisionado por uma câmara, ligada a um sistema "capaz de saber se o condutor apresenta sinais de fadiga, de modo a emitir um sinal sonoro para o despertar e evitar o acidente".

O ISR desenvolveu ainda uma cadeira de rodas autónoma, cujo objectivo é proporcionar um elevado grau de autonomia. Assim, pessoas que sofrem de doenças que lhes impossibili-

tem ou dificultem os movimentos podem dizer, por exemplo, "cozinha" e a cadeira, de modo automático, dirige-se à cozinha. Ainda no campo da saúde, uma colaboração com uma empresa de próteses de Coimbra resultou num sistema de sensores que, em contacto com a pele de um paciente que tem falta de massa muscular ou um membro debilitado, medem a vontade de este se mover. Então, um motor entra em acção e auxilia o movimento.

Outro dos projectos desenvolvidos foi o "cyber car". O veículo é capaz de percorrer uma distância de forma autónoma, estando equipado com um scanner de laser que permite evitar obstáculos.

De momento, decorrem diversos projectos europeus, nomeadamente na área dos veículos inteligentes, da robótica, da utilização racional de energia e das energias renováveis. Na actividade do ISR engloba-se tam-

bém a consultadoria de âmbito especializado para grandes empresas do panorama nacional, casos da EDP e da Rede Eléctrica Nacional.

Os projectos mais elaborados dividem-se em tarefas pequenas que consistem nos projectos de licenciatura dos alunos do último ano. Segundo Lino Marques, "todos os projectos têm uma aplicação prática ou em termos de desenvolvimento de trabalhos de investigação".

O director do ISR, Aníbal Traça de Almeida, considera que Portugal sofre de "um panorama heterogéneo, onde há áreas em que está a acompanhar o que de melhor se faz na Europa e outras em que está francamente desgarrado". Salienta também "a falta de uma política que selecione prioridades. É necessário escolher determinadas áreas e, aí, ser os melhores". Quanto ao trabalho do ISR, o director revela-se orgulhoso com o reconhecimento internacional que este tem tido.

DESPORTO 15

Futebol da Académica sofre derrota frente ao Mirandense

Secção de Futebol voltou a perder pontos mas não baixa os braços

Briosa perdeu por 3-0 em casa do líder e afastou-se cada vez mais dos lugares cimeiros da Divisão de Honra do Campeonato Distrital

**Bruno Costa
Bruno Gonçalves**

Até ao minuto 25 a Académica foi a melhor equipa e, logo nos primeiros minutos, a Secção de Futebol podia ter chegado ao golo, por meio de sucessivos lances de bola parada. O Mirandense respondeu por Rafael e Sopas que estiveram perto de inaugurar o marcador.

Ao minuto 22, Guimar remata de longe, mas a bola apenas rasou o poste. Três minutos mais tarde, o Mirandense trocou Costa por Cordeiro, substituição que veio a revelar-se crucial no desenrolar do encontro, uma vez que a equipa começou a subir de rendimento. Guimar esteve em destaque ao minuto 30 com um remate de longe, mas a bola teimava em não entrar. O golo surgiria cinco minutos mais tarde, por intermédio do recém-entrado Cordeiro, a passe de Rafael. Ainda a Académica não tinha "digerido" o golo, o Mirandense aproveitou para alargar a vantagem na sequência de um cruzamento de Guimar, com Paulo Mendes a concretizar de cabeça.

A segunda parte começa a todo o gás, com a equipa da casa a protagonizar um lance de perigo. A superioridade do Mirandense confirmou-se quatro minutos depois: Namora rematou forte para uma defesa de Pedro Bento. Os estudantes responderam com uma substituição: Rui Carlos fez entrar Pedro Mendes para



Defesa academista não foi suficiente para travar ataque mirandense

o lugar do defesa Belo.

Ao minuto 54, o irrequieto Guimar deu lugar a Reinau e dois minutos mais tarde voltou a pedir-se falta à entrada da área e a contestação ao árbitro Carlos Pinto começou a subir de tom.

A Académica fez, ao minuto 57, o primeiro remate digno desse nome na segunda parte, ao que Nuno Lourenço responde com uma grande defesa. Dois minutos mais tarde, a equipa visitante desperdiçou a sua oportunidade mais flagrante, por Francisco, que viria a ser substituído por Aldair.

A contestação ao árbitro aumentou depois de mais uma falta a favorecer a equipa da casa e Carlos Pinto teimou em não mostrar cartões, cenário que se repetiu até ao final do encontro. Um minuto mais tarde, Alemão estabeleceu o resultado final em três a zero para a equipa da casa, cabeceando um livre apontado na direita do ataque mirandense.

Aos 82 minutos, assiste-se à melhor jogada da partida, protagonizada pelo Mirandense.

Decorridos 39 minutos da segunda parte, a equipa visitada criou uma flagrante ocasião de golo, desta feita

por intermédio de Ricardo Costa que falhou na cara do guarda-redes. A partida terminou com nova ocasião de golo para a equipa da casa, quando Namora, isolado, remata ao lado da baliza da Académica.

Nas cabines...



**João Pereira,
treinador do
Mirandense**

- "Foi uma vitória justa, mas temos que dar os parabéns à Académica que foi a equipa que cá nos criou mais dificuldades".

- "Rui Carlos tem feito um excelente trabalho e esta vitória acaba por ser mais saborosa porque foi contra uma boa equipa".

- "A primeira alteração surtiu efeito e a partir daí as coisas ficaram mais difíceis para a Académica".



**Rui Carlos,
treinador da
Académica**

- "A equipa tem um sector mais fraco, que é o da baliza".

- "Considerando que jogámos contra o primeiro classificado, que é uma equipa com um grande orçamento, ao contrário da nossa, onde o dinheiro escasseia, fizemos um bom jogo".

- "Só pudemos treinar duas vezes esta semana, o que se reflectiu no resultado".

Andebol consegue ambicionada subida

Académica sobe à 2ª Divisão Nacional

**Patrícia Lourenço
Marta Poiars**

A Secção de Andebol da Associação Académica de Coimbra disputou a 1ª fase do Campeonato Nacional da III Divisão - Zona Centro, classificando-se em primeiro lugar. Alcançou esta posição com onze vitórias, duas derrotas e um empate.

A Académica iniciou esta época com uma equipa bastante equilibrada, beneficiando da integração de

cinco atletas ex-Quinta das Flores e do regresso de dois atletas que estavam a jogar pelo S. Bernardo e Castelo Branco. Apesar de prejudicada pela ausência de dois atletas lesionados, a equipa, segundo o treinador Horácio Poiars, encontrava-se motivada na conquista dos objectivos propostos. Este facto permitiu "trabalhar sem a 'pressão' e instabilidade que caracterizam as situações desportivas nos jogos colectivos, onde não há vitórias asseguradas". O técnico prossegue: "Tivemos nesta fase o melhor ataque, mas a segunda pior defesa, indicadores que determinam as nossas preocupações

e nos dão pistas de trabalho futuro". Nesta primeira fase do campeonato, a equipa contou com a "excelente colaboração" de Paulo Barreto, que liderou a equipa do Quinta das Flores nos últimos dez anos, e de João Pinto e Fernando Caldeira para algumas áreas do treino. Horácio Poiars destaca ainda a direcção da Secção de Andebol pelo apoio prestado e o trabalho da equipa médica.

A 2ª fase decorre de 6 de Março a 22 de Maio e vai ser disputada pelas equipas da Académica, Porto de Mós, Caldas, Espinho, Samora Correia e Torres Novas. Para esta fase final a Académica prevê ter re-

cuperado um jogador lesionado e contará já com mais um guarda-redes que veio estudar para Coimbra (ex-Marítimo).

Embora a disputa do título nacional da III Divisão seja um objectivo, o treinador Horácio Poiars admite que o fundamental é a preparação da próxima época, certamente mais exigente e competitiva: "Vamos competir com equipas também vencedoras num quadro competitivo mais exigente, e vamos contar com o mesmo empenhamento e vontade de superação dos jogadores que integram este grupo de trabalho."

Orabolos!

António Gil Leitão

Opinião

As leis do sistema

"Nunca percas uma oportunidade para criticar tudo o que mexe"

I - Nega a pés juntos a sua existência. É a melhor forma dele não se virar contra ti.

II - Se começares a perder jogos, chama a imprensa e diz que "estás atento" a "certas manobras de bastidores". Refere que não vais deixar que o teu clube seja prejudicado.

III - Vai falando dos pontos "sonegados" à tua equipa desde o início da temporada. Mas recua bastante. Porque já ninguém se lembra nem se vai dar ao trabalho de investigar. Diz muitas vezes para as pessoas acreditarem. (Se a época mal começou, podes falar dos jogos da época passada. Se o desespero for muito, podes sempre falar do "Calabote".)

IV - Se a tua equipa estiver pelas "ruas da amargura", despede o treinador e/ou corta com as instituições que gerem o futebol. Isto deve chegar para sossegar os adeptos e atrair as suas atenções para outros que não tu.

V - Agora nunca percas uma oportunidade para criticar tudo o que mexe. Se pedirem para concretizares as críticas, é a altura ideal para dizer: "É o Sistema!".

VI - Tenta demonstrar com frases sonantes e hiperbólicas que estás todos contra o teu clube. Afirma convicto que não vão conseguir, porque isso só ajuda à "união do grupo". Se for conveniente regionaliza a questão. Se não, escolhe um dos seguintes alvos: alguém dos órgãos da Liga, presidentes de clubes, árbitros.

VII - Se fores alvo de ataques semelhantes por "colegas" de outros clubes podes ironizar, na tentativa de descredibilizar a pessoa; aconselhar a que não se "metam" contigo porque sabes muita coisa; ou lembrar o "penalty" mal assinalado a favor da equipa dele (hás-de arranjar um; se não, inventa tendo atenção à lei III).

VIII - Antes de um jogo importante, mal seja nomeado o árbitro, diz que ele é fruto do sistema porque "esse senhor" já prejudicou deliberadamente a tua equipa por várias vezes (concretiza um número). Se o teu adversário for mais rápido nas críticas à nomeação, responde que ele está a tentar influenciar o árbitro e criar um ambiente propício à derrota do teu clube.

IX - Se a tua equipa ganhar esse jogo e os seguintes (ou quando ganhar) com erros do árbitro a teu favor, diz apenas: "Vocês sabem que eu não comento arbitragens". Se ganhares sem erros da arbitragem institui um "black out" informativo.

X - Nega a pés juntos a existência do sistema. Diz, com um sorriso nos lábios: "Isso são desculpas de mau perdedor".

Voleibol repete quinto lugar

Os estudantes tiveram uma época tranquila. Igualaram a classificação da época anterior, cedendo cinco atletas à selecção nacional

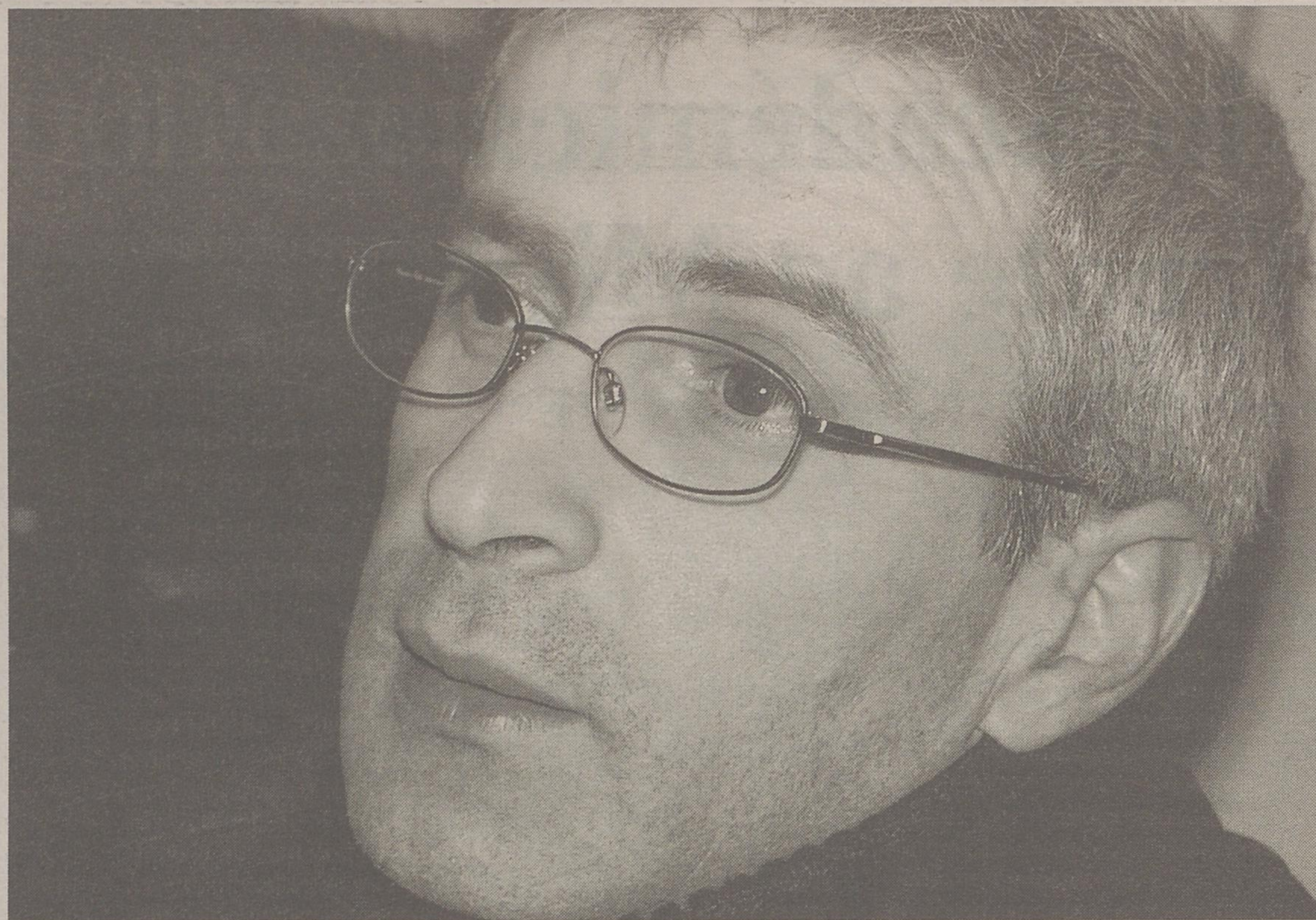
Tiago Pimentel

A Secção de Voleibol da Associação Académica de Coimbra (AAC) obteve, na primeira fase da divisão A1 do Campeonato Nacional, o sexto lugar, tendo defrontado nos quartos de final do play-off o Vitória de Guimarães, terceiro classificado. Depois de uma fantástica vitória por 0-3 no primeiro jogo, disputado em Guimarães, os estudantes não venceram a segunda partida, em Coimbra, tendo saído derrotados por 1-3. No jogo de desempate, o Vitória de Guimarães ganhou por 3-1, vencendo o play-off por 2-1.

Assim, a equipa de Coimbra disputou o quinto lugar com o Benfica. A Académica recebeu e venceu, no primeiro jogo, a equipa do Benfica por 3-2, tendo viajado até Lisboa para, na segunda partida, ganhar por 3-0. No final, a Académica obteve, à semelhança da época anterior, o quinto lugar, a par da equipa dos Antigos Alunos.

O presidente da Secção de Voleibol da AAC, Daniel Costa, fazendo um balanço da época, considera-a francamente positiva, até porque "o resultado, embora seja igual ao do ano passado, dá ideia de saber a pouco, dado o desempenho da equipa".

A Briosia participou nas competições europeias da modalidade, tendo viajado até à Alemanha onde dis-



Daniel Costa considera que o quinto lugar soube a pouco

putou três jogos. Daniel Costa considera que "o facto de ter ido às competições europeias, uma prova com outra dimensão que permitiu encontrar jogadores de outro nível, deu maior bagagem a estes jovens atletas".

Quanto à predominância da Académica nas convocatórias para a selecção nacional, o dirigente reitera o acompanhamento feito aos atletas que Juan Diaz, o seleccionador nacional, chamou. "Estivemos muito atentos e se o seleccionador estava a apostar em jogadores que ainda não tinham dado provas, era porque achava que eram jogadores com va-

lor".

Em relação à próxima época, a aposta em jogadores jovens e de qualidade com poucos custos para a Académica é para manter, já que "são jogadores novos que podem vir para Coimbra estudar e, paralelamente, jogar voleibol". O presidente da Secção de Voleibol acha a cobiça por alguns atletas da Briosia natural, considerando as convocatórias à selecção nacional: "Já conversámos com eles e eles colocam o curso à frente de outras aventuras, a não ser que seja uma proposta irrecusável".

A vertente financeira é importante no sucesso da Secção de Voleibol.

Daniel Costa espera que as transmissões televisivas dêem visibilidade à modalidade tornando apetecível patrocinar o voleibol da Académica.

O apoio da massa adepta deixa o dirigente satisfeito: "Gostava de agradecer o apoio dos adeptos à equipa durante o ano. Foi excelente. A Mancha Negra apoiou-nos o máximo que pôde. Já cativámos a população". O papel do público é notório no percurso da Briosia, reflectido no facto de os estudantes só terem perdido em casa com as três equipas mais fortes do campeonato.

Vitória tranquila permite recuperar a liderança da Proliga

A Académica superou o Basket Clube de Guimarães, em jogo a contar para a 24ª jornada da fase regular da Proliga. No pavilhão Jorge Anjinho a Briosia venceu por 96-79

**João Pedro Campos
Bruno Vicente**

A Académica partiu para este jogo invicta a jogar em casa. Após a vitória sobre o Illiabum, fora de portas, a Briosia pretendia manter esse estatuto, bem como aproveitar da melhor forma a folga do Sampaense, e assim regressar à liderança da prova. O Basket Clube de Guimarães (BCG), apesar de ocupar um lugar no meio da tabela, prometia dar réplica, adivinhando-se um jogo bem disputado.

Os estudantes entraram bem, com Greg Morgan a abrir a contagem em grande estilo, num afundamento que fez vibrar o público presente. A equipa da casa trocava bem a bola, rodando-a por todos os jogadores, o que permitiu à AAC entrar com facilidade na área do adversário. Assim, no primeiro período, destacou-se o colectivo e não o valor individual. Organizada na defesa e rápida no contra ataque, a Briosia alcançou uma confortável vantagem de dezassete pontos no fim dos dez minutos iniciais.

A equipa minhota, porém, entrou para o segundo período com outra atitude. O BCG substituiu a defesa ao homem (da qual a AAC tirara grande vantagem) para uma aguerida defesa à zona. O tempo de adaptação ao novo esquema do adversário criou dificuldades, uma vez que esse factor tático obrigou os estudantes a diversos ajustes. Esta situação levou ambas as equipas a apostar mais no jogo exterior. Ao intervalo a diferença era de onze pontos (48-37).

Após o descanso, o BCG pressionou a Académica, disposto a recuperar pontos. Conseguiu reduzir a desvantagem para 58-52, graças ao grande contributo de um dos seus postes, Michael Sanders. Nesta altura, a pressão ofensiva dos vimeirense levou a uma desconcentração dos academistas que falharam alguns passes e perderam algumas bolas. Todavia, no final deste terceiro período os pupilos de Samuel Veiga voltaram a tomar conta do jogo, fixando no final do período a diferença em catorze pontos (68-54).

Os últimos dez minutos destacaram-se pela acentuação dos valores individuais da equipa da casa, já denotados no fim do período anterior. A AAC não só manteve a vantagem como a ampliou. Para tal muito contribuíram Greg Morgan com os seus afundamentos e ressaltos, Bruno Costa na sua orientação de jogo e improvisação e ainda Hugo Loureiro nos lançamentos livres e de três pontos. Face a este domínio e com o aproximar do final do jogo,

o BCG reagiu com o jogo exterior, embora sem grande proveito. No capítulo disciplinar, destaque para a expulsão de dois jogadores da Briosia: Rui Rochete e Jacinto Silva. A arbitragem foi muito contestada pelo público presente no pavilhão. No final, 96-79, favorável aos estudantes.

O treinador da Académica, Samuel Veiga, considerou a expulsão dos jogadores "natural, por uma questão da agressividade, imposta ao próprio jogo", numa equipa que "tem as características da Académica e que baseia todo o jogo no aspecto defensivo e na agressividade que impõe em termos defensivos". Para o técnico "o jogo acabou por ser mais fácil do que o esperado".

A Briosia ocupa agora o primeiro lugar da Proliga, apesar do Sampaense ter um jogo a menos. As duas equipas encontram-se em igualdade pontual há algum tempo e o técnico espera "ganhar os jogos que temos de ganhar e aguardar que o Sampaense escorregue e perca a liderança".

Râguebi da Académica cumpre objectivos

Ana Maria Oliveira

A duas jornadas do fim da fase de apuramento para o final four, a equipa de râguebi da Associação Académica de Coimbra encontra-se posicionada num confortável quarto lugar. O treinador da equipa sénior, Rui Carvoeira, explica que "ainda não terminou o final four, mas a equipa já atingiu aquilo que era o objectivo inicial estabelecido para esta época, ou seja, classificarmo-nos para esta fase, que é um patamar acima do que foi feito o ano passado". O treinador refere ainda que "do ponto de vista do cumprimento dos objectivos inicialmente traçados, este resultado é muito bom mas, do ponto de vista daquilo que a equipa tem vindo a jogar e daquilo que poderia fazer, é apenas aceitável". Rui Carvoeira justifica este pensamento: "Em primeiro lugar, porque queremos sempre mais, em segundo, porque praticamente só cumprimos com aquilo que era o objectivo inicial".

Rui Carvoeira explica também que é necessário mentalizar os jogadores relativamente ao final four: "Para se bater naquilo que é o final four a equipa tem que ganhar alguma consistência, subir a qualidade de jogo e, principalmente, conseguir ganhar àqueles com quem perdeu na fase de apuramento". "Existe assim uma mudança de mentalidade para enfrentar aqueles que habitualmente nos ganham", continua o treinador da Briosia.

Apesar da classificação confortável, a equipa tem vindo a sofrer algumas limitações no que diz respeito às condições de treino. O treinador confessa que tem os apoios que solicitou no início da época, mas que estes "não são os ideais", nomeadamente no que diz respeito aos campos, que se encontram sobrecarregados com outras modalidades e que, por esta razão, não respondem às necessidades da equipa sénior de râguebi. "Com estas condições de treino não nos podem exigir muito, nós só temos de exigir a nós próprios", confessa Rui Carvoeira. No entanto "se houver melhores condições de treino há maior probabilidade de irmos mais longe e de obtermos melhores resultados".

Académica B soma pontos

Em jogo da 26ª jornada da Zona Centro da II Divisão B, a Académica B venceu o União de Lamas pelo resultado de 2-3.

A equipa que Vítor Alves fez alinhar em Santa Maria de Lamas foi condicionada, pois Tony, Dani, Sérgio Rebordão, João Protásio e Fábio estiveram indisponíveis para o jogo. Para esta partida fulcral na luta pela fuga aos lugares de despromoção, a Académica B contou com Dyduch, Akos Buszáky e Pedro Henriques, da equipa principal.

Frente a uma equipa candidata à subida de divisão, a Académica B jogou com atitude e, apesar de ter estado em desvantagem, inverteu a marcha do resultado, com dois golos de Akos Buszáky e um do francês Dyduch.

Wray Gunn apagam as velas

Rádio Universidade de Coimbra comemora 18 anos com concerto especial

Aniversário iniciou-se ontem com uma emissão especial e atinge o ponto alto com o concerto de Wray Gunn, esta sexta-feira

Mário Guerreiro

A Rádio Universidade de Coimbra (RUC) tornou-se ontem, oficialmente, maior de idade. A ocasião foi assinalada com uma emissão especial e na sexta-feira sopram-se de novo as velas com um concerto dos Wray Gunn, onde vai ser apresentado o novo álbum da banda.

Mas o Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) não vai ter só música, estando a primeira parte reservada a uma performance teatral a cargo de Paulo Lima, Ricardo Seça e Ricardo Trindade. Segundo o vice-presidente, da RUC, Helder Wasterlain, esta performance é também um atractivo importante numa noite já “encarada com expectativa”. “Ninguém sabe o que vai acontecer, nem nós nem os Wray Gunn, apenas os performers, mas será uma espécie de ‘omaggio’ aos 18 anos da rádio”, refere. A performance vai dar pelo nome de “Esticalimóseica” e vai anteceder o momento mais aguardado da noite, a subida ao palco dos Wray Gunn, “uma banda desde o início muito acarinhada pela RUC”. A escolha do grupo conimbricense teve a ver também com a “vontade de convidar uma banda portuguesa, como aconteceu com o concerto de José Mário Branco, o ano passado”.

Paulo Furtado, dos Wray Gunn, refere que o concerto vai ser preenchido por “90 por cento de músicas novas, incluídas no álbum que sai um mês depois”. A banda vai trazer consigo um coro gospel, dado que algumas



Conimbricenses Wray Gunn apresentam novo álbum na sexta-feira, num concerto onde se celebra a maioridade da RUC

das novas músicas foram gravadas com o coro. Esta é aliás uma das novidades na sonoridade do novo álbum, com o nome de um salmo: “Eclesiastes 1:11”.

De acordo com Paulo Furtado, os Wray Gunn “cresceram dentro dos caminhos abordados no ‘Soul Jam [o primeiro álbum, de 2001] e abordam agora esses caminhos com mais segurança”. Para Paulo Furtado, o som da banda “está mais directo” e tem também “uma vertente mais acentuada de blues”.

A evolução na sonoridade também se deve às alterações na formação da banda, que conta agora com mais um percussionista e que pôs de lado o órgão, passando a abraçar os teclados. Paulo Furtado é da opinião de que a “abordagem aos teclados é agora mais empírica e directa”. Em “Eclesiastes

1:11”, produzido por Nélson Carvalho e editado pela NorteSul, Paulo Furtado e Raquel Ralha partilham as vocalizações, pontuadas pelo coro gospel.

Paulo Furtado afirma ser “importante e uma honra” a escolha dos Wray Gunn para o concerto de sexta-feira. Para o músico, à semelhança da rádio, a banda atingiu uma “certa maturidade”.

Os bilhetes para o concerto de sexta-feira no TAGV custam 5 e 8 euros, para estudante e não-estudante, respectivamente.

Helder Wasterlain espera um concerto “com uma boa afluência”, até porque há pessoas que vão religiosamente aos concertos da RUC. Mas as celebrações não findam com o concerto de sexta-feira no TAGV. No final de Março volta o Festival Santos da Casa, que “normalmente é um mar-

co nas comemorações dos aniversários”, prossegue Wasterlain. No sábado é proporcionada a quem quiser uma visita à rádio, não só aos estúdios da rua Padre António Vieira, mas também à parte técnica que os suporta, no departamento de Matemática e no Observatório Astronómico. À semelhança do concerto, esta é também uma iniciativa integrada na VI Semana da Mostra Cultural da Universidade de Coimbra.

A ter início igualmente na sexta-feira e a prolongar-se até domingo, vai ter lugar nas instalações da rádio um workshop, também este aberto a quem o quiser frequentar.

Para Helder Wasterlain, “esta é a idade da maturidade da RUC” e “um bom momento” naquela que é “provavelmente a única rádio que faz serviço público na região”.

André Cepeda expõe em Coimbra

Gustavo Sampaio

Sob a denominação de “Closer”, a exposição de fotografia de André Cepeda na loja-galeria “+Consigno”, em Coimbra, foi inaugurada no dia 20 de Fevereiro com uma festa que contou com a presença do próprio fotógrafo. A noite de celebração incluiu também a animação musical dos “disc-jockeys” David Rodrigues e Tó-Zé Diogo, acompanhados pelos delírios vocais de “MC G-Spot”. A exposição estará patente naquele espaço até ao próximo dia 31 de Março.

O projecto foi realizado na cidade de Coimbra ao longo do mês de Janeiro do presente ano, tendo partido de uma “ideia inicial de fotografar a mata do Botânico”, relata André Cepeda. “Há algum tempo que ando a fotografar a natureza e a forma como nos relacionamos com ela e intriga-me como é possível uma cidade como Coimbra ser privada de um espaço como aquele”, explica o autor da exposição. André Cepeda refere-se a uma zona do Jardim Botânico que está vedada ao público desde há diversos anos. “Aquele espaço fica assim enclausurado nele mesmo, preso ao seu próprio destino e história”, acrescenta.

Apesar da ideia original de fotografar apenas a mata do Jardim Botânico, o projecto desenvolveu-se por outros caminhos. “A segunda imagem foi a da porta da Penitenciária de Coimbra, que para mim é uma imagem muito importante, pois representa toda essa ideia de espaço fechado onde nunca é possível uma pessoa saber o que se passa do outro lado”, explica Cepeda. “Depois de ter fotografado a porta, o projecto tomou um novo rumo”, diz, referindo-se a outros locais da cidade que fotografou posteriormente. “Fotografei as imagens do viaduto, do contentor, da prostituta da Baixa de Coimbra, que é a única imagem com um ser humano, mas cuja vida representa também toda esta ideia implícita nas paisagens que acabam por ser bastante fortes e com uma certa tensão, pausa e respiração”, descreve.

Segundo o texto oficial da exposição, “Closer” não constitui uma tentativa de aproximar as pessoas destes locais proibidos, longe dos olhares e da atenção. “Subsiste em todo o projecto um espaçamento para respirar fundo, para reflectir, para sentir bem tudo o que as fotografias emanam, a sua verdadeira essência enquanto metáforas gráficas do real”, é possível ler.

André Cepeda vive e trabalha na cidade do Porto, contando no seu currículo com diversas exposições individuais como “Anacronia” (2002), na Gallerie Imagem, em Aarhus (Dinamarca), ou “Pontes lugares e antropologia” (2001), no Silo-Espaço Cultural, na cidade Invicta.

A comédia de Rita

Sofia Alves e Victor de Sousa contracenam em “A Educação de Rita”. Um texto que retrata a coragem de uma mulher que quer mudar de vida

Ana Maria Oliveira

Vai estreiar no sábado, no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV), “A Educação de Rita”, de Willy Russel, com encenação de Celso Cleto. A peça original de Willy Russel foi representada pela primeira vez em 1980 pela Royal Shakespeare Company e foi ainda adaptada ao cinema, onde atingiu um assinalável êxito.

Esta comédia conta com a interpretação de Sofia Alves e Victor de Sou-

sa, actores já conhecidos do público, tanto na área do teatro como na televisão. Nesta peça, Victor de Sousa é a personagem Frank, um professor universitário com problemas de alcoolismo que necessita de ganhar dinheiro e aceita trabalhar numa universidade aberta.

A sua pupila é Rita (Sofia Alves), uma cabeleireira que tenta desesperadamente mudar de vida e acha que pode consegui-lo através do ensino. Segundo Sofia Alves, “Rita é uma personagem trabalhosa porque é muito rica, muito completa e ao longo da história vai evoluindo”. Diz ainda que Rita “como aluna acaba por se tornar a professora do professor e no fundo há uma fusão: ela ensina-lhe as coisas da vida e ele transmite-lhe a cultura que tem”.

Assiste-se assim à revelação de dois personagens que, no interior de

uma sala, uma vez por semana, partilham os seus medos e sonhos. Cresce então uma ligação muito especial, que ambos pensavam não ser possível acontecer. “É muito divertido”, comenta Sofia Alves. “Foi considerada a comédia do ano e acho que é uma peça a não perder. Penso, sobretudo, que as pessoas se identificam muito com a peça, porque a mensagem que pretendemos passar é que, a dada altura da nossa vida, temos sempre um ‘clic’ e precisamos de ter coragem para mudar tudo o que está mal”, diz a actriz. “Foi isso que eu aprendi com a Rita, e neste sentido pode ser uma boa lição de vida”, remata. A actriz finaliza justificando o que a levou a aceitar este papel: “Contracenar com o Victor de Sousa, de quem sou fã, foi uma mais valia, assim como trabalhar com o Celso Cleto, que é considerado um dos nossos melhores encenadores”.

Segundo o encenador desta comédia, a “principal diferença entre esta peça e a realizada em 1980 é o tempo. Esta é um espectáculo contemporâneo onde o comportamento social das pessoas muda”. Salienta ainda que “o próprio texto tem uma enorme riqueza, que dá para conseguir transportar para os dias de hoje o caso de uma cabeleireira que resolve ir para uma universidade aberta”. Para além de uma comédia, este é um texto de reflexão para o público: “Uma mulher que aos 26 anos percebe que as coisas não estão bem e que de facto tem a coragem de se inscrever num curso e mudar de vida”, acrescenta. Relativamente à apresentação no TAGV, o encenador refere ainda que “Coimbra está muito dentro deste espectáculo porque tudo se passa dentro de uma universidade e há pessoas que vão identificar [a peça] com a sua própria condição”.

No arquipélago do jazz

Depois de um ano recheado de nomes internacionais, o jazz vai voltar a ouvir-se na cidade de Coimbra. É já na próxima sexta-feira, com a actuação do Quarteto de Jorge Reis

João Vasco

O JACC – Jazz ao Centro Clube abre a temporada de 2004 já amanhã, em Lisboa, com a performance do trio “Tripleplay”, no Teatro Maria Matos. O momento vai servir também para o lançamento do disco “Gambit”, do mesmo grupo, e para a apresentação oficial do programa dos “Encontros de Jazz de Coimbra” que este ano se vão dividir em duas fases: a 25, 26 e 27 de Março, no Auditório do ISEC, e a 2, 3 e 4 de Dezembro, no Teatro Académico de Gil Vicente.

Mas em 2004 o jazz em Coimbra vai para além dos encontros. O JACC vai apresentar todas as sextas-feiras no seu novo espaço, o Bar JACC, no primeiro piso da discoteca Scotch, “um concerto diferente, com músicos portugueses ou estrangeiros, com o intuito de criar uma maior intensidade e dinâmica na música da cidade”, explica Francisco Neves. A principal voz do JACC, diz que o clube vai “recorrer à actualidade, trazendo todos os géneros de jazz que se praticam hoje, incluindo o ‘mainstream’”. Até porque, como faz questão de frisar: “O jazz é um arquipélago cuja ilha central é o ‘mainstream’”.

Terminar as noites em espírito de “jam session” é um dos objectivos, num conjunto de espectáculos que promete passar também pelos concertos mais formais, com formações



Quarteto de Jorge Reis inaugura o novo espaço do Jazz ao Centro Clube

fixas.

A inauguração do “Bar do JACC” está marcada para a próxima sexta-feira, com a actuação do Quarteto de Jorge Reis. O grupo de um dos mais importantes saxofonistas portugueses dos últimos anos, que tem no seu curriculum participações em álbuns de Sérgio Godinho, Jorge Palma e Brigada Victor Jara, conta ainda com Afonso Pais, na guitarra, Nelson Cascais, no contrabaixo, e Bruno Pedroso, na bateria.

Depois do sucesso alcançado em 2003 com os “Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra”, Francisco Neves acredita que, este ano, “o público vai aumentar, pois vai

haver música ao vivo todas as sextas-feiras”. Este responsável do JACC fala ainda da continuação “da actividade pedagógica lançada no ano passado, com a realização de novos workshops para músicos e com visitas a escolas da região, no sentido de despertar as vocações dos mais jovens para a música e para o jazz em particular”.

Se, em ano de capital nacional da cultura, o jazz teve um forte apoio, Francisco Neves acredita que em 2004 o mesmo vai acontecer. Para continuar na senda do êxito, o JACC volta a contar com as parcerias da Câmara Municipal de Coimbra e da editora portuguesa Clean

Feed.

Perante esta conjuntura e com o programa da primeira fase dos encontros já definida (25 de Março, Whit Dickey Quartet, no dia seguinte, Dennis Gonzalez NY Quartet, e dia 27, Michael Blake Trio), Francisco Neves apela à participação do público da cidade, tanto nos encontros como nas sextas-feiras de jazz no Bar do JACC. Só assim, explica, é que as pessoas podem criticar: “Queremos que as pessoas participem. Exerçam uma actividade crítica construtiva e ao mesmo tempo pedagógica. Critiquem, mas não fiquem no café”, é o apelo lançado por Francisco Neves.

Quando a “Tragedy” passa a comédia

Ana Martins
Claudio Vaz

Nos próximos dias 9 e 10 de Março vai subir ao palco do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) o espectáculo “Stand-Up Tragedy”, pela mão do humorista Tiago Rodrigues. A apresentação assume-se como “uma prova de fogo” na carreira do cómico, que trilha um caminho de auto-descoberta na solidão do palco.

Tiago Rodrigues recebeu já aplausos nos mais proeminentes países da Europa como Inglaterra, França, Alemanha, Holanda, Noruega e Suécia. Contando com uma boa receptividade por parte da crítica, o humorista promete trazer ao TAGV o “culto da gargalhada” numa parábola com o público.

Este monólogo para teatro é produto de três criadores, Luís Filipe Borges, Nuno Costa Santos e o próprio Tiago Rodrigues, num texto revelador de uma singular mestria humorística dado o comprometimento destes escritores noutros espectáculos. Nos seus currículos contam-se já “Manobras de Diversão” e as intervenções enquanto membros da “Produções Fictícias” com textos para os programas “Herman Sic” e “Contra-Informação”.

Esta equipa também desenvolveu projectos em programas como o “Zapping”, na antiga RTP2, galardoados pelo semanário “Expresso” como o melhor programa de televisão exibido em Portugal durante o ano de 2000.

“Stand-up Tragedy” aposta na criatividade e na primorosa construção de “outros olhares”, explorando um caminho inovador, com o intuito de dramatizar a realidade na sua vertente mais humorista, subjacente à condição de “ridendo castigat mores”.

Cinema e teatro, o reencontro

O Teatro Académico de Gil Vicente, em parceria com o Fila K Cineclube, vai exhibir, em Março, o ciclo “Cinema em Cena”, numa homenagem às artes cénicas

Tiago Almeida
Bruno Gonçalves

O Dia Mundial do Teatro, no próximo dia 27, inspirou a realização de um ciclo de cinema, baseado na arte teatral. Assim, entre os dias 8 e 24 deste mês, vão ser apresentadas cinco reposições de filmes, que, de um modo

explícito ou indirectamente, obrigam a reflectir e a meditar sobre o teatro.

Segundo Gonçalo Barros, do Fila K Cineclube, “o cinema é uma arte multidisciplinar”, que, assumindo um “carácter pedagógico”, se pode vincular a qualquer outro tipo de representação artística. De facto, mais do que um convite ao conhecimento das ideias cinematográficas que se irão manifestar, para Gonçalo Barros torna-se importante encarar o cinema enquanto veículo de personalização e solidificação cultural.

Serão sugeridos cinco filmes, de diferentes origens e épocas, que se debruçam, dentro do espaço físico e/ou argumentativo, sobre a mútua influência e cooperação entre o cinema e o teatro.

Na próxima segunda-feira, o clássico “Noi-

te de Estreia”, do norte-americano John Cassavetes, inaugura a sequência de fitas-homenagem à sétima arte. Uma semana depois, dia 15, será possível revisitar o “Bebé de Macôn”, de Peter Greenaway, um melodrama religioso, cuja história se passa num teatro de província, onde público e actores se confundem.

Dia 22, a sensatez artística assinada por Jacques Rivette é realçada no seu “Sabe-se Lá!”, no qual se entende o teatro enquanto delimitação emocional e reveladora do conflito entre personagens.

“Tudo sobre a Minha Mãe”, de Pedro Almodóvar, a (re)conhecer dia 23, é uma viagem sensível e humana, com origem na paixão pelo teatro. Embora menos declaradamente do que os anteriores, este filme lança um olhar atento, acerca do que se pode ter e sentir, por

trás da arte teatral.

O ciclo “Cinema em Cena” é finalizado, com a exibição de “Barton Fink”, da autoria dos irmãos Cohen, que exploram a distância entre um simples dramaturgo e um cineasta de Hollywood. Na perspectiva da responsável pela produção do TAGV, Sandra Resende, são “cinco motivos e cinco oportunidades” para proceder a uma “leitura diferente do teatro”. O que se pretende é “recuperar a ligação entre o cinema e a arte e, desse modo, abrir novos caminhos e criar novas possibilidades de transmissão sócio-cultural”.

Constituindo-se como uma forma de comunicação e de expressão humana, o “Cinema em Cena”, na sua essência, levará o teatro ao encontro do cinema, mas tentará sobretudo levar o cinema ao encontro do teatro.

PUBLICIDADE

SEXTA
Informática Multimedial Lda
GERAÇÃO

INFORMÁTICA À SUA MEDIDA...

O PREÇO É IMPORTANTE....

QUALIDADE É FUNDAMENTAL!

Desconto especial para estudantes: 5%

Galerias Avenida,
4º Piso, Loja 416
3000 Coimbra
Portugal

Tel. 239 834778 Fax. 239 827055

Url: www.6Geracao.web.pt

e-mail: avenida416@hotmail.com

“A música ultrapassa todas as barreiras”

JOANA FONSECA

No início da promoção do seu mais recente trabalho “Como Sempre... Como Dantes”, Camané falou sobre o primeiro concerto em Coimbra, no próximo dia 11 de Março

Vitor Aires

São já mais de duas décadas de carreira para um dos jovens veteranos da música mais tradicional de Portugal. Após ter vencido a Grande Noite do Fado com apenas 11 anos, Camané voltou às lides, já maior e vacinado, para começar uma carreira que ultrapassou há muito as fronteiras portuguesas. O último disco, “Como Sempre... Como Dantes”, junta canções ao vivo, gravadas durante um longo ano de digressão.

“Como Sempre... Como Dantes”. É este o álbum da maturidade?

Todo o meu percurso tem sido uma busca de fazer cada vez melhor. Claro que hoje em dia encontro-me com mais maturidade. A maturidade vai crescendo connosco. Esta é uma fase do percurso em que se fez bastantes concertos ao vivo. Esses concertos foram gravados e depois chegou-se à conclusão que havia material para fazer um disco ao vivo. Este disco reflecte um pouco o trajeto que fui fazendo por vários palcos.

O que podemos esperar do teu primeiro concerto em Coimbra?

Por acaso, já tenho escolhido o alinhamento. Mas não vai ser apenas baseado neste último disco. Vai ter também alguns temas mais antigos. E, se calhar, vai ter uma surpresa... Mas sobre isso nada está decidido.

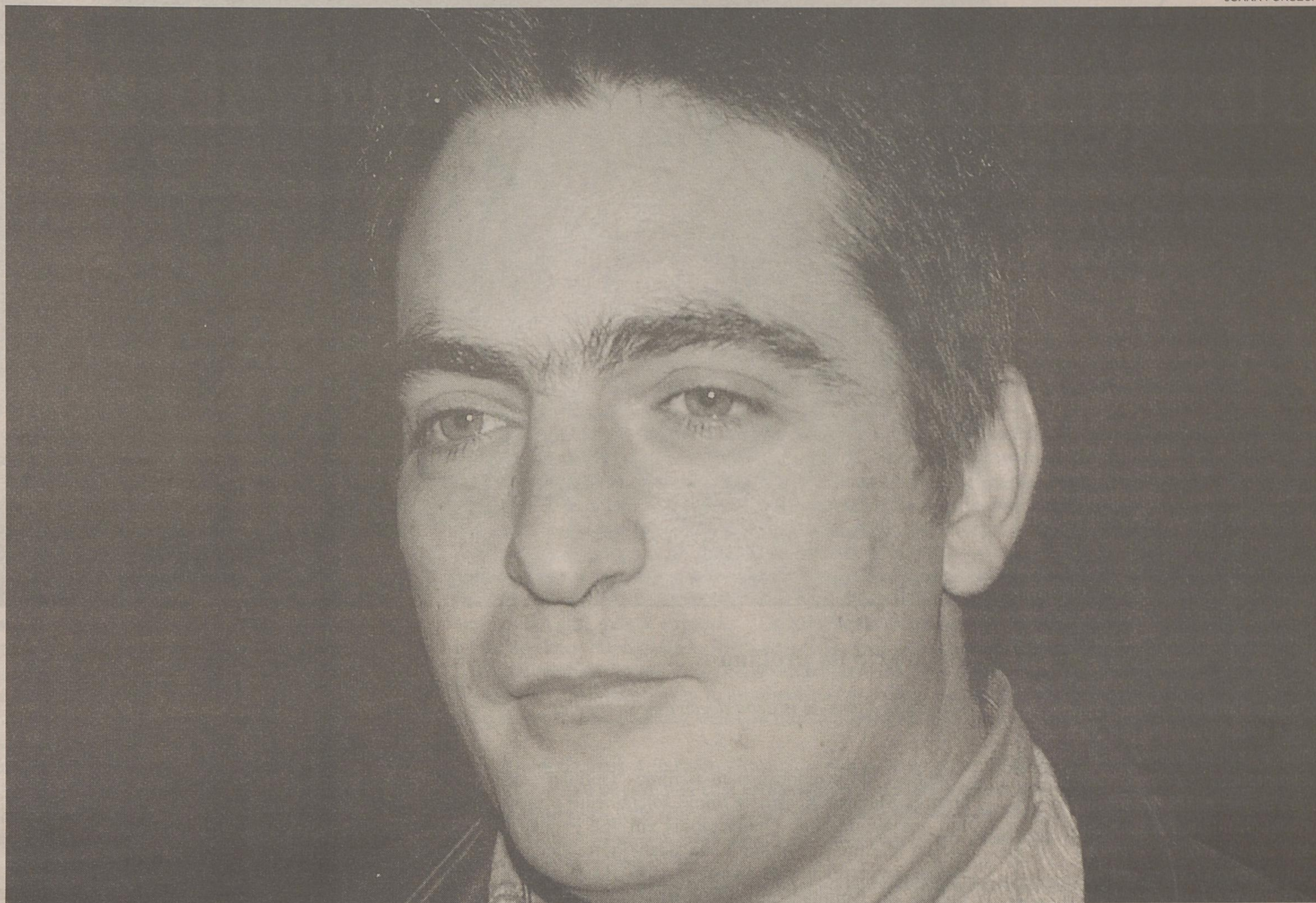
“Uma forma de expressão”

Achas que o fado é algo além do canto? Por exemplo, Mísia, ao receber o prémio de Cavaleiro das Artes e Letras em França, disse que o fado não é algo que se canta, mas algo que acontece...

Também acredito nisso. Mas acho que o fado não é nenhum bicho-de-sete-cabeças. O que acontece no fado, acontece nas músicas que exprimem a vida, o quotidiano, os sentimentos. Tem a ver com a convivência, com a história e com a evolução dos locais e dos povos.

Falaste de vários tipos diferentes de música. Nunca te sentiste tentado a deixar um pouco o fado e enveredar por outros tipos de música?

O fado é a minha forma de expressão. Mas já fiz e estou a fazer outras coisas. Convidaram-me para fazer um espectáculo diferente no Café-Teatro do São Luís. E decidi fazer uma coisa que há muitos anos queria fazer. Houve uma fase em que parei de cantar fados e fui ouvindo outras músicas. Identifiquei-me muito com essa música e senti o sonho de um dia fazer um espectáculo em que não cantasse fado e em que cantasse essa



“Para a promoção que a música portuguesa tem, nós vendemos imenso”, afirma o fadista Camané

música. Fiz esse espectáculo agora há pouco tempo. Lembro-me quando era mais novo e dizia aos meus colegas na escola que cantava fado, eles gozavam comigo, porque era um tipo de música que não estava na moda. Era muito estranho, um miúdo de dez

anos a cantar fado. Mas toda a minha família e o meu passado têm a ver com o fado. Quando era pequeno, tive uma doença que me obrigou a estar

em casa e ouvi álbuns de fado compulsivamente durante 15 dias. Não havia música lá em casa que não fosse fado. E aquilo entrou.

Atendendo até à tua própria carreira, acreditas que o fado está a tornar-se uma música universal?

Acho que sim, porque nesta altura está-se a descobrir o fado, como aconteceu com uma série de músicas que as pessoas não conheciam. Acho que vai ser descoberto quando as pessoas começarem a distinguir as coisas. Tem de se começar de alguma forma. Nesta altura, pode ser pelo sucesso de certos cantores no estrangeiro. Por exemplo, uma das coisas que me acontecia quando comecei a fazer concertos fora do país foi que as pessoas pensavam que o fado era só cantado por mulheres. Houve durante muito tempo essa mentalidade. Eu era o único homem que estava naquele circuito da “world music” e ainda sou um dos poucos.

Como explicas o facto de as pessoas irem aos espectáculos ouvir uma música, que, como tu dissesse, aposta tanto na poesia, mas que não entendem?

Muitas vezes é a emoção. Já fui por vezes ouvir música cuja língua não conhecia e tocava-me, emocionava-

me. Lembro-me quando era miúdo ouvia Sinatra, Aznavour, os Beatles e não percebia nada do que eles estavam a dizer. Mas não é só a melodia, é a emoção que passa. Sempre achei que o que passa mais é a emoção. É aquilo que não se explica, porque as coisas nunca são muito racionais. São aquelas coisas que nos fazem sentir muito bem. E o fado tem isso. São aqueles rasgos, é o que nos ultrapassa e que conseguimos transmitir. Se calhar, se tivéssemos de explicar tudo muito bem explicadinho, ninguém entendia, porque ninguém sentia. O mais importante é fazer sentir. A música ultrapassa todas as barreiras facilmente, se for genuína, se for autêntica.

“Eu é que preciso do fado”

Consideras-te um inovador ou um tradicionalista?

As duas coisas. Mas não se pode inovar o fado, transformando-o numa música qualquer. A ideia é que o fado seja sempre fado. Aquelas expressões que surgem agora, como “o fado novo”... Isso não existe!

Quando há uma pessoa nova que emprega o seu estilo nesta forma, já há algo novo. É sempre assim. Nunca me senti um inovador. Sinto-me dentro de uma continuidade e estou a percorrer um caminho normal. O fado é uma música para a vida toda. Não tenho intenção nenhuma de deixar de cantar amanhã.

No teu caso, o fado foi uma música que começou em ti bem cedo. Ganhaste com 11 anos a Grande Noite do Fado. Depois, só voltaste ao fado com 17 anos. Portanto, en-

tre os 14 e os 17 foi uma fase em que andaste perdido?

Nessa fase, fui ouvindo outras músicas, estudei. E, quando tinha 17 anos decidi ir cantar para as casas de fado, à noite. Percebi que gostava de estar na música e que a minha forma de expressão era o fado. Quando cantava outras músicas, soava sempre a fado. Também tinha a ver com a minha personalidade. Sou extremamente tímido. E o fado é uma música de uma emoção contida, não é para exteriorizar. Até se pode estar a cantar parado. Costumo dizer que o fado não precisa de mim para nada, eu é que preciso dele. Acho que o fado me ajudou muito na vida. Em todos os aspectos. Há muitas coisas de que fui à procura através do fado. Isso fez com que me tornasse uma pessoa muito mais sensível, e aberta a conhecer novas coisas.

És um dos artistas da música nacional que mais vende. Como te sentes ao ver que a música estrangeira domina em Portugal?

Acho que já não domina tanto. Eu, por exemplo, recebi um disco de ouro logo quando este disco saiu e ainda esteve umas nove semanas no top. Isto comparando com o meu primeiro disco, em que vendi 1500 exemplares... Agora, as rádios não passam música portuguesa. Ouço rádio no meu carro e música popular ainda passa, mas fado não. Então, como é possível o fado vender? Não sei. O que eu sei é que, para a promoção que a música portuguesa tem, nós vendemos imenso.

Entrevista integral disponível em www.acabra.net

A voz masculina do novo fado

Inserido na nova geração de fadistas, Camané começou a cantar por volta dos dez anos. Influenciado por grandes nomes do fado como Amália Rodrigues, Carlos do Carmo ou Alfredo Marceneiro, o artista teve o seu primeiro grande momento com a participação na Grande Noite do Fado, em 1979.

O primeiro álbum, “Uma Noite de Fados”, foi editado em 1995. Este trabalho foi o ponto de partida para a carreira internacional. Espanha, França, Itália e Holanda foram alguns dos países onde o jovem fadista apresentou a sua sonoridade, baseada essencialmente na tradição, mas com algumas inovações, especialmente ao nível da linguagem e das letras.

Em 1998, e após grande expectativa, Camané apresentava novo disco. “Na Linha da Vida”, uma obra marcada por uma elevada qualidade, confirmou o potencial do jovem fadista junto da crítica. Após uma longa série de espectáculos, que levaram o artista aos palcos da Expo 98 e de vários países europeus, Camané editou novo disco de originais em 2000. De seu nome “Esta Coisa da Alma”, a obra foi simultaneamente editada em Portugal, na Bélgica e na Holanda. Um ano depois, o fadista, já consagrado, lançou “Pelo Dia Dentro”.

“Como Sempre... Como Dantes”, apresentado no final de 2003, surge como o culminar deste percurso. O trabalho, em formato duplo, foi gravado ao vivo e inclui alguns dos maiores êxitos de Camané, sendo que um dos discos foi gravado na Casa de Fados “O Embruçado”, onde o fadista iniciou a carreira musical.

Vê-se...



Mathieu Kassovitz

"Gothika"

com Halle Berry, Robert Downey Jr., Charles Dutton - 95 minutos, cor. M/12, Thriller/Terror

4/10

A Ciência do profano

"Because someone is dead doesn't mean they're gone."

A frase de promoção para o filme "Gothika", do francês Mathieu Kassovitz (sim, exactamente o mesmo que faz de Nino Quincampoix em "Le Fabuleux Destin d'Amélie Poulain", de Jean-Pierre Jeunet) adapta-se perfeitamente ao estado actual do cinema na cidade de Coimbra. Enquanto filmes como "Cold Mountain", de Anthony Minghella, ou "Lost In Translation", de Sofia Coppola, ainda não estrearam, após várias semanas em diversas outras localidades do país, continuamos a poder contar com essa grande obra cinematográfica que é "Scary Movie 3" em dose dupla, ou seja, repetido em duas das "inúmeras" salas de cinema existentes na cidade, pela terceira semana consecutiva! Como que a evidenciar ainda mais o absurdo, acaba de voltar a estrear, em sessão especial, a primeira obra de Sofia Coppola, "The Virgin Suicides", um filme que remonta ao ano de 1999! Mais grave ainda, um dos filmes nomeados para o Óscar de melhor filme, "Seabiscuit", de Gary Ross, estreado no Verão passado, não chegou a aparecer por cá. Será absolutamente ridículo, mas igualmente previsível, que, por causa da nomeação, "Seabiscuit" venha a ser exibido, após um longo interregno de cerca de sete meses! É caso para dizer: o cinema em Coimbra está morto! Mas lá por estar morto, como todos podemos comprovar, não quer dizer que tenha desaparecido para sem-

pre. Por vezes reaparece no mundo dos vivos, metamorfoseado numa espécie de assombração anacrónica e decadente, quase patética.

"Gothika", realizado por Mathieu Kassovitz, escrito por Sebastian Gutierrez, aparece nessa posição inglória de estar a ocupar há duas semanas uma sala onde poderiam ser exibidos diversos outros filmes mais prementes, certamente com maior qualidade, por mais subjectivo que tal adjetivo possa parecer. O filme nem é assim tão mau, mas não posso deixar de denunciar o desrespeito com que têm sido tratadas as pessoas que vivem em Coimbra e que gostam de cinema. Considero que não é pedir muito que os filmes que estreiam semanalmente em Lisboa e no Porto passem também, um dia que seja, por cá.

O elenco de "Gothika" garante, à partida, bons resultados de bilheteira: Halle Berry, Robert Downey Jr., Penélope Cruz. Trata-se de um "thriller" carregado de bons momentos de "suspense", capazes de fazer saltar literalmente da cadeira os espectadores mais incautos. Um filme que aborda e conflui temáticas tão antagónicas como a intervenção divina e a psicologia humana, numa mais do que explorada contraposição entre a religião e a ciência. Mas o problema de "Gothika" é que, após sairmos da sala de cinema, rapidamente esqueçemo-nos que estivemos a ver o filme. Dentro de uma ou duas semanas já nem sequer nos lembramos da história. Não fosse o bilhete cuidadosamente guardado numa caixa de sapatos, e daqui a uns anos nunca mais saberíamos que perdemos duas horas de vida com aquele filme. E a vida é demasiado curta... **Gustavo Sampaio**

Em negativo...



Miguel Duarte,
Presidente da
Associação
Académica de
Coimbra

Um filme marcante - "Braveheart" (1995), realizado por Mel Gibson

Um filme divertido - "Road Trip" (2000), realizado por Todd Phillips

Um filme dramático - "E Tudo o Vento Levou" (1939), realizado por Victor Fleming

Um actor inesquecível - Al Pacino

Uma actriz inesquecível - Demi Moore

Navega-se...

Dicionário de Cozinha

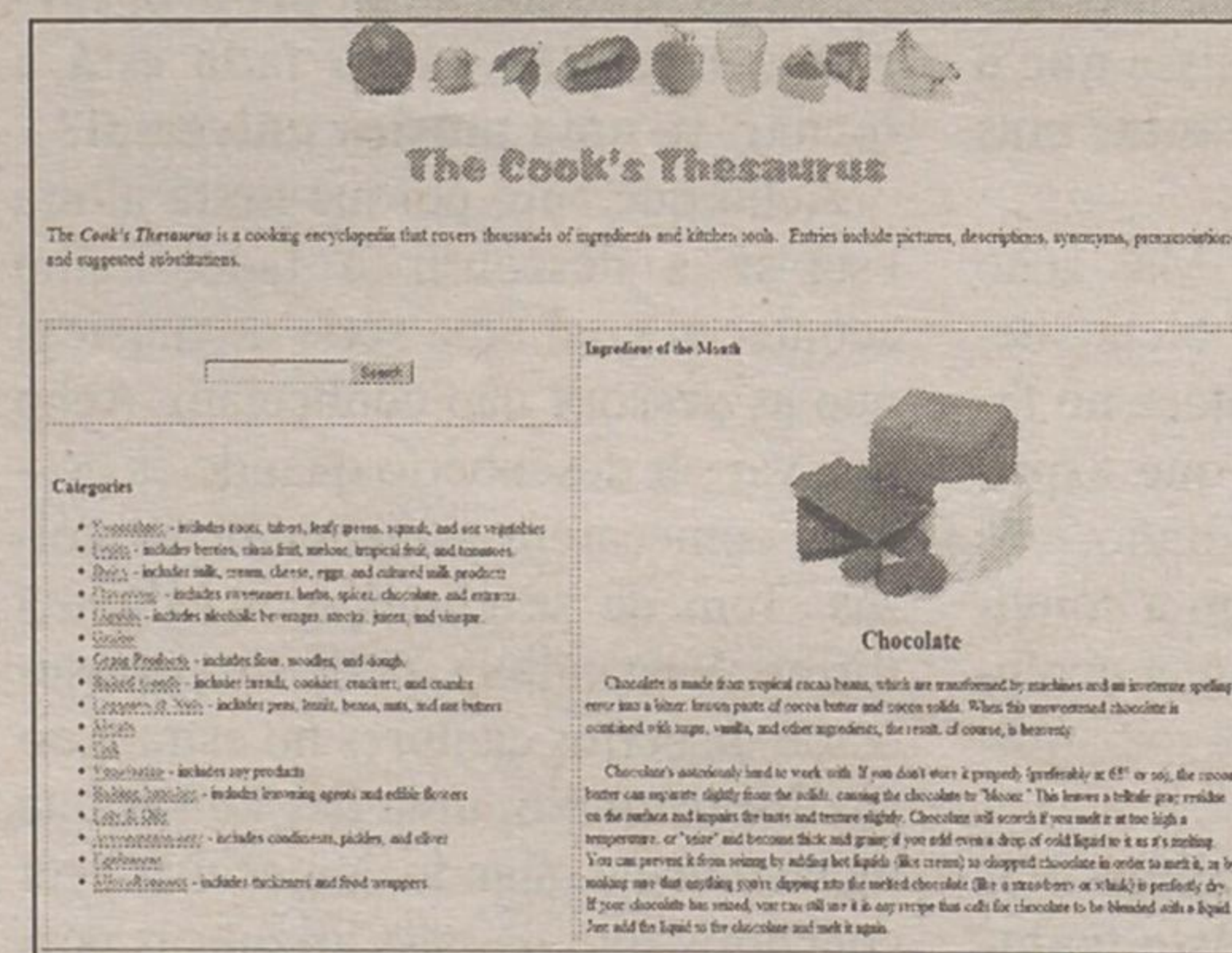
Quaresma, tempo de reflexão e jejum. E nada melhor que começar com uma tentação. Para isso temos um sítio dedicado à culinária. O Cook's Thesaurus é uma enciclopédia sobre cozinha. Aqui é possível encontrar centenas de ingredientes e utensílios. Tudo com fotografias, descrições, sinónimos, pronúnciação (em inglês - como é óbvio) e, em alguns casos, substitutos possíveis para os ingredientes mais difíceis. O sítio tem uma construção muito simples, o que torna a navegação fácil. Na página inicial têm uma descrição do que existe no sítio, um espaço para pesquisas, as diversas categorias e o destaque do mês. Cada uma das categorias divide-se em mais sub-categorias até chegar ao produto final.

<http://www.foodsubs.com>

De chefe para chefe

Continuando a conversa de cozinha, mas passando agora para as receitas. Este sítio é um autêntico maná para quem gosta de cozinhar. Há receitas, fóruns, mercado, informações sobre escolas e empregos, um espaço para vários top 100 de vários assuntos relacionados com a culinária e ainda ligações para outros sítios. Na parte das receitas há dois tipos de catalogação. Uma é por tipo de comida: entrada, prato de peixe, bebida, para microondas, etc. A outra divisão é por regiões mundiais. Esta encontra-se escondida no fundo da página, enquanto a primeira está visível no lado esquerdo do ecrã. É também possível inscrever-se de modo a receber uns boletins semanais por correio electrónico com receitas escolhidas por chefes, autores de livros de culinária ou escritores. É sem dúvida alguma um sítio muito profissional, mas infelizmente está cheio de publicidade. Não é que a publicidade seja uma coisa má, mas quando em excesso pode atrapalhar a navegação.

<http://www.chef2chef.net>



Cozinha

"Foodsubs"

www.foodsubs.com

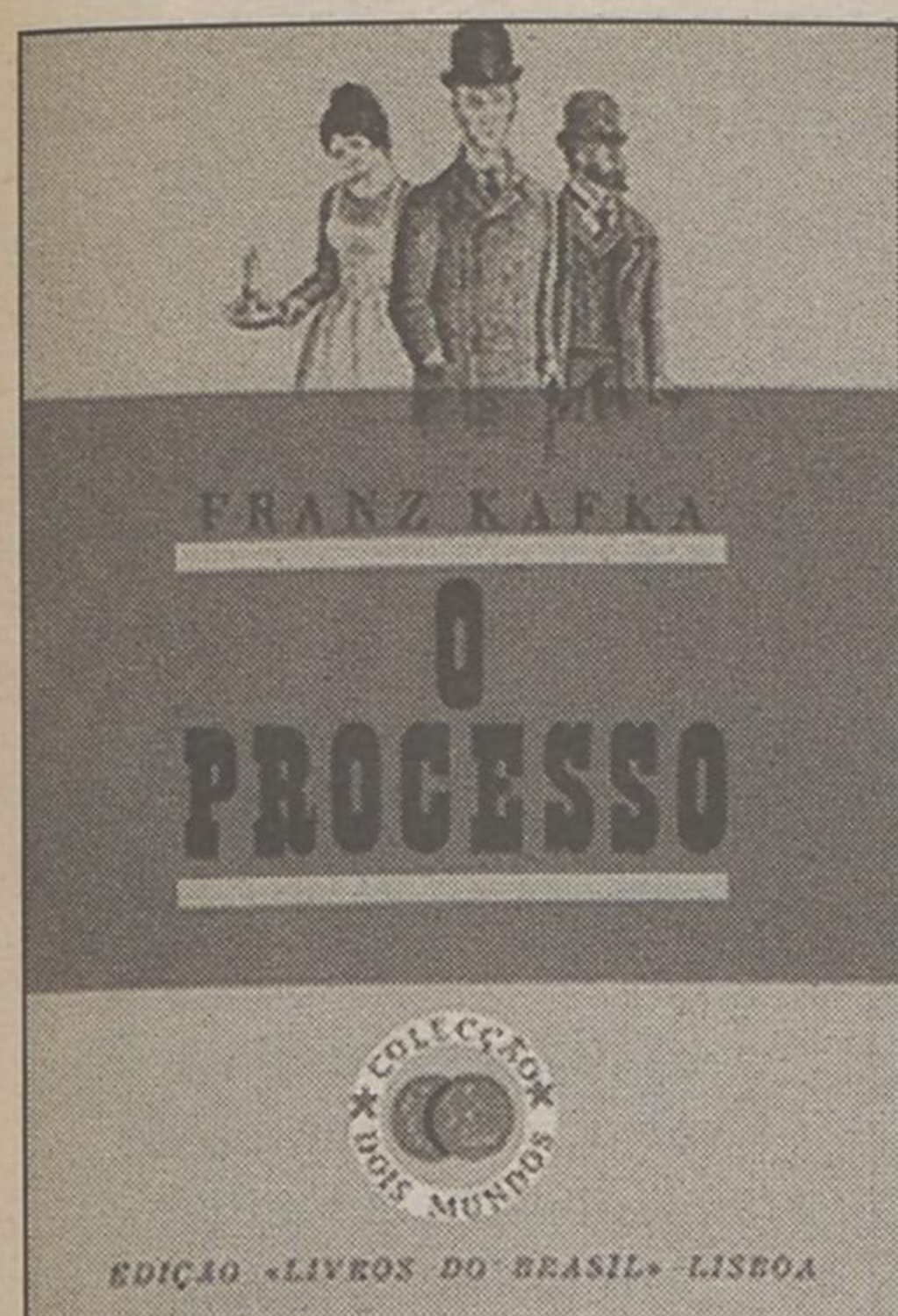
Rede bíblica

O Biblenet pretende ser um ponto de partida para quem é novo no cristianismo ou para quem necessita de ver a sua fé renovada. Na página inicial há uma passagem do dia, um grupo de leitura em destaque e a habitual sondagem. Há uma biblioteca com ligações a diversos textos relacionados com história, arqueologia e vários assuntos relacionados com a religião ou cristianismo. No lado mais leve há uma página com perguntas onde se pode testar os conhecimentos da bíblia e acontecimentos bíblicos e outra com anedotas (anedotas puras, claro!). Na parte da interactividade, há o fórum e um espaço de conversa. Nas notícias, há o espaço internacional, o relativo aos Estados Unidos, um sobre o cristianismo e um exclusivamente dedicado ao conflito israelo-palestiniano. Infelizmente, a loja não se encontrava activa, mas de certeza que terá muito material religioso.

<http://www.biblenet.net>

Nuno Curado

Lê-se...



Franz Kafka
“O Processo”
 Edições “Livros do Brasil, 2000.
10/10

A propósito dos processos kafkianos

Muito se tem ouvido falar de “processos kafkianos” de modo a designar um conceito que, à força dos acontecimentos do país, que todos nós conhecemos, transcende a nomenclatura da área do Direito, Psicologia ou Sociologia. Esta terminologia, e também o próprio conceito, surge com Franz Kafka n’ “O Processo”, numa época, após a I Grande Guerra, em que os escritores começam a compreender o homem na sua dimensão mais trágica perante a História, deixando os monstros da alma para se passar a reflectir sobre este monstro exterior ininteligível a que ninguém escapa.

Kafka (d)escreveu neste romance, no registo ficcional, uma situação que só mais tarde, sobretudo com as grandes potências totalizadoras, mas também com a própria democracia, se tornou real. Assim, importa sempre ressaltar que não foram as ideologias políticas e sociais nem uma ideia de Estado totalizante que importa combater, o móbil para a escrita de “O Processo”. O que parece mover Kafka, neste como outros escritos, é o mecanismo da culpa do indivíduo, da falta e da sua expiação, da sua finitude perante a lei que o transcende.

Josef K., personagem central da obra, é surpreendido no seu quarto por uma “comissão” que o informa de que é acusado, ficando K. sob vigilância permanente, ainda que possa manter o seu quotidiano. K. é acusado e perseguido - é de facto um preso - mas ninguém lhe sabe dizer o motivo dessa acusação, nem sequer quem o acusa. Entra-se assim num labirinto burocrático trágico e cómico, que se estende a todas as personagens, de onde ninguém pode fugir ou pode sequer compreender. K. exige saber o porquê desta situação e, como ninguém lho sabe dizer (embora o instiguem a ser ele próprio a procurar a sua culpa), Josef entra numa análise profunda de todo o seu comportamento passado. Procura, pois, uma falta para o castigo que já tem. Ou seja, procura a culpa para ter paz, para tentar perceber, para não ser punido em vão.

Um romance escrito de forma soberba que nos ajuda a compreender muito da nossa vida actual e que cada vez mais urge ler. Não se trata de um “big brother” à maneira de Orwell, nem move interesses humanos de encontrar um determinado culpado, mas sim do próprio sistema burocrático e da história da nossa civilização, da história que nos acompanhará para sempre e sob a qual nos sentimos esmagados. **Andreia Ferreira**

Desenha-se...



Emmanuel Guibert e Johan Sfar
“A Filha do Professor”
 Witloof, 2003.
8/10

A história de um amor utópico

Emmanuel Guibert é um autor já com uma certa experiência, não só na banda desenhada como também nas áreas do cinema e da ilustração. Nesta obra, através dos desenhos de Johan Sfar, conta-nos uma história de amor entre Imhotep IV, um príncipe egípcio retornado à vida sobre a forma de múmia, e Lileane Bowell, filha do professor e arqueólogo Bowell, que foi quem descobriu Imhotep.

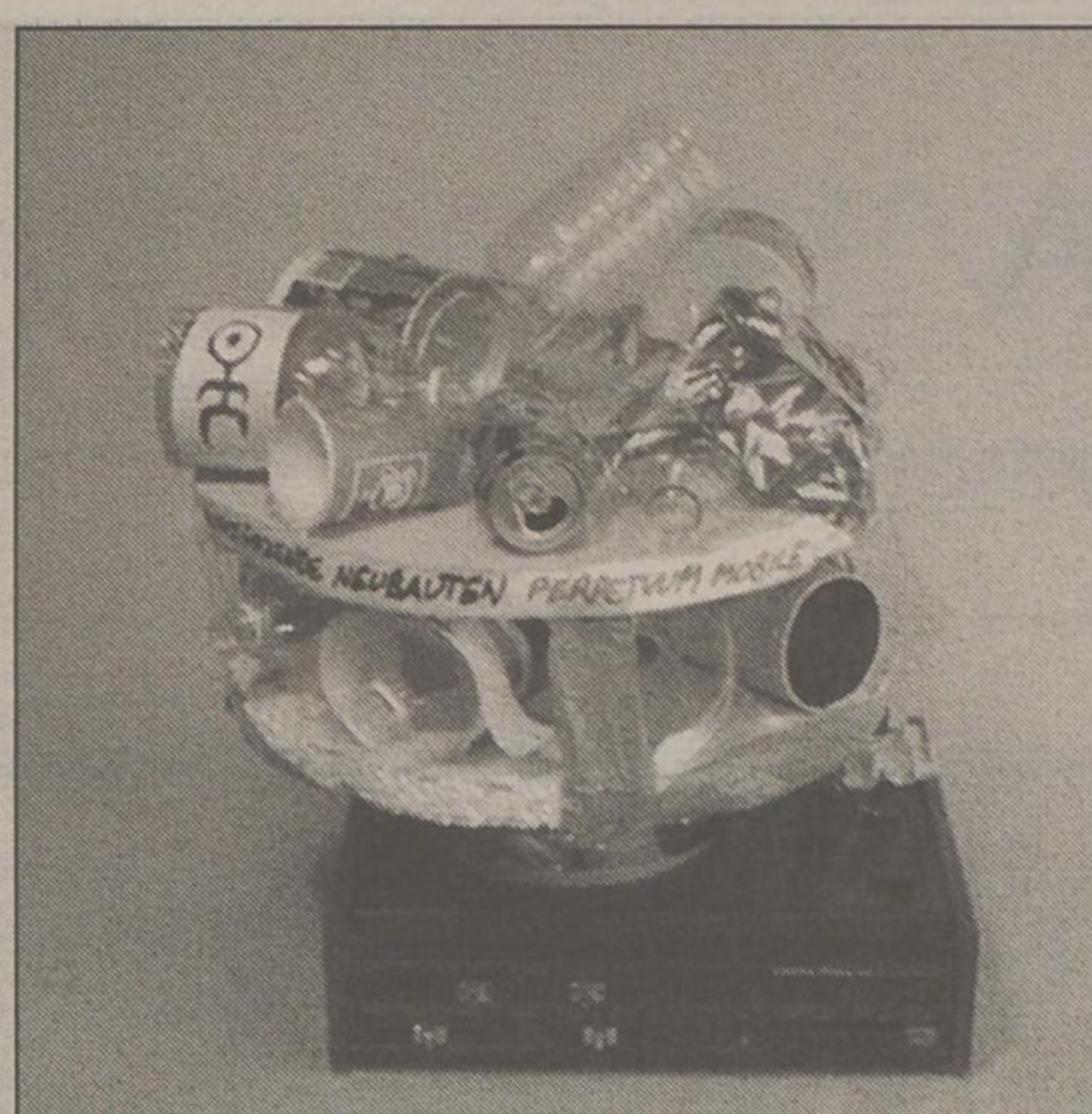
Numa Londres vitoriana do séc. XIX, o professor Bowell traz para o Museu Britânico de Londres o antigo faraó que acaba por se apaixonar pela filha daquele. No entanto, ao decidir ausentar-se do museu para passear com Lileane por Londres, Imhotep dá início a uma sucessão de acontecimentos que o envolvem não só a ele e à sua amada, como tam-

bém a uma série de outros personagens como Imhotep III, pai do personagem principal da história, ou o antiquário Bartholomew Rodgers, que o ajuda numa das suas peripécias.

Johan Sfar apresenta desenhos feitos a aguarela, marcados pela utilização de uma paleta reduzida de cores. Os desenhos são algo simplistas e com pouco detalhe, mas perfeitamente adequados ao argumento de Guibert, conseguindo recriar de uma forma brilhante o ambiente da Londres do séc. XIX.

Apesar do seu final relativamente previsível, esta obra é marcada por suspense e por um ritmo intenso, sem nunca no entanto prescindir de uma certa dose de humor, revelando-se assim como um dos melhores livros com que a banda desenhada franco-belga já nos presenteou. **José Miguel Pereira**

Ouve-se...



Einstürzende Neubauten
“Perpetuum Mobile”
 Mute Records, 2004
10/10

O sopro de um deus maior

A anti-música gerada pelos sons envolventes do quotidiano tal como nunca os ouvimos volta a ter um novo capítulo de sucesso absolutamente sublime. Neste âmbito, o quinteto que há cerca de 22 anos nasceu em Berlim assume cada vez mais o estatuto de grupo de “cientistas do som”, que o estudam e recriam sob a batuta da excentricidade.

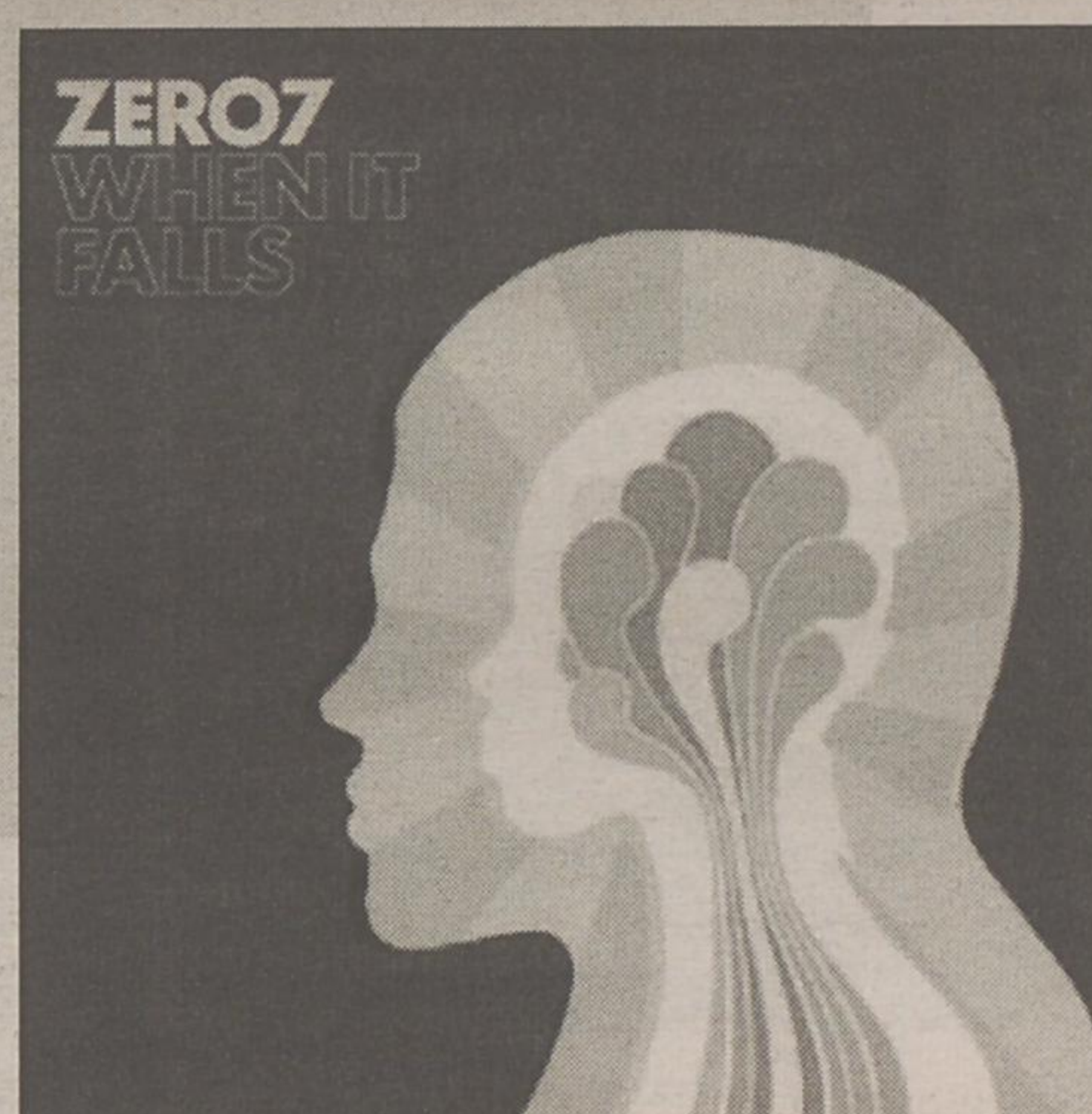
Hoje os elementos já não vivem o dia-a-dia em Berlim Ocidental, que não resistiu ao caos que tanto os inspirou nos primeiros anos de carreira. Berlim já é o ponto de chegada, a localização do laboratório onde confluem experiências dos quatro cantos do mundo e se produz um ensaio sobre o som que o som tem - o seu peso, a sua medida e, sobretudo, o ar da sua graça.

Quanto a este álbum, os Einstürzende Neubauten não tiveram qualquer receio em assumir desde logo que “Perpetuum Mobile” mais não era do que um ensaio sobre o ar em constante movimento, como se estivessem a começar a voar e, simultaneamente, conseguissem analisar cada uma das íntimas partículas que os rodeiam. Mas deixam desde já o aviso: “no próximo disco vamos aterrar com uma grande explosão”. Os Neubauten começaram por brincar com o caos e o fogo (no início dos anos 80, o próprio Blixa arriscou a vida num concerto, quando não parou de gritar enquanto o palco se incendiava), já desceram à terra em “Tabula Rasa” e “Ende Neu”, brincaram com tonalidades nitidamente bem mais aquáticas em “Silence is Sexy”, faltava agora o ar. Aqui, é omnipresente, seja numa suave brisa ou numa tempestade a fazer corar de inveja o mito do Adamastor.

A cultura do caos e do ruído já foi há muito substituída na filosofia Neubauten pela cultura da melodia, sempre conseguida pela forma menos ortodoxa possível: não são só os instrumentos criados pelos próprios, não é só a filosofia arrancada a ferros do peito de Blixa, não são só os elementos de cordas clássicas e vozes ou coros celestiais que por vezes vêm dizer “olá” como quem só veio ver a bola - é tudo.

Construindo segundo as regras do manual da desconstrução, os Einstürzende Neubauten geram um quinto elemento e contemplam-no lá bem de cima, onde o ar é “quem mais ordena”.

O boletim metereológico desta vez não engana, o tempo tão único e tão rico que se identifica com a audição deste “Perpetuum Mobile” só pode ser o sopro de um deus maior. **Hugo Ferreira**



Zero 7
“When It Falls”
 Ultimate Dilemma, 2004.

Música quente e multicolor

Nos tempos que correm, consome-se com excesso de urgência tudo o que na pop se perfuma de verdadeiramente novo. A fruição do imediato, com a procura de estímulos instantâneos, desfigura o mergulho livre na essência do objecto. Será, portanto, titânico o gesto de apreciação espontânea do segundo registo de originais dos Zero 7 sem que o ouvinte se desfaça de preconceitos que deturpem esse logro.

Henry Binns e Sam Hardaker são a face mais (in)visível de uma banda que começou por remisturar artistas diversos como Radiohead, Lambchop ou Terry Callier, até se arriscar na composição de originais com as vozes de Sia Furler, Sophie Barker e Moez, que resultou no belíssimo “Simple Things” de 2001. Refira-se ainda que o restante currículo é composto por algumas digressões intensas pelo globo, reedições revistas do primeiro longa duração e pela selecção de temas pela dupla para as compilações “Another Late Night”.

Este segundo trabalho, “When It Falls”, pode ser entendido como uma extensão natural do seu antecessor, compreendendo-se uma natural cumplicidade entre os membros do projecto, com a consequente maturação na composição, mesmo na elaboração sublime dos arranjos musicais. Desta forma, as premissas maiores são precisamente as mesmas: a estrutura dos temas em formato canção de cadência lenta, pormenores electrónicos aliados a apontamentos subtilmente jazzísticos, vozes soul de uma candura inebriante (ouça-se “Home”, com a voz da estreante dinamarquesa Tina Dico e escolhido para primeiro single) e letras inocentemente ternas.

Ao longo dos onze temas percorre-se sem grandes sobressaltos uma boa parte daquilo que a música popular nos tem oferecido de mais nobre. Não se estranhe, portanto, que o jazz se funda com a folk, ou que esta tenha ritmos hip-hop, ou mesmo que estes resvalam em canções de embalar. Cada instrumento respira no seu lugar próprio, compondo a sumptuosa filigrana dos arranjos das cordas, baixo, guitarra, trompete, flauta ou do teclado fender rhodes.

Um disco capaz de despertar as emoções mais tímidas do ouvinte, propondo-lhe uma aventura por um universo em lume brando, onde a música tem cor, cheiro, formas, sabor e alma. **Rui Caniço**

22 AGENDA

Em palco...

Beyond
the moon
and the
rain

"Teologia da Queda"
Ballet Contemporâneo do Norte
Encenação de Luís Carolino
Teatro Académico de Gil Vicente
26 e 27 de Fevereiro de 2004

O Ballet Contemporâneo do Norte construiu um espectáculo em volta de uma angústia desesperante que se faz sentir pelas roupas, pelas músicas e pelos olhares pretensamente vazios dos bailarinos. É a procura de um lugar onde não se chega nem de comboio nem de avião, ligeiramente inatingível, mas possível.

A ascensão e a queda do ser humano giram entre cinco personagens que se assemelham às múltiplas facetas de uma mesma pessoa. São dois amantes, uma criança de vestido verde esperançoso, um homem com um funil metálico no pescoço e uma mulher espartilhada por pele e ferro.

A "Teologia da Queda" é construída com movimentos de uma rapidez agressiva que a música torna aflitiva. As mulheres agarram-se às cabeças desvairadas e os homens batem no peito em gestos autistas. Os corpos batem-se contra a pelúcia, caem desamparados na fofura branca. Mas as



"Teologia da Queda": mais dança e menos ballet

mãos, seguidas pelos olhos, apontam para o alto.

Por entre a música ouve-se: "O ser humano tem uma necessidade de consolo impossível de satisfazer". Vê-se a mulher de espartilho chegar-se a um molho vermelho de flores. São facas os caules e ela crava-as no chão como se este fosse um peito traidor.

Quando os cinco seres rebotam pelo chão e pelas escadas, procurando a luz de que se ouve cantar, batem no peito e acenam "Não!" com a cabeça.

Todos para um canto, depois para outro, numa correria em que parecem fugir, procurar, esconder-se.

O Ballet Contemporâneo do Norte trouxe a Coimbra um espectáculo mais de dança que de ballet. A música penetra no espectador afligindo-o e o espectáculo acaba por consumir as pessoas de uma forma indelével. Mas, acima de tudo, o resultado é tolerado pela competência dos bailarinos e pela alma que imprimem à sua arte. **Crónica de Liliana Guimarães**

Outros rumos...

Melgaço

O extremo
norte lusitano

Seja por comboio, carro ou autocarro, a distância é o que menos importa quando o objectivo é descobrir as curiosidades de um Portugal cujas dimensões são tão pequenas, mas que possui tantos lugares característicos

Actualmente, o progresso parece ser uma afirmação em Portugal, progresso esse que aos poucos chega a todos os cantos do país, inclusive aqueles quase escondidos como Melgaço, a vila situada mais ao norte das terras lusitanas, numas das regiões mais belas da península, as terras banhadas pelo rio Minho.

Entre heranças históricas e tradicionais, do castelo roqueiro ao posto de informação turística (construído aos moldes das típicas casas castrejas), Melgaço reúne no seu espaço as marcas de uma história que entra em simetria com o contorno das terras que a rodeiam.

Há séculos que aquelas colinas ofere-



Terras portuguesas e espanholas separadas pelo Minho

cem aconchego e protecção ao povo que ali vive. O solo é uma terra rica para o cultivo de uvas, principalmente nesta época do ano, quando as pessoas começam a preparar as vinhas para a chegada da Primavera. Isto ao mesmo tempo que rogam, no silêncio do seu trabalho artesanal, por uma boa safra para a colheita que se aproxima.

Rota do caminho jacobino, Melgaço não é só terra de vinhas e paz campestre. Peregrinos oriundos de todos os cantos de Portugal aventuram-se pelos montes

do norte a caminho de Santiago de Compostela, cidade que, segundo a tradição católica, guarda os restos mortais do apóstolo Thiago.

Cercada pela antiga (e ainda hoje encerrada por alguns como a "inimiga") Espanha, Melgaço conseguiu sepultar nas margens do Minho anos de lutas e de guerras, provando que as diferenças entre as regiões não passam de um acidente geográfico e histórico. No fundo, uma convivência fraterna, separada apenas por um rio. **Crónica de Cláudio Vaz**

A não perder...

Teatro

- TAGV -
O Último Tango de Fermat
Teatro da Trindade,
encenação de Cláudio Hochman,
Amanhã e Quinta
A Educação de Rita
Com Sofia Alves e Victor de Sousa,
encenação de Celso Cleto,
Sábado
Stand-Up Tragedy
Concepção e interpretação
de Tiago Rodrigues
textos de Produções Fictícias,
Dias 10 e 11

- Museu de Física de Universidade de Coimbra -
Além do Infinito
Escola da Noite,
encenação de António Augusto Barros
A partir de sábado
até dia 27
(Quarta a Sábado)

Música

- TAGV -
The Wray Gunn
Apresentação do novo
álbum,
Sexta
Camané
Apresentação do álbum
"Como Sempre... Como Dantes"
Dia 11
Maria João e Mário Laginha
Organização do Rotary Club de Coimbra
Dia 12

Exposições

- TAGV -
Ilustrarte, Bial
Internacional de Ilustração
para a Infância 2003
Comissariado pela Câmara Municipal do Barreiro
Até Domingo
Fotografia de Cena
Colectiva de fotógrafos de Coimbra,
De 11 a 31

- Centro de Artes Visuais -
Jemima Stehli
Fotografia,
Até 21 de Março

- Edifício Chiado -
Exposição de pintura de Tran Hong Duc (Vietname)
Pintura abstracta,
Até 28 de Março

- Círculo de Artes Plásticas -
Core
Obras e instalações da autoria Miguel Ângelo Rocha,
Até 23 de Março

Cinema

- Cinemas Millenium Avenida -
Cine-Teatro
Alguém Tem que Ceder
De Nancy Meyers
Todos os dias - 14h30,
17h00, 19h30, 22h00, 0h30

Estúdio 1
Scary Movie 3 - Outro
Susto de Filme
De David Zucker
Todos os dias - 14h00,
16h00, 18h00, 20h00,
21h50, 0h15

Estúdio 2
Gothika
De Mathieu Kassovitz
Todos os dias - 13h45,
15h45, 17h45, 19h45,
21h45, 0h00

Sessão Especial
Virgens Suicidas
De Sophia Coppola
Hoje - 19h00,
amanhã - 19h00 e 24h00

- Cinemas Girassol -
Sala 1
Alguém Tem que Ceder
De Nancy Meyers
Todos os dias - 14h30,
16h45, 19h15, 21h45

Sala 2
Scary Movie 3 - Outro
Susto de Filme
De David Zucker
Todos os dias - 14h45,
17h00, 19h00, 21h30

- TAGV -
Ciclo Cinema em Cena
Noite de Estreia
De John Cassavetes
Segunda - 21h30
O Bêbé de Macôn
De Peter Greenaway
Dia 15 - 21h30

Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA Depósito Legal nº183245/02 Registo ICS nº116759

Director Emanuel Graça Chefe de Redacção João Pereira Editor de Fotografia Jonas Batista Editor de Academia e Universidade Tiago Azevedo Editor de Cidade, Nacional e Internacional Mário Guerreiro Editora de Ciência Lurdes Lagarto Editor de Desporto João Cortesão Editor de Cultura João Vasco Secretária de Redacção Liliana Guimarães Paginação Emanuel Graça Redacção Ana Maria Oliveira, André Jegundo, Bruno Fernandes, Bruno Gonçalves, Bruno Vicente, Carina Fonseca, Carla Pinto, Carla Santos, Carlos Portela, Cecília Santos, Cláudio Vaz, Cristina Bastos, Diana Ramos, Dinarte Melim Velosa, Filipa Oliveira, Gustavo Sampaio, Hélder João Pinto, Hugo Ferreira, Inês Saraiva, Joana Moreira, João Pedro Marques, Jorge Vaz Nande, José Manuel Camacho, Kossaquí, Leila Campos, Marco Pereira, Margarida Matos, Maria João Lopes, Marília Frias, Marilyne Alves, Marta Poiares, Nuno Braga, Nuno Curado, Nuno Felício, Olga Telo Cordeiro, Patrícia Lourenço, Paulo Alexandre Teixeira, Paulo Nuno Vicente, Paula Velho, Pedro Costa Gomes, Pedro Santos, Rita Delille, Rui Justiniano, Rui Pestana, Sandra Dias, Sara Cardoso, Sofia Carvalho, Sónia Nunes, Soraia Letra, Suzana Marto, Tiago Pereira de Carvalho, Tiago Pimentel, Vítor Aires, Vítor Rodrigues e Oliveira Colaboradores Adalgisa Leitão, Ana Elisa Varelhas, Ana Martins, Andreia Ferreira, Ângela Loureiro, António Gil Leitão, Arlete Moraes, Bruno Costa, David Jacob, Diana Duarte, João Pedro Campos, Jorge Mendes, José Miguel Abrantes, José Miguel Pereira, Laura Bastos, Liliana Carona, Liliana Gonçalves, Marisa Ferreira, Nádia Albasini, Patrícia Ramos, Ricardo Duarte, Rita Faria, Rita Gouveia, Rosa Ramos, Sandra Pereira, Tiago Almeida Fotografia Ana Laura, Ana Maria Oliveira, Bruno Costa, Carla Pinto, Clarisse Magalhães, Cláudio Vaz, Daniel Sequeira, Francisca Moreira, Joana Fonseca, Jorge Vaz Nande, José Sousa, Marilyne Alves, Pedro Costa Gomes, Pedro Bonifácio, Rui Couto, Rui Simões, Susana Ventura Publicidade Sofia Carvalho - 239821554; 914941677 Impressão CIC - CORAZE, Oliveira de Azeméis, Telefone. 256661460, Fax: 256673861, e-mail: grafica@coraze.com Tiragem 3000 exemplares Produção Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra Propriedade Associação Académica de Coimbra Agradecimentos Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra

A CABRA
Jornal Universitário de Coimbra

Secção de Jornalismo,
Associação Académica de Coimbra,
Rua Padre António Vieira, nº1
3000 - 315 Coimbra
Tel. 239821554 Fax. 239821554

acabra.net
Jornal Universitário de Coimbra

e-mail: cabra@aac.uc.pt

Hemingway chega às salas de cinema

Sir Anthony Hopkins irá interpretar o papel de Ernest Hemingway num filme a estrear em 2005.

"Papa" era o apelido de Ernest Hemingway e será o título do filme. O enredo terá lugar em Havana, entre a revolução cubana de 1953 e os últimos anos da vida de Ernest Hemingway.

Vai ser retratado um encontro que aconteceu entre Hemingway e Denne Bart Petitclerc, a argumentista. O papel de Denne será dado a Meg Ryan. A galardoada actriz vai interpretar uma jovem jornalista que, à procura da família, conhece Hemingway. O filme que agora se encontra em pré-produção será realizado pelo ex-dirigente da Royal Shakespeare Company, Adrian Noble.

Ernest Hemingway ganhou o Prémio Nobel da Literatura em 1954 e suicidou-se em 1961. O autor ficou conhecido pelo amor por touradas, pescarias e caçadas. Em comum, Hopkins e Hemingway têm os vários casamentos, problemas de alcoolismo e o facto de terem nascido em Port Talbot.



Ernest Hemingway

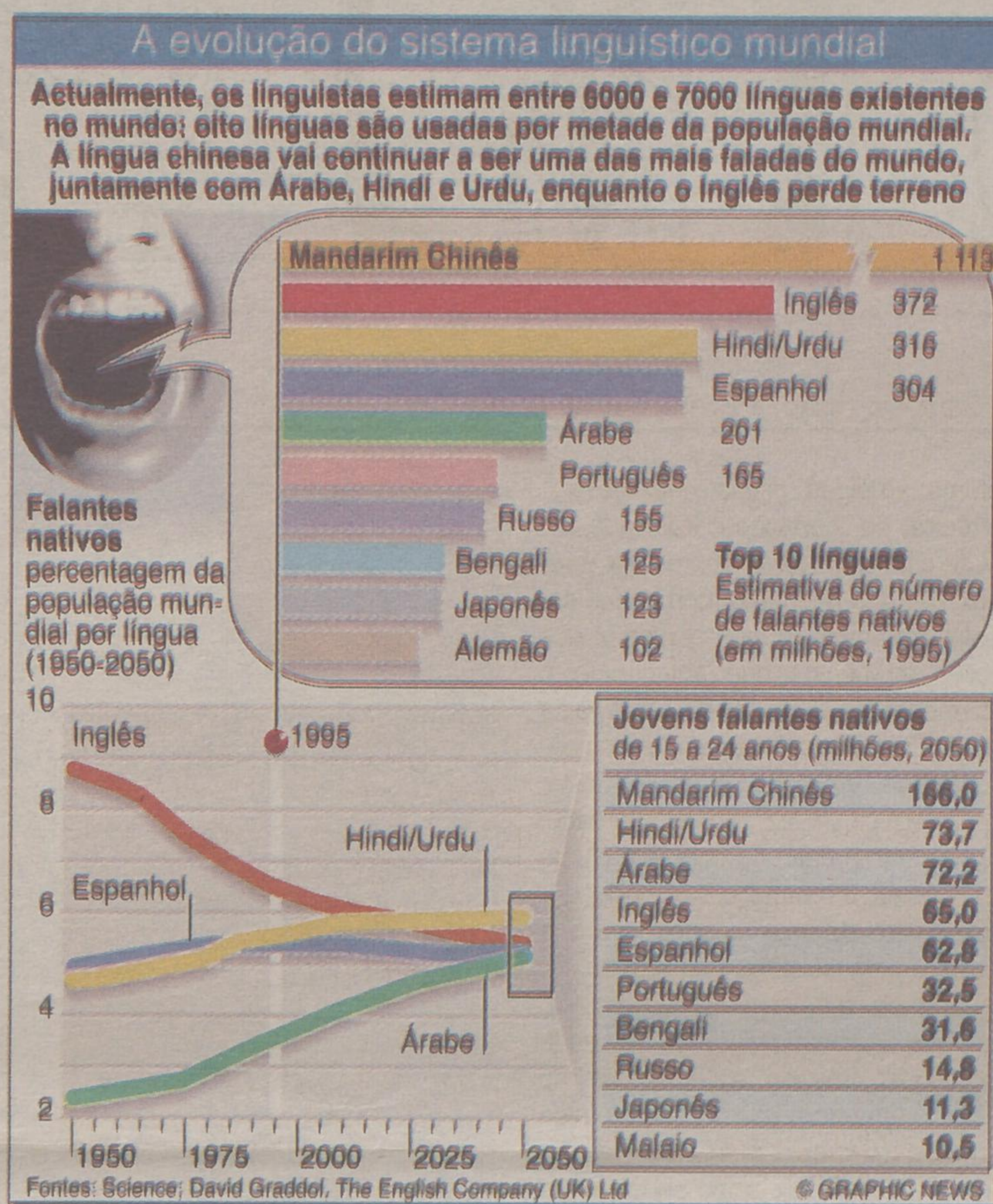
Português é sexta língua mais falada do mundo

Foi publicado, na semana passada, um estudo que aponta para uma crescente tendência multilinguística das pessoas. Da autoria do linguista inglês David Graddol, foi publicado na conceituada revista científica "Science". O estudioso define o período actual como de "recuperação do momento de crise do sistema linguístico mundial".

O relatório demonstra o número crescente de falantes de mais do que uma língua. Além disso, o estudioso inglês indica um declínio da soberania da língua inglesa. Graddol refere que o Inglês vai continuar a ser uma das línguas mais importantes do mundo, mas não a única. Muito importantes vão ser também o Espanhol e o Chinês.

No futuro, as pessoas que falam exclusivamente Inglês, especialmente americanos e ingleses, sentirão algumas dificuldades em termos de emprego, vida política e na compreensão de questões culturais e sociais do meio envolvente. Graddol revela ainda que o número de falantes nativos de Inglês no mundo está a diminuir. O linguista estima em cinco por cento de falantes nativos de Inglês em 2050, contra os nove por cento do século XX. Assim, a tendência da língua inglesa não é esbater outras línguas, mas sim contribuir para a formação de uma nova geração de falantes bilingues e multilingues.

O estudo de Graddol aponta ainda para o desaparecimento de cerca de metade dos idiomas existentes actualmente. Estima-se que sejam entre 6000 e 7000 as línguas faladas



actualmente. Destas, existem cerca de 300 que são faladas por mais de um milhão de pessoas. Cerca de 400 línguas desapareceram no final do século XX. O mesmo pode voltar a acontecer, já que vários idiomas estão condenados pelos avanços tecnológicos e pelas mudanças demográficas. Um exemplo é a língua que se fala na Sibéria. Esta é usada por

um número muito pequeno de habitantes locais, todos com mais de 45 anos. Quando o último falante fluente morrer, morre também a língua. A morte destas línguas nativas e rurais pode processar-se à velocidade de uma por dia. Em contrapartida, Chinês, Hindi, Espanhol e Árabe vão se manter no topo do ranking das mais faladas no mundo.

"Paixão" controversa inunda o grande ecrã

Mel Gibson é o responsável por um dos filmes mais mediáticos do momento. "A Paixão de Cristo" retrata as últimas doze horas da vida de Jesus Cristo e rendeu até agora cerca de 23,6 milhões de euros só nos cinemas americanos.

As reacções dos cinéfilos têm sido as mais variadas, do choque às lágrimas, da raiva a uma tendência consumista. Desde que o filme estreou que várias entidades e pessoas se têm manifestado. Grupos de judeus insurgiram-se contra a alegada violência anti-semita que o filme encerra. Por seu turno, o Presidente Bush já afirmou publicamente querer ver o filme.

Estreias milionárias	
Estreio na Quarta-Feira de Cinzas, A Paixão de Cristo, realizada por Mel Gibson, obteve uma receita de mais de 19 milhões de euros no primeiro dia de exibição nos cinemas.	
1 O Senhor dos Anéis: O Regresso do Rei	27,7 milhões €
2 Guerra das Estrelas: A Ameaça Fantasma	23,9 milhões €
3 O Senhor dos Anéis: As Duas Torres	21,1 milhões €
4 Matrix Revolutions	19,8 milhões €
5 A Paixão de Cristo	19 milhões €
Foto: Philippe Antonello © GRAPHIC NEWS	

Jactos e rins em leilão na internet

Em www.ebay.com pode comprar-se quase tudo. É um leilão mundial on-line. Neste site fazem-se transacções de antiguidades, livros, peças de arte, carros, roupa, brinquedos, entre outros.

Por entre os milhares de artigos que estão à distância de um clique, encontram-se as coisas mais insólitas como partes do corpo, aparelhos militares ou nada.

Há a destacar de entre as peças leiloadas um balde de água, da torneira, vendido por cerca de 150 euros. Ou o anúncio para licitações de nada. O produto para venda: nada. Foi ainda possível encontrar o anúncio que um homem fazia ao cérebro da esposa. O vendedor argumenta: "Em óptimo estado; nunca foi usado".

Mas, para quem quiser comprar brinquedos para adultos, tem à disposição um avião russo MiG-29. O dono do avião, que se mantém anónimo, recebeu uma oferta de cerca de 99 milhões de euros.

Na mesma altura foi também posto à venda um Hornet F/A-18 que

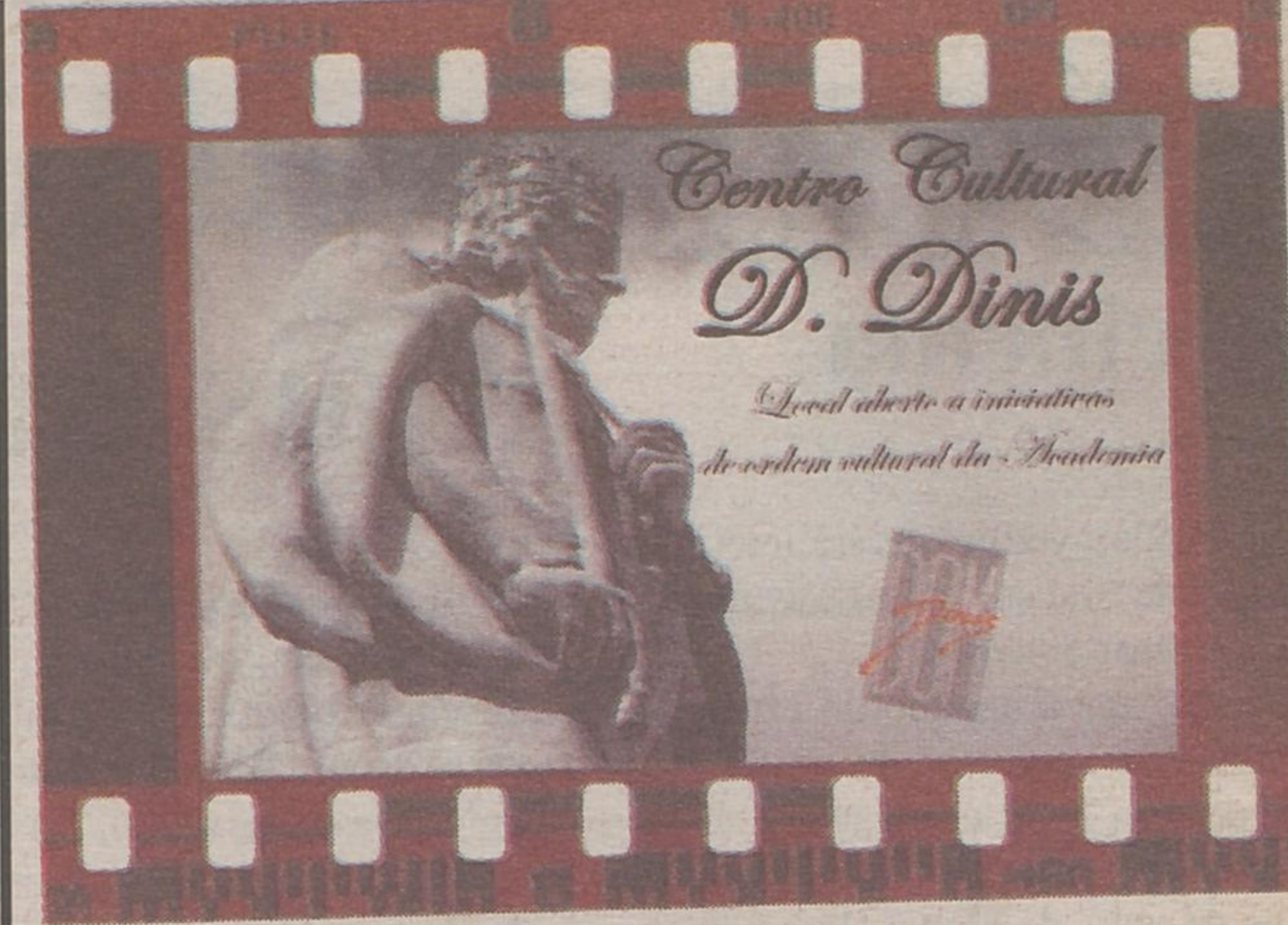
pertenceu a uma equipa de demonstração aérea, segundo o vendedor Mike Landa, em declarações à Associated Press.

Em Dezembro de 2003, um inglês colocou à disposição dos compradores um dos seus rins. Peter Randall propunha uma base de licitação de 50.000 libras, que serviriam para uma causa nobre. Pagar um tratamento médico para a filha de seis anos, que tem paralisia cerebral e não caminha. O rim "de um homem não fumador que apenas bebe socialmente e está de boa saúde" não recebeu nenhuma oferta. A eBay retirou o anúncio do site assim que tomou conhecimento deste através de publicidade mediática. A companhia fez ainda circular um comunicado referindo a ilegalidade da venda de órgãos humanos.

Estão ainda há venda um catamaran do departamento de transportes de Washington, abrigos nucleares do Ministério da Defesa do Reino Unido e fotografias de Winston Churchill quando era jovem.

The screenshot shows the eBay homepage with navigation links (home, pay, register, sign in, services, site map, help), search and account buttons (Browse, Search, Sell, My eBay, Community), and a sidebar with 'Specialty Sites' (eBay Gift Certificates, eBay Motors, eBay Stores, Half.com by eBay, PayPal) and 'Categories' (Antiques, Business, Construction, Cars, Clothing, Computers, Consumer Electronics, Dolls & Bears). The main content area features a 'PROJECT CARS' section with a car image and a 'G.I. Joe 40th Anniversary' section with a figure image.

No site de leilões Ebay é possível comprar tudo: desde cérebros a... nada!

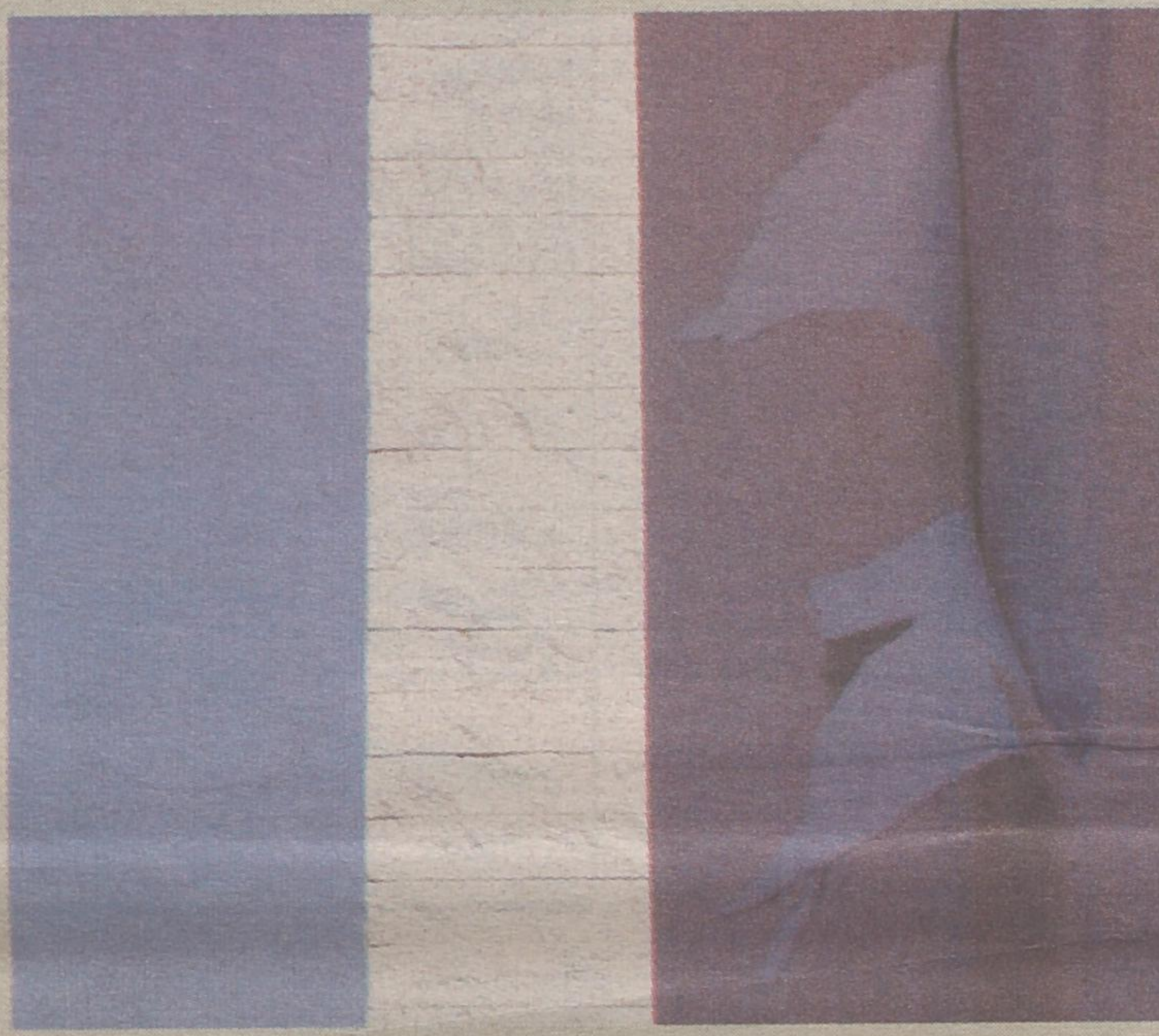


IMAGETICA

Por Gustavo Sampaio (texto) e Jonas Batista (fotografia)

Uma bandeira tripartida em faixas verticais, cada uma delas representativa de um determinado momento histórico no decurso da vida; eis o que me ocorre escrever, em noite fria e chuvosa, perante uma imagem perturbante, mas imensamente bela. O Passado dilacerante, em processo de decomposição no interior da memória, com as reminiscências que procuro esquecer mas que tornam a reaparecer, vezes sem conta, a cada momento, constantemente, como que despedaçando todas as decididas tentativas de seguir em frente sem pensar mais no assunto, um assunto perdido, pelas circunstâncias de um Amor profundo, demasiado profundo para sobreviver, como se tornou óbvio através do tempo, com o constante derramar, no escuro escondido do quarto, de lágrimas brancas de puro sofrimento. O Presente neutro de recuperação, de esperança, de tristeza, desta dualidade

irritante, ambígua, difusa, quase esquizofrénica, de libertação e felicidade absoluta com melancolia depressiva e recordação dos melhores momentos, em desfile torturante, quase perverso, nos breves momentos que antecedem o adormecer, no gélido frio da cama vazia de ti. O Futuro que me espera, impaciente, radioso, em tons de azul-celeste, aquele azul que faz sonhar acordado, com o vento a bater na cara, e o cheiro das árvores, e o barulho da cidade, e o doce sorriso de uma rapariga loira que encontro com insistência na rua, na esplanada, no cinema, como que pedindo para que eu pense nela, para que eu fique curioso, ansioso, agitado, como no início de uma nova paixão, sempre algo de muito, muito belo, puro, inocente, platinado, vivo, perfeito, como aquele olhar terno com o qual me persegues no meio de uma multidão estranha ao que começo a sentir por ti...



AAC reúne com embaixadas

A Associação Académica de Coimbra (AAC) tem reunido com as embaixadas de vários países da União Europeia, com o intuito de reunir informação sobre os diferentes sistemas de ensino. Irlanda, Grécia e França foram alguns dos países cujos representantes já falaram com os estudantes. De acordo com Miguel Duarte, presidente da Direcção-Geral da AAC, estas reuniões têm como objectivo conhecer os sistemas dos países onde o "ensino superior é considerado uma prioridade". Miguel Duarte acrescenta que é preciso mostrar a "todos os portugueses que é possível um sistema de ensino superior diferente e melhor, com igualdade de oportunidades".

Das três reuniões que já se realizaram, o dirigente associativo refere que "as propinas não existem ou são muito reduzidas, existindo ainda um grande reforço da acção social". Miguel Duarte salienta o facto de na Grécia e França os "estudantes receberem gratuitamente os livros e fotocópias que necessitam" e de existirem também "acordos para a criação de descontos nos serviços públicos".

Em termos comparativos, o presidente da direcção-geral fala na importância de se perceber que é possível um sistema de ensino superior sem propinas se o dinheiro for "canalizado exclusivamente para os estudantes e, assim, para o ensino, ao contrário de cerca de 96 por cento do orçamento servir para pagamento do ordenado aos docentes, como acontece na Universidade de Coimbra".

Outro ponto importante diz respeito aos mestrados e pós-graduações. Em França estes têm geralmente a duração de um ano "com um custo irrisório de cerca de mil euros". Também na Grécia os custos são "quase totalmente suportados pelo Estado", algo que não acontece em Portugal.

Estudantina: duas décadas de irreverência

Vinte anos depois da primeira actuação, o grupo continua a levar a música de Coimbra a palcos internacionais

O ponto alto das comemorações dos vinte anos da Estudantina Universitária está marcado para o próximo dia 12: um jantar de aniversário a que se seguem os obrigatórios convívios. Tem também início nesse fim-de-semana a 13ª edição do Festival Internacional de Tunas de Coimbra - FESTUNA. Normalmente agendado para o mês de Novembro, este FESTUNA foi adiado para Março (ver caixa) para coincidir com os vinte anos do grupo.

Para Carlos Figueiredo - "Mama", como é chamado na Estudantina, onde cada membro tem uma alcunha - fazer parte da Estudantina é "pertencer a um

dos grupos que melhor representa as tradições e a música da academia". Este sentimento de pertença é também focado por Sandro Alves ("Samba"): "Há espírito de grupo, dedicação, respeito pela Estudantina, pela academia e pela tradição". Já para Ricardo Mingatos ("Bob"), ser "estudantino" é ainda uma "oportunidade de conhecer pessoas diferentes".

O estandarte é uma das imagens de marca do grupo. As fitas coloridas (uma por cada faculdade) e as insígnias da praxe são encimadas por um par de cornos. São um "sinal de reverência", explica Ricardo Mingatos.

Quem entra para a Estudantina é considerado "projecto". Depois de ter aprendido as canções passa a "caloiro". Só então, o novato poderá aspirar a ser considerado um "estudantino". O processo pode demorar até dois anos, mas, como sublinha Carlos Figueiredo, pertencer à Estudantina não é um estatuto adquirido apenas com o pas-

sar do tempo. É preciso ter assimilado "o espírito e os valores do grupo".

A Estudantina Universitária de Coimbra, integrada na Secção de Fado, foi fundada em 1984. O objectivo era recuperar o espírito da Estudantina Académica de Coimbra, que nasceu no final do século XIX e que acabou por dar origem à Tuna Académica. O primeiro espectáculo foi na Póvoa do Lanhoso. Contudo, o sucesso veio

com a actuação no Teatro Académico de Gil Vicente, durante o Sarau da Queima das Fitas de 1985. Desde a fundação, a Estudantina actuou já por diversas vezes no estrangeiro. Representou Portugal em palcos internacionais, como a Expo'92, em Sevilha, ou o palácio Ducal, em Génova, na Itália, onde acompanhou uma visita feita pelo antigo Presidente da República Mário Soares.

Tunas de além-fronteira

O XIII FESTUNA começa no próximo dia 12, sexta-feira. Como habitual, a iniciativa traz a Coimbra grupos de vários pontos do mundo. Cinco tunas espanholas, duas porto-riquenhas, uma tuna mexicana e outra holandesa compõem o leque da música estrangeira que no dia 13 sobe ao palco do Teatro Académico de Gil Vicente. A presença nacional é assegurada pelas tunas universitárias do Porto, do Minho, de Aveiro e do Instituto Superior Técnico, bem como pela antUNiA (o grupo da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa) e pela Tuna Académica da Universidade Católica do Porto. Para além do espectáculo principal na noite de sábado, estão ainda agendados convívios e actividades desportivas.

RUC
107.9 FM

18 anos
APRESENTA

WRAYGUNN
+ ESTICALIMÓSEICA

SEXTA 5.3.04 21.30 TAGV